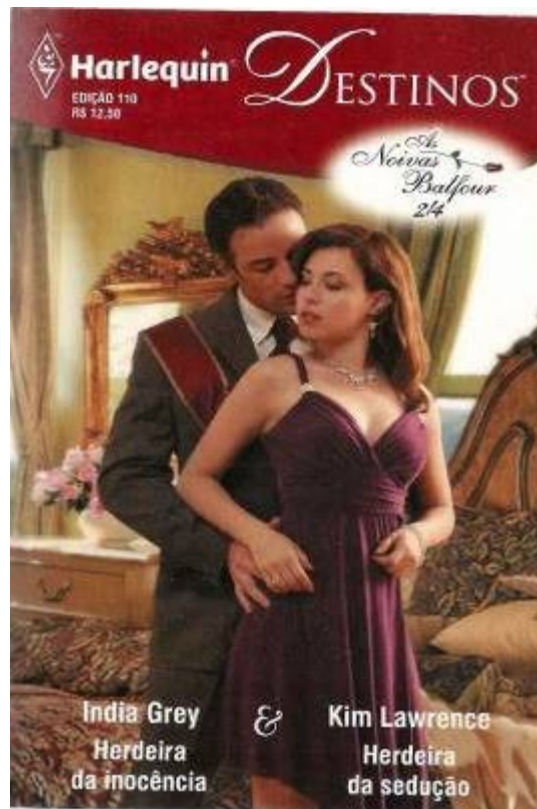


HERDEIRA DA INOCÊNCIA

Emily's Innocence

Índia Grey



*Uma poderosa dinastia e 8 herdeiras em apuros...
Uma saga de emoções, paixão e glamour!*

Ela era inocente e estava à disposição de um soberano!

Emily Balfour havia deixado para trás sua vida de princesa quando descobriu que tudo fora construído sobre mentiras! Agora, apesar de sua ingenuidade, lutava para conseguir sobreviver na pobreza. Ao reconhecê-la como uma das herdeiras Balfour, o príncipe Luis Cordoba tramou um plano diabólico para ter aos seus pés a única mulher que o rejeitara. Sem casa e abandonada, ele ofereceu para Emily um teto, roupas caras, joias... e um lugar em sua cama! Arrebatada para seu reino, Emily não tinha outra escolha... mas seu coração a alertava para não ser apenas mais um troféu para Luis.

Digitalização: Projeto Revisoras

Revisão: Andréa Madeira

Projeto Revisoras



PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES IIB.V/S.à.r.1.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: EMILY'S INNOCENCE

Copyright © 2010 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon The Balfour Brides

Título original: SOPHIE'S SEDUCTION

Copyright © 2010 by Harlequin Books S.A.

Originalmente publicado em 2010 por Mills & Boon The Balfour Brides

Arte-final de capa: Isabelle Paiva'

Colaboração na tradução: Rodrigo Sousa

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186/ 2195-3185/ 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4o andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência pára:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Prólogo

— Não deixe de me ligar quando crescer!

Enquanto Emily se desviava das árvores floridas e atravessava o pátio sob a luz crepuscular, a voz dele a seguia: debochada, divertida e com seu leve sotaque exótico terrivelmente sexy.

Ela apertou o passo para se afastar o máximo possível. Com a cabeça abaixada, indiferente aos olhares curiosos dos convidados espalhados pelo gramado aveludado da mansão Balfour, ela correu em direção à casa, mordendo o lábio ainda sensível pelo beijo dele.

O 99º Baile de Caridade Balfour estava a pleno vapor, e o som de risos, conversas e taças tilintando pairava sobre a música que vinha da tenda. Diante dela, a casa majestosa resplandecia com a luz que saía de cada janela, suas pedras cor de mel brilhavam no escuro como ouro antigo. Ela sentia nas costas a escuridão do jardim lá atrás, causando-lhe arrepios no corpo inteiro. Seu coração batia tão rápido que podia senti-lo por todo o corpo. Uma pulsação rápida e forte se intensificou ao subir os degraus de pedra da entrada.

Ele arruinara tudo.

Ela esperara tanto tempo por essa festa, desde os longos anos no internato, quando se limitava a recortar os detalhes do baile Balfour anual nas revistas de celebridades e juntar os fragmentos de fofoca de suas irmãs mais velhas. Esse ano, com o término das aulas de balé, sua vez finalmente chegara.

Piscou, ofuscada pela luz do hall iluminado, e rumou direto para a escadaria, segurando a saia longa de seu vestido, tentando não pensar na excitação com que o vestira apenas algumas horas antes. Sentira-se tão adulta e sofisticada...

Até o momento em que aqueles olhos dourados e experientes a observaram demoradamente, e então ela sentiu algo muito diferente.

Quando chegou ao seu quarto, fechou a porta e encostou-se nela por um instante, ofegante. O quarto estava cheio de sombras violeta que tornavam tudo indistinto, fazendo os objetos familiares parecerem estranhos e irreconhecíveis. Mas ela não acendeu a luz. Em vez disso, foi em direção à janela.

O jardim que brilhava com luzes minúsculas estendia-se diante dela. Era como uma ilustração de um livro infantil, um reino encantado, um conto de fadas. E era isso que desejara, pensou com um suspiro, encostando a testa na vidraça. Queria que fosse um conto de fadas com um príncipe à espera pronto para apaixonar-se por ela.

Seus olhos foram além das delicadas fileiras de luzes **esféricas** e dos candelabros de cristal sobre as mesas espalhadas no pátio, para mais longe, na escuridão em que as sombras se moviam sob as árvores.

Era ali que ele estava.

Emily pressionou as mãos contra o vidro, tomada subitamente por um desejo tão puro e doloroso que mal lhe permitia respirar. O gosto dele ainda estava em seus lábios, e ela passou a língua neles, lembrando-se do momento em que ele apareceu diante dela sob as árvores e a puxou contra si, sem pressa, languidamente, como se fosse a coisa mais natural do mundo...

E a beijou.

Estava muito surpresa para resistir. Foi como se uma onda poderosa tivesse se formado dentro dela e não conseguisse fazer nada enquanto era arrastada em redemoinhos quentes de uma sensação incompreensível que obscurecia qualquer lógica. Sua boca movia-se sobre a dela, devagar e habilmente, e seus dedos lhe acariciavam a nuca e a concavidade sob seu queixo, fazendo ondulações de prazer descenderem por suas costas até ela sentir-se frágil a ponto de se estilhaçar em pedaços.

E então ele levantou a cabeça, e naquele instante ela viu o brilho de seus olhos perversos na escuridão. O encanto fora quebrado e ela voltou a si, sem ar, sem voz, e horrorizada por seu comportamento irreconhecível. Aterrorizada com a facilidade com que ele a fizera agir assim.

Que o príncipe Luis Cordoba de Santosa era bonito não havia dúvida, mas não estava interessado em amor. E por detrás daquele terno de alta costura e do sorriso encantador não havia nenhum príncipe inofensivo de conto de fadas.

Perigoso, arrebatador...

Ele era o lobo.

Capítulo Um

Um ano depois

A mansão Balfour, dourada e majestosa, brilhava como um topázio num leito de veludo esmeralda. Cada detalhe era familiar a Emily como a palma de sua mão. Era a última coisa que esperava ver na estação de metrô encardida.

Era hora do *rush*. Arrastada pelo fluxo dos passageiros estressados, ofuscada pelo súbito brilho daquele anoitecer de maio, o primeiro pensamento de Emily foi de que devia ser imaginação sua. Que depois de dois meses do exílio a que se submeteu em uma quitinete que deu uma nova dimensão à palavra *sombrio*, sua saudade de casa a dominara, e estava tendo alucinações.

Um homem que estava atrás lhe deu um encontrão quando ela parou, e soltou um palavrão nojento. Emily balbuciou, se desculpou e forçou passagem no fluxo de pessoas, voltando à banca de jornais. Devia ter se enganado. Devia ter visto uma foto do Palácio de Buckingham, alguma notícia sobre uma pequena indiscrição real ou...

Escândalo atinge a herança Balfour

Horrorizada, Emily pegou um jornal e leu o texto sob o título. Sua cabeça girava. Estava repleto de exclamações e insinuações maldosas, mas os nomes saltaram diante dela. *Olivia Balfour... Bella... Alexandra... Zoe...*

Zoe?

— Vai comprar o jornal? Isso aqui não é uma livraria, sabe?

Vinda de um universo paralelo, a voz do jornalista penetrou em sua consciência.

— Oh, claro. Desculpe — ela disse depressa, vasculhando o bolso do cardigã à procura da gorjeta de cinco libras que, um bêbado lhe dera após ter contado tudo sobre sua família e seus filhos e ter colocado a mão por cima de sua saia.

Mais calmo, o jornalista lhe deu uma piscadela conspiradora.

— A velha história de sempre, hã? Lindas casas, dinheiro, festas... Mas eu me pergunto, algum dos Balfour é feliz? — Ele balançou a cabeça, dando um sorriso divertido.

Não, Emily pensou ao afastar-se com o jornal nas mãos. *Não acho que sejamos. Não mais.* Tentou sorrir para ele, mas seu rosto estava enrijecido. Seus olhos estavam arregalados e imóveis enquanto as palavras do artigo giravam em sua cabeça. *Descoberta chocante... relação ilícita... ilegitimidade... escândalo...*

Apenas um ano antes, tudo teria sido diferente. Quando voltou a se juntar à multidão, pensou no momento anterior à chegada dos primeiros convidados, quando descera as escadas em seu vestido de seda azul sentindo-se adulta.

Mas não tinha nada de adulta. Não na época. Era vergonhosamente ingênua. Desceu o túnel asfixiante segurando o título escandaloso contra o peito, como se assim conseguisse esconder as acusações do resto do mundo. Enquanto esperava na plataforma, percebeu angustiada que uma mulher a sua esquerda segurava uma cópia

do jornal e lia a notícia com ar indiferente, como se fosse insignificante.

Um estrondo na escuridão indicou a chegada do trem. Emily passou para a frente da multidão aos empurrões e entrou no trem com uma agressividade inabitual. Deslizou rapidamente para um assento vazio, e pela primeira vez na vida não olhou antes para ver se alguém precisava sentar. Quando o trem disparou pelo túnel, ela respirou fundo e desdobrou o jornal.

Exclusivo! Quando o sangue deixa de ser azul

Na noite passada, havia apenas um lugar para ver e ser visto: o baile de caridade Balfour! Mas, apesar do brilho e do glamour, nada era como parecia ser.

Nos bastidores, Olivia Balfour e sua escandalosa irmã Bella travavam uma batalha contra uma descoberta chocante.

Sua falecida mãe, a socialite Alexandra Balfour, concebera sua irmã Zoe durante um caso extraconjugal.

Emily mordeu os lábios para reprimir o choro e levantou a cabeça, olhando para o nada, enquanto o rosto de Zoe lhe vinha à lembrança. Linda Zoe, com seus deslumbrantes olhos verdes que a diferenciavam de suas irmãs de olhos azuis.

Olhou de novo para o jornal e leu o resto do artigo enquanto sua cabeça girava e seu estômago revirava. Tremia como se sentisse frio, e teve de segurá-lo com firmeza para conseguir ler.

O nome Balfour pode ser sinônimo de glamour e estilo, mas esse é o segundo membro ilegítimo da família a ser descoberto no espaço de alguns meses. Parece que essa dinastia está podre por dentro...

Era mais ou menos a mesma acusação que ela fizera a seu pai na noite da chegada inoportuna de Mia à família. A lembrança daquela noite horrível a sufocou como um abraço gélido. Pobre Mia. Fora em busca de uma família feliz e, em vez disso, entrou em uma tragédia digna de Chekhov.

O trem parou em uma estação, trazendo Emily bruscamente de volta ao presente. Viu outra multidão sair e entrar pelas portas. Rostos anônimos cujas vidas, alegrias e decepções não conseguia nem imaginar. Era apenas mais um deles. Outro rosto anônimo na multidão. Uma garota voltando do trabalho, como qualquer outra.

Um vazio de solidão abriu-se diante dela, e antes que pudesse reagir viu-se mergulhando em direção a ele. Fechou bem os olhos e respirou fundo, momentaneamente tonta e desorientada de saudade de casa. Isso acontecia de vez em quando, estava se habituando. Era só se controlar e esperar passar. O problema era que, até dois meses atrás, sua família e a dança eram sua vida. E agora não tinha nenhuma das duas.

Olhou para o jornal, ávida por qualquer mínima informação sobre as pessoas que amava e para quem virara as costas de modo tão definitivo. No final do artigo da primeira página ela leu: *Mais detalhes e fotos do deslumbrante baile de caridade da noite passada nas páginas 12 e 13...*

Com os dedos trêmulos, virou as páginas e alisou o jornal sobre os joelhos quando viu as fotos. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela as conteve. Oh, Deus, ali estava Kat, deslumbrante em um vestido de seda vermelho, e Bella e Olivia, de pé uma

ao lado da outra, exibindo sorrisos que não escondiam a tensão em seus olhos. *A calmaria antes da tempestade*, dizia a legenda da foto. Olhando para aqueles rostos familiares, Emily percebeu que sorria, embora seu coração estivesse dilacerado. Mas seu sorriso desapareceu ao olhar para uma foto de seu pai ao lado de uma famosa atriz inglesa. Era uma amiga da família de longa data, mas pelo modo como Oscar envolvia delicadamente sua cintura Emily imaginou se ela não seria mais do que isso...

Formaram-se sombras em sua cabeça, formas escuras que se insinuavam através das árvores.

Odiando a si mesma por sua desconfiança, odiando seu pai por colocar isso em sua cabeça, ela passou rapidamente para outra fotografia.

E congelou.

Tentou não olhar. Realmente tentou. Não queria continuar a fitar desamparada aqueles olhos dourados fixos nela. Nem lembrar como foi tê-los olhando para ela pessoalmente. Aproximando-se dela. Com um brilho divertido e de deliciosa malícia...

O príncipe Luís Cordoba de Santosa chega à festa, dizia o texto sob a foto. Mas o recém-regenerado playboy conseguirá resistir às irmãs Balfour?

O trem parou e, surpresa, Emily viu que chegara a sua estação. Ficou em pé num pulo, dobrando o jornal de qualquer jeito. Por um átimo de segundo pensou em deixá-lo no assento, mas acabou colocando-o debaixo do braço enquanto saía do trem.

Fez isso por odiar a ideia de alguém pegá-lo e ler os detalhes sórdidos da ruína de sua família, disse a si mesma enquanto caminhava rapidamente até as escadas. Não por querer ler mais sobre Luis Cordoba, nem para continuar a olhar para sua foto onde estava lindo de *smoking*.

Claro que não.

Por que o faria? Ele era perigoso, e Emily não gostava de perigo. Não tinha o menor interesse nele, o que já ficara bastante claro no baile do ano anterior.

E só para provar isso a si mesma jogou o jornal na primeira lixeira que encontrou na saída da estação. E deu um sorrisinho de satisfação enquanto continuava seu caminho, determinada.

— Onde diabos estamos, exatamente? — Luis olhou através do vidro escuro enquanto seu carro se deslocava vagarosamente pela periferia de Londres.

Pelo menos ele presumia que ainda estivessem em Londres, embora os telhados sujos daquelas casas decrepitas não lembrassem em nada a elegante cidade que lhe era familiar.

Seu secretário particular consultou suas anotações.

— Acredito que seja um local chamado Larchfield Park, senhor. É uma área com um alto índice de desempregados, e problemas com drogas, violência de gangues e mortes a facadas.

— Que encantador—Luis falou, recostando-se no assento de couro com um sorriso debochado. — Tomás, sugiro que, se um dia deixar seu trabalho na residência real, nunca se candidate a uma vaga de agente de viagens. Se eu quisesse morrer poderia simplesmente jogar meu helicóptero contra uma montanha em Santosa.

Tomás não riu.

— Senhor, por favor, seu carro é completamente blindado. Não corre perigo. Desde a morte do príncipe herdeiro aumentamos a segurança...

— Eu sei — Luis o interrompeu, cansado. — Estava brincando. Esqueça.

Fechou os olhos. Sua ressaca, afastada o dia inteiro por uma combinação de analgésicos e café forte, ameaçava a voltar, martelando suas têmporas com persistência. Só podia culpar a si mesmo, claro...

Mas estava acostumado a isso.

De qualquer modo, ele pensou, dado seu comportamento exemplar nos últimos dez meses, podia se perdoar por um pequeno lapso no baile beneficente Balfour. Especialmente quando não estavam envolvidas modelos famosas. Nem mulheres casadas. Nem ninguém, na verdade. Sua promessa para Rico estava de pé. Eram apenas ele e um excelente champanhe.

Muito diferente do ano anterior.

Olhou através do vidro sem ver os muros grafitados e as ruas cheias de lixo. Via apenas um par de olhos azuis, azul-Balfour, como as pessoas chamavam, e lembrou como ficaram escuros quando a beijou. De surpresa, e talvez de desejo, mas também de...

Deus.

Sentiu uma pontada de auto repulsa enquanto afastava a lembrança. Talvez tivesse sido melhor que a filha mais nova de Oscar não estivesse lá naquela noite. Emily Balfour era tão bonita quanto suas irmãs, fato que inicialmente o fez deixar de perceber sua falta de experiência. Se soubesse o quanto ela era inocente teria ido mais devagar, para fazê-la extravasar a trêmula paixão que ele sentiu por detrás de suas maneiras rígidas. Mas experiência era algo maravilhoso. Ano passado, se já soubesse coisas que agora pareciam tão óbvias, sua vida estaria muito diferente.

— Chegamos, senhor.

A voz de Tomás interrompeu seus pensamentos, e Luis viu que iam em direção a um tipo de ginásio protegido por cercas de arame altas. Pararam diante de uma construção térrea decadente, que claramente já vivera dias melhores.

Sua equipe de segurança chegara antes e tentava ser discreta ao patrulhar o perímetro ao redor, enquanto um guarda estava de pé na entrada e falava ao microfone de um fone de ouvido.

Uma gangue de jovens com casacos de capuz se reuniu do lado de fora da cerca.

Luis suspirou.

— Por que mesmo estamos aqui?

— Bem, senhor, é um grupo de dança de... Luis levantou as mãos.

— Certo, pode parar por aqui, a menos que o resto da frase seja "dançarinas do ventre exóticas de 18 anos".

— Não, senhor. — Tomás consultou suas anotações de novo. — É um programa variado. Aqui é um centro que oferece várias atividades esportivas e aulas de dança para crianças dos 4 aos 16 anos. Hoje à noite vamos ver uma apresentação de sapateado, jazz, *street dance* e balé.

— Balé? — Luis repetiu acidamente. — Meu Deus... Presumo que isso faça parte do projeto de me mostrar como patrono das artes.

— A assessoria de imprensa acha que esse tipo de envolvimento com a arte de crianças de comunidades seria útil para destacar um lado mais sensível seu, senhor.

Desespero e frustração abateram-se sobre Luis, envolvendo-o como as cercas de arame em que os adolescentes estavam encostados lá fora.

— Nesse caso, é melhor me cutucar quando for hora de aplaudir — ele disse, desanimado. — E me acorde se eu começar a roncar.

Emily virou na esquina da estação do metrô e correu em direção do centro comunitário. Estava atrasada. Do outro lado da rua, uma cerejeira florida era como um navio fantasma navegando na escuridão, e, enquanto passava por ela, uma súbita rajada de vento fez suas pétalas brancas caírem rodopiando por toda a rua. Seu odor predominou por um instante sobre o cheiro picante de comida indiana e africana das lojas no final da rua. Emily apertou mais seu cardigã de segunda mão em volta do corpo, lutando contra outra onda de nostalgia ao pensar nas cerejeiras japonesas atrás da alameda das rosas, em Balfour. *Onde Luis Cordoba a beijara*, uma voz interna perversa a lembrou.

Apressou o passo, levando automaticamente a mão à boca e esfregando-a como se pudesse mandar o pensamento para longe, junto com as sensações insistentes e perturbadoras que lhe provocava.

Mas no instante seguinte tudo isso foi esquecido ao ver a multidão de adolescentes encostados na cerca do centro. Ao se aproximar viu o que os atraía. Dois carros oficiais pretos estavam estacionados diante do edifício.

Oh, Deus. Seu coração parou e suas passadas falsearam pelo medo que sentiu. O que seria dessa vez? Outra facada? Ou um tiro...

Começou a correr. Sua trança pesada batia em suas costas a cada passo, seus olhos estavam fixos no ginásio arruinado ao qual se apegara tanto nos dois últimos meses solitários. O Centro Jovem Larchfield oferecia refúgio para os problemas do mundo lá fora e dava novo sentido às vidas de centenas de jovens carentes e desiludidos.

E também para uma herdeira carente e desiludida.

Um homem de olhar sinistro estava à porta usando um fone de ouvido. Olhou para ele nervosa, já esperando que a impediria de entrar, mas ele apenas a olhou com expressão impassível, o que a deixou ainda mais preocupada.

Com o coração disparado, atravessou correndo o corredor em direção ao vestiário feminino, sentindo o familiar cheiro de adolescentes: hormônios e gel de cabelo, misturado a um leve odor de cigarro malcheiroso. Ao abrir a porta foi imediatamente atingida pela tagarelice de cinquenta vozes.

No meio das garotas vestidas de lycra, Kiki Odiah, jovem trabalhadora de Larchfield, borrifava gel com *glitter* no cabelo de uma menina que usava um *collant* prateado e calçados de sapateado. Emily abriu caminho até elas enquanto tirava seu cardigã.

— Desculpe, estou atrasada. Não tive tempo de ir em casa me trocar.

Por detrás de uma nuvem de *glitter*, Kiki a olhou, aliviada.

— Está aqui agora, querida. É o que importa.

— O que está acontecendo? — Emily não conseguiu disfarçar a ansiedade em sua voz. — Vi os carros lá fora. É a imigração? Não vieram pela família Luambo, vieram?

Kiki sacudiu a cabeça fazendo as contas de seu cabelo tilintarem de modo musical. Seus olhos brilhavam de excitação contida enquanto colocava gel em outra menininha.

— Nunca vai adivinhar.

— Então me conte.

— A realeza.

— O quê?!

Emily sufocou, tomada por um pressentimento. Vários membros secundários da realeza eram amigos de Oscar e visitavam Balfour com frequência.

— Quem?

Kiki encolheu os ombros.

— Não são ingleses, é só o que sei. — Por sorte, ela estava muito concentrada em borrifar para perceber o alívio de Emily. — Mas não passo de uma jovem operária. Só descobri tudo isso quando um bando de homens de terno chegou e começou a vasculhar cada canto do lugar essa tarde. E agora todo o conselho do departamento de assistência jovem apareceu e está subitamente interessado no que fazemos. — Ela revirou os olhos. — É irônico, já que nosso dinheiro só dá para continuarmos abertos por mais dois meses.

— Talvez seja por isso que estão aqui, seja lá quem for essa gente: para nos darem dinheiro para continuarmos abertos — Emily sugeriu, esperançosa.

A questão de dinheiro pairava sobre Larchfield como uma guilhotina.

— Não vejo o por que. Não entendo disso, mas acho que esses caras falam espanhol, e não consigo imaginar por que a realeza espanhola estaria interessada em dar dinheiro à Larchfield.

Emily franziu a testa.

— Também não imagino por que a realeza espanhola viria assistir a uma apresentação nossa. Quero dizer, as crianças trabalharam duro, mas não é nenhuma apresentação no Sadler's Wells.

— Venha comigo. — Kiki olhou por cima das cabeças das crianças para o segurança que acabara de entrar, e deu uma risadinha. — Na verdade, queria que *ele* viesse comigo. Não consigo resistir a esses tipos latinos, sabe?

— Eu consigo — Emily respondeu com sarcasmo quando a imagem de Luis Cordoba invadiu sua cabeça. — Principalmente quando temos cinquenta crianças para arrumar em pouco mais de 15 minutos.

— Está bem, srta. Certinha! — Kiki sorriu. — Você vai aprontar seus cisnes e eu vou praticar minha sedução.

Então ela segurou as mãos da menina mais próxima e a fez rodopiar em volta dela cantando "um dia meu príncipe vai chegar" e sorriu.

Só faltavam instrumentos de tortura e uma apresentação desafinada de *Somewhere over the rainbow*, Luis pensou enquanto levantava disfarçadamente a manga de sua camisa e tentava ver a hora em seu relógio.

Sufocou um suspiro ao endireitar-se na cadeira de plástico que era muito pequena para acomodar seus ombros e suas pernas compridas. Mesmo sem os instrumentos de tortura, aquilo já era um perfeito suplício.

Atrás dele, Tomás sorria bondosamente para o palco onde garotinhas vestidas de prateado sapateavam de modo caótico. Mas Tomás tinha uma filha pequena, o que claramente dava algum sentido a tudo aquilo. A paternidade fazia isso, transformava adultos inteligentes em bobos.

Até mesmo seu irmão, o racional Rico, não foi inteiramente imune a isso, pensou com uma pontada de angústia. Desde que Luciana nasceu, cada bocejo, cada sorriso, eram analisados com um interesse que Luis achava difícil de explicar.

E ainda achava o mesmo.

Foi tomado por uma culpa familiar, mas mesmo assim dolorosa o suficiente para fazê-lo ficar tenso e prender a respiração. Tomás o olhou com curiosidade e Luis forçou um sorriso, olhando fixamente para a frente enquanto uma vaga lembrança do rosto de Luciana pairava em sua mente.

Nem mesmo conseguia lembrar direito como era ela. Ou a última vez em que a vira. Quantos anos teria agora? Sentiu outra pontada de culpa ao se dar conta de que não sabia. Estaria com 5? Ou 6? Já fazia dez meses que Rico e Christiana haviam morrido, e Luciana estava com 5 na ocasião. Sabia disso porque os jornais destacaram a tragédia de ficar órfã tão cedo. Luis fechou as mãos com força. Ela já fizera aniversário desde então?

A apresentação parecia ter acabado, e as crianças faziam reverências, umas mais graciosas, outras menos. Luis juntou-se automaticamente aos aplausos, e aproveitou a oportunidade para perguntar a Tomás:

— Acabou?

— Ainda não, senhor. Tem mais um número no programa. Está tudo bem?

— Melhor do que nunca — Luis murmurou com brandura. Parte da punição era suportar a dor sozinho, em silêncio. Não tinha o direito de dividir esse fardo.

Voltou a se recostar enquanto uma fileira de menininhas vestidas com saínhas de balé brancas entravam no palco. Eram menores que as anteriores, e mais intimidadas pela presença do público. Ouviu-se um "ahhhhh" coletivo vindo das fileiras de pessoas atrás de Luis quando elas ficaram em posição, chupando os dedos e olhando para a frente com grandes olhos solenes.

A música começou. Era a *Dança dos pequenos cisnes*. Luis não sabia se devia rir pelo clichê previsível ou chorar pelo longo tormento. Colocou no rosto o que esperava ser uma expressão de apreciação e observou as crianças levantarem os braços e começarem a dobrar os joelhos em uma série de cuidadosos *pliés*.

Uma garotinha ao fundo ficou em pé parada, congelada de angústia. As outras crianças ficaram nas pontas dos pés e faziam piruetas trêmulas, mas o único movimento que ela fez foi o dos olhos aterrorizados em busca de segurança. A menina

ao lado dela ficou impressionada com sua falha e lhe deu uma cotovelada na costela.

A plateia inteira riu. Na frente do palco, as outras crianças seguiam apaticamente seu programa, nas pontas dos pés, fazendo movimentos ondulatórios com os braços e dando ocasionais olhares furiosos para a colega lá atrás. Luis a observava. Talvez fosse por ter pensado em sua sobrinha, mas algo na menina o fazia lembrar-se de Luciana, apesar de não se parecer em nada com ela. Sem dúvida um psicólogo ficaria satisfeito em explicar que isso era só mais uma manifestação de culpa.

A menina recuou um pouco para sair da luz dos holofotes, mas fora isso não se mexeu, e de seu lugar de honra, na fileira da frente, ele pôde ver o brilho de lágrimas nos olhos dela e que seu lábio inferior tremia.

Isso o comoveu. Não era só sua cabeça abatida lhe pregando peças, era a atitude dela de sofrer pacientemente, com dignidade, que o fez se lembrar de Luciana. Vira a mesma expressão no rosto de sua sobrinha, sentira a mesma angústia silenciosa no pouco tempo que passara com ela. E isso o fez se sentir impotente. Não era uma sensação boa.

Um movimento em meio às asas lhe chamou atenção. Mantendo-se fora do alcance das luzes, uma garota mais velha foi para os fundos do palco e ajoelhou-se ao lado dela. Por um instante Luis ficou aliviado demais para reparar direito nas costas estreitas bem eretas e a trança escura brilhosa que caía pesadamente entre seus ombros, mas então ela se levantou e foi impossível deixar de notar suas pernas benfeitas envolvidas por grossas meias pretas.

Ela estava vestindo uma saia curta preta e uma camiseta justa com as palavras *Pink Flamingo* estampadas nas costas.

Dez meses antes ele fizera uma promessa a seu irmão, e enterrou seu apetite pelas mulheres e sua vida de excessos junto com Rico no jazigo da família em Santosa. Agora Luis sentia seu interesse adormecido despertar de um modo que chegava a doer. Inclinou-se e cochichou para Tomás:

- Pink Flamingo não é um clube masculino?
- Não sei, senhor.

Claro que não. Mas Luis sabia, e estava intrigado para saber o que uma garota que trabalhava numa casa de *strip-tease* estava fazendo ajudando em uma apresentação de balé infantil.

Abaixando-se, ainda de costas para a plateia, a moça do Pink Flamingo pegou a mão da menininha e cochichou algo em seu ouvido.

Uma expressão de alívio tomou conta do rostinho contraído quando a garota mais velha se virou e começou a dançar.

Deus, ela era esplêndida. Elevando-se acima das crianças pequenas, ela era o próprio cisne gracioso no meio de filhotinhos de cisne fofinhos e desajeitados. Ao lado dela, a menininha que parecia tão perdida alguns instantes antes agora dava um sorriso trêmulo e ganhava confiança e desenvoltura.

Ele observou os movimentos precisos de suas pernas delgadas, seus ombros e sua cabeça bem alinhados, e experimentou uma sensação incômoda na nuca. Olhou para seu rosto, franziu a testa de repente e inclinou-se para a frente espantado e incrédulo.

Aquilo era incrível... impossível...
Era Emily Balfour.

Capítulo Dois

— Emily, você está aí? — a voz de Kiki reverberou no banheiro feminino.

Abaixada de encontro à porta do reservado do meio, Emily trincou os dentes para tentar parecer bem ao responder:

— Estou aqui sim. Não vou demorar.

— Bom, não demore mesmo. Acabou de conseguir um público nobre, querida. O príncipe foi até os bastidores e pediu para vê-la, então é melhor sair logo daí.

Emily abriu a porta e olhou para Kiki com enormes olhos angustiados.

— Não posso, Kiki. Não estou vestida para a realeza e só trabalho aqui há dois meses, então...

— Ei! — O rosto gentil de Kiki estava enrugado de preocupação. — Esqueça o que está vestindo. O que há de errado? Está com a aparência horrível.

Uma breve olhada no espelho em cima da pia confirmou que Kiki tinha razão. Seu rosto, sempre pálido, estava de um branco assustador como o de um figurante num filme de vampiros, o que se acentuava com seu cabelo preso para trás em uma trança. Ela deu um sorriso pálido.

— Obrigada, estou bem. Foi o palco... dançar para o público, com a música e tudo o mais, e...

— Nervosismo, não é?

Não, Emily quis dizer. Não eram os nervos. Era mais uma ausência de nervos. Uma ausência de tudo. Apenas fazia os movimentos como se estivesse programada. *Por que não consigo mais sentir a dança?*

— De qualquer modo — Kiki continuou um pouco sem fôlego antes que pudesse continuar a falar—, o príncipe ficou muito impressionado. Quer conhecer você e seu grupo de dança. Eu as coloquei alinhadas no palco, e elas estão bastante excitadas, portanto se apresse.

— Já vou. — Emily pôs as mãos sob a torneira e jogou água fria no rosto para tentar fazer com que a cor voltasse, — Quem é esse príncipe, afinal? — perguntou com o rosto dentro da pia.

Mas era tarde demais. Kiki já saíra, e a única resposta foi o som da porta batendo. Sozinha, Emily olhou para seu reflexo no espelho sem encarar seu rosto contraído, e sim um futuro sem a dança. Deus, menos de um ano atrás, quando dançara o papel da Bela Adormecida na apresentação final da Royal Ballet School, não seria de surpreender que encontrasse a realeza nos bastidores após uma *performance*. Mas como solista em Covent Garden, não como professora não remunerada em um centro de artes comunitário.

Porém, isso foi quando conseguia dançar. Nos breves e brilhantes meses em que a técnica que adquirira ao longo daqueles anos se unira a algo mais, ao indefinível e perigoso *algo* que Luis Cordoba destravou quando sua linda boca a beijou na escuridão sob as árvores.

Deu um longo suspiro, afastou-se do espelho e alisou sua camiseta. Muita coisa acontecera em um ano.

Abriu a porta e foi juntar-se às crianças. Tirou seus sapatos quando foi para o palco e o piso rústico puxou o fio de sua meia quando correu de volta pelo corredor. *Ótimo*, pensou desesperada. Era tudo o que precisava. Estava com o aluguel da quitinete tão atrasado que comprar pão era uma extravagância no momento. Meias-calças estavam tão distantes de seu orçamento quanto um vestido de festa.

Subiu depressa os degraus dos fundos do palco. Por detrás das asas, podia ver suas pequenas bailarinas alinhadas e bem eretas, o que, junto com o som de vozes masculinas, lhe fez saber que o grupo real ainda estava ali.

Baixando a cabeça, deslizou silenciosamente para o palco e tomou seu lugar ao fim da fileira olhando para as crianças.

O coração de Emily parou.

Ele estava com a cabeça inclinada enquanto falava com uma das meninas. As luzes do palco brilhavam sobre suas costas, seus perfeitos ombros musculosos e destacavam os fios dourados em seu cabelo castanho-claro deliciosamente desalinhado. Ficou apavorada. Oh, Deus, era ele. Era realmente ele. A realza sobre a qual Kiki falara era Luis Cordoba, o príncipe herdeiro de Santosa. E estava vindo rapidamente em sua direção.

Rápido demais. As meninas faziam reverências quando ele passava, mas ele mal as olhou. Emily sentia-se de pé nos trilhos de um trem a toda velocidade, ciente de que o momento da colisão estava próximo. Ele não a reconheceria, ela se tranquilizou em desespero. Por que reconheceria? Só haviam se encontrado uma vez, e só por alguns minutos, numa situação completamente diferente daquela. Ele devia conhecer milhares de mulheres... *beijar milhares de mulheres...*

Alguém estava falando. Nebulosamente, Emily reconheceu que era um dos membros do conselho que estivera lá para ver as instalações Larchfield, na expectativa de que o centro jovem fechasse.

— Essa é uma das valorosas voluntárias que trazem novas experiências às vidas de nossos jovens. A srta. Jones é formada pela Royal Ballet School...

Como um robô, Emily baixou a cabeça e fez uma reverência. Em termos de etiqueta era a coisa certa a se fazer, mas também lhe dava a chance de evitar encarar o homem que vira pela última vez no jardim de Balfour, quando ele a atraía para debaixo das sombras das árvores e a beijara com uma audácia e uma habilidade que a chocaram.

Não deixe de me ligar quando crescer!

Tomou coragem e olhou para cima.

O trem expresso colidiu. Ficou sem ar por um momento. Sentia-se sumindo. Como se tivesse saltado de um avião e depois percebesse que estava sem paraquedas.

Luis Cordoba ergueu um pouquinho a sobrancelha. Sob elas seus olhos eram um ouro frio e escuro.

—Verdade, srta. Jones?

Oh, Deus. Aquele sotaque sexy. Não era espanhol, Kiki errara, era português.

Isso quase a distraiu da leve ênfase que ele colocou em seu sobrenome. Ou melhor, o nome aleatório que escolhera quando começou em Larchfield. Uma parte dela odiou enganar e sentiu que traía os amigos que fez escondendo sua verdadeira identidade, mas o anonimato era como uma armadura. Era sua proteção, e se agarrava a ela. E agora sentia-se como se estivesse nua, envolvida apenas por uma ínfima toalha, e que o homem diante dela segurara uma de suas pontas e estava prestes a puxá-la. Só por diversão.

— S-sim — ela gaguejou olhando para aquele rosto delgado e perfeito, implorando em silêncio para que ele não a desmascarasse.

— Royal Ballet? E depois escolheu vir aqui dar aulas a essas crianças em vez de se dedicar a sua própria carreira? Quanto altruísmo. Sua família deve estar muito orgulhosa de você.

Só ela pôde perceber a ponta de desafio na voz dele. Então a reconheceu, e sabia exatamente onde enfiar a faca, onde infligir o mais profundo ferimento sem que ninguém percebesse. Emily podia sentir sobre si os olhos de todos. Kiki, as crianças, que já estavam ficando inquietas, os membros do conselho, mas todos eles juntos não eram nada comparados ao olhar frio e metálico de Luis.

— Gosto de pensar que ficariam — ela disse, e imediatamente se arrependeu.

As palavras "se soubessem" pairavam no ar entre eles, e ela esperou que ele as dissesse em voz alta. Mas Luis Cordoba nunca agia da maneira esperada.

Ele aquiesceu vagarosamente, com os olhos fixos nos dela. E então seus olhos se desviaram para a logomarca do Pink Flamingo na frente da camiseta de Emily.

— É bom saber que não abandonou completamente a dança — ele disse, solene. Um breve sorriso levantou os cantos de sua boca. — Continue o bom trabalho, senhorita...?

— Jones — ela balbuciou.

E então ele foi forçado a seguir em frente pelos membros do conselho, que estavam ávidos para levá-lo lá fora para ver o campo de futebol coberto, obra que teve parte dos gastos subsidiados pelo conselho. Longe do brilho ofuscante do olhar dele, Emily sentiu-se como uma marionete que teve seus fios subitamente cortados. Em volta dela as crianças relaxaram e conversavam excitadas, aliviadas por não terem de mostrar bom comportamento. Emily sentia-se entorpecida.

Ele entendera tudo errado. Maldita camiseta. Queria pegá-lo pelo braço e explicar que não dançava no Pink Flamingo, trabalhava no bar. Ele podia ter despertado algo nela quando a beijara, mas não mudara sua personalidade, pelo amor de Deus...

Mas ele se fora, deixando apenas seu cheiro masculino e sofisticado no ar. As luzes pareciam baixar e as sombras em torno dela ficavam mais intensas.

Estava muito tarde.

O lobo se esgueirara de volta à floresta, e ela estava segura.

Então por que não estava mais aliviada?

— Pare o carro.

Tomás olhou para trás, surpreso.

— Senhor?

Luis olhava para a frente, tamborilando os dedos num friso de madeira da porta.

— Vamos esperar aqui um instante e depois voltamos.

— Voltar, senhor? — Tomás parecia alarmado. — Por quê? Pensei que estava aflito para sair daqui o mais rápido possível.

— Estava. Estou. Mas não sem levar a "srta. Jones" comigo.

A expressão alarmada de Tomás virou um misto de pânico e horror.

— Senhor... se me permite dizer, não é uma boa ideia. A assessoria de imprensa... os jornais... O propósito desse programa era deixar essas histórias no passado.

— Elas *estão* no passado — Luis respondeu com uma amargura contida. — Quando foi a última vez que passei a noite com uma garota?

— O público tem uma memória longa, senhor. E aquelas fotos suas saindo de casas noturnas e apalpando mulheres no banco de trás do carro ainda são publicadas regularmente. Se os jornais ficam a par dessa... dessa srta. Jones...

Luis sorriu.

— Acha que ela contaria à imprensa?

— Exato, senhor. Ela poderia tirar proveito dessa história.

— Minha noite de paixão com o príncipe playboy? — Luis debochou e sacudiu a cabeça. — Ela não faria isso.

— Com todo o respeito, senhor, não pode ter certeza disso. Algumas dessas garotas não têm a menor noção de privacidade...

— Com todo o respeito. Tomás, tenho absoluta certeza, porque sei que essa garota tem mais a esconder do que eu. Não vou seduzi-la. Vou descobrir o que uma boa moça como Emily Balfour está fazendo num lugar desses.

— Emily *Balfour*, senhor? Mas pensei que o nome dela fosse...

— Jones? Não. Aquela, Tomás, é a filha mais nova de Oscar. Ou pelo menos a que era mais nova até que uma pretendente ao posto chegasse à casa deles. — Luis olhou para fora e franziu a testa.

— Devo pedir a um segurança que entre lá para pegá-la, senhor? Tomás perguntou olhando nervosamente ao redor. — Esse não é um dos melhores lugares para se demorar.

— O carro é todo blindado — Luis o lembrou secamente. — Estamos seguros. E não acho que ela vá gostar de ser trazida pelos seguranças. Pelo que me lembro do ano passado, Emily Balfour não deve ser forçada a fazer nada que não queira.

— Ah, aí está ela, senhor — Tomás disse com evidente alívio. — Só vou...

Mas Luis já saíra do carro. Tomás esbravejou com uma inabitual rudeza, tirou o celular do bolso e ligou para o chefe da segurança no outro carro. Às vezes considerava reconfortante a desatenção do príncipe herdeiro ao protocolo e à formalidade, mas na maior parte do tempo era uma grande dor de cabeça. Ele parecia não entender que, após as mortes chocantes de seu irmão e sua cunhada, ele era o futuro de Santosa.

Que Deus os ajudasse. Tentar preparar Luis para tomar as rédeas de seu pai adoentado era como tirar um tigre da selva e tentar fazê-lo saltar através de aros. Difícil e perigoso. E se algo desse errado era sua cabeça que seria cortada, pensou

com pesar.

— Boa noite, Kiki. Até amanhã!

Apressada, sem esperar pela resposta, Emily saiu para a noite fria e azul, apertando seu cardigã em volta de si. Geralmente ela esperava que Kiki trancasse tudo e caminhavam juntas parte do caminho de volta, mas essa noite só queria sair dali e ficar sozinha.

— Posso lhe oferecer uma carona?

Ela deu um pulo e teve um sobressalto quando alguém surgiu diante dela bloqueando seu caminho.

— Desculpe — disse aquela voz rouca com sotaque arrastado. — Não quis assustá-la. Mas acho que isso só prova que não é seguro ficar sozinha pela rua à noite. Ainda bem que não sou nenhum drogado maluco com uma faca na mão.

— Vou correr o risco, obrigada — Emily murmurou, tentando passar por ele.

Mas ele era rápido demais. Ela sufocou outro sobressalto quando seus dedos fortes fecharam-se em volta de seu pulso, detendo-a e fazendo com que se virasse e olhasse para ele.

Uma voz vinda da direção do carro disse algo em português. Luis não virou a cabeça, não largou seu pulso, nem tirou os olhos dela.

— Sim, obrigado, Tomás — ele respondeu abruptamente. — Isso não vai demorar.

— Não vai mesmo — ela disse, insegura. — Porque não vou a lugar nenhum com você. Tchau...

Isso foi dito com mais esperança do que convicção. Seu coração estava descompassado, seu corpo inteiro, cheio de adrenalina. O rosto dele estava indistinto na escuridão violeta, mas ela conseguia ver as sombras sob suas maçãs do rosto aristocráticas e o brilho de seus olhos.

— Que decepção. Vi aquela camiseta do Pink Flamingo e presumi que amadureceu um pouco desde a última vez em que nos vimos.

— Amadureci — ela falou entre os dentes. — E por isso que não vou entrar no carro com você. Agora, me deixe ir. Tive um longo dia e quero ir para casa.

Ele a soltou sem resistência.

— Engraçado. Era sobre isso que queria falar com você.

A frieza na voz dele a fez parar e a encheu de desconfiança. Virou-se para ele.

— O quê?

— Casa. — Ele fez uma pausa.

Era impossível ver sua expressão no escuro. Emily sentiu os pelos de sua nuca se eriçarem. Para além do carro preto que o esperava ela pôde ouvir o som de vozes na rua e o som de uma sirene ao longe.

— Estive na mansão Balfour ontem à noite.

Uma porta dentro do centro bateu. Emily olhou ansiosa por cima do ombro, esperando que Kiki não tivesse ouvido.

— Por favor... — ela implorou.

Em um movimento suave, ele se virou e abriu a porta do carro.

— Talvez prefira ter essa conversa aqui dentro, antes que seus novos amigos descubram que a "srta. Jones" na verdade é a filha de um bilionário que poderia acabar com todos os problemas financeiros dessa valorosa comunidade pedindo gentilmente a seu papai...

Emily recuou, como se o interior do carro fosse a boca de uma baleia gigante, esperando para engoli-la. Sua voz soou irregular e fraca:

— Mas não tenho nada para lhe dizer.

— Tudo bem. — A entonação dele era fria ao pôr a mão em suas costas e fazê-la ir em frente. — Pode apenas escutar.

Havia outra pessoa no carro. Um homem de uns 30 anos, de terno preto. Ele sorriu enquanto Emily deslizou relutante para o assento, e ficou um pouco mais tranquila. Pelo menos não estaria sozinha com Luis.

Mas não havia muito espaço. Quando Luis acabou de falar com o motorista e sentou-se a seu lado, Emily ficou incomodada com a proximidade daquela coxa longa e forte. A única opção era se mover na direção do outro homem silencioso de terno. *Esqueça o ditado "melhor o diabo conhecido"*, ela pensou, desconsolada. *Ninguém é mais perigoso que Luis Cordoba*. Ela se afastou um pouco, esperando que ele não notasse.

Não teve sorte.

— Esse é Tomás, meu secretário particular — Luis disse com sarcasmo. — Pode sentar no joelho dele, se quiser. Ele tem muito jeito com crianças.

Tomás sorriu com um ar de quem já vira aquilo antes.

— Não ligue para Sua Alteza, srta. Balfour.

— Obrigada, Tomás. — Emily virou-se para Luis. — Não sou criança, e você não é meu pai para me dar ordens.

O carro saiu do Centro Larchfield e seguiu caminho.

— Graças a Deus não sou seu pai — Luis disse, lacônico. — Pelo que vi ontem, Oscar não é um homem feliz.

— O que quer dizer?

— Bem, para começar, tem tudo isso. — Ele pegou uma cópia do jornal que Emily comprara mais cedo no bolso atrás do banco do motorista.

Ela se empertigou e olhou com desgosto para o jornal.

— Eu sei. Já vi. Escute, não quer saber onde eu moro?

— Na verdade, não — ele disse num tom entediado. — A menos que insista em ir lá se trocar,

Ela ficou assustada.

— Trocar? E vestir o quê?

— Qualquer coisa que não tenha sido tricotada por camponeses medievais com lã de iaque — ele sugeriu desdenhoso, olhando-a de cima a baixo, de seu cardigã até seus sapatos baratos que comprara para trabalhar. — Como disfarce, devo dizer que escolheu muito bem. Quem poderia pensar que uma das celebradas jovens Balfour sairia vestida como uma refugiada de uma comunidade *hippie*?

Emily levantou o queixo, ignorando a provocação.

— Por que eu deveria me trocar? Aonde vamos? — Um horrível pensamento lhe ocorreu. — Não para casa. Não de volta para Balfour, não posso. Eu...

— Relaxe — ele interrompeu seu pânico crescente. — Vou levá-la para jantar.

— Não é mais educado convidar antes? — Emily afundou-se na poltrona, cruzando os braços em desafio.

Obviamente, as regras normais de cortesia não se aplicavam ao príncipe de Santosa. Seu título o fazia pensar que podia fazer tudo e ter tudo. Ou qualquer pessoa.

— Se eu tivesse convidado, teria aceitado?

Ela balançou a cabeça.

— Exatamente. Pense nisso como ser cruel para poder ser gentil.

Emily deu uma gargalhada áspera.

— Na crueldade posso acreditar. Na gentileza... não muito.

— Quando foi a última vez em que comeu direito?

Emily pensou na tigela de cereais da promoção que comera em seu quarto antes de sair. O leite estragara, então não achou ter comido o suficiente. O aluguel que pagava pelo quarto na casa do sr. Lukacs supostamente incluía o uso da cozinha, mas descobriu que toda vez que se aventurava a ir até lá ele aparecia, arranjando alguma desculpa para passar por ela no espaço apertado, ou observando-a com seus olhos úmidos e brilhantes. Preferia evitar isso.

— O que lhe importa? Não tem nada a ver com isso.

O desespero a tornou indelicada. Desespero e uma sensação incômoda de ter sido atingida pelo trem expresso, e agora estar dentro dele e indo para um território desconhecido e perigoso.

— Tem razão, não é. E, acredite, tenho milhares de outras coisas com que me preocupar. Mas, visto que seu pai está mortificado por não saber onde está e eu ter descoberto você vivendo como... como...

Sem encontrar as palavras, ele deu um pequeno sopro de frustração— Isso passa a ser da minha conta, quer eu goste ou não. Então vou alimentá-la, e vai me dizer exatamente o que está acontecendo.

Algo no olhar dele a fez engolir a resposta que lhe veio aos lábios. Havia uma tensão nele que não havia notado antes. O Luis Cordoba que ela conhecia era sorridente, despreocupado e urbano. Um playboy cujas decisões mais sérias na vida eram que convites para festas devia aceitar, e que mulheres seduzir quando chegasse lá.

Esse homem era diferente. Era frio. Duro. E possivelmente mais perigoso ainda.

O carro ganhava velocidade. As luzes das ruas davam ao suave anoitecer do início de verão um tom laranja.

E lançavam feixes de luz néon dentro do carro enquanto passavam. Estavam saindo da cidade, ela percebeu. Quando ele falou em jantar, ela imaginou algum restaurante exclusivo de West End, mas o tráfego estava diminuindo ao deixarem Londres para trás.

Os acontecimentos do dia exaustivo pareciam estar acumulados no centro da

cabeça de Emily, bloqueando sua capacidade de pensar. Em vez disso, ficou sentada imóvel entre os dois homens, ereta e olhando fixo para a frente.

Mortificado.

A palavra ecoou em sua cabeça. Desejou perguntar a Luis o que queria dizer, o que Oscar dissera, mas não conseguiu fazê-lo na presença de Tomás e do motorista. O maldito jornal continuava entre eles, sua manchete grosseira parecendo emitir algum sinal de alta frequência para seu cérebro, o que tornava quase impossível ignorá-lo. Seu peito ficava apertado ao pensar em Zoe, Olivia e Bella. O que estariam fazendo agora, depois dessa notícia chocante? E seu pai...

De repente sentiu-se muito cansada, e soube que não era só pelos acontecimentos do dia. Era dos dois últimos meses de luta para manter a cabeça fora d'água desde que saíra de casa. De combater a solidão, a severidade a seu redor, o choque de ter de pagar as próprias contas pela primeira vez na vida. E também de antes disso, da tristeza de perder sua mãe, de lamentar sua morte e a traição de seu pai.

Voltou a encostar a cabeça no assento acolchoado de couro e fechou os olhos. Assim ficava ainda mais atenta à presença de Luis a seu lado. Ele estava recostado, indiferente, mas ela podia sentir a inquietação sob aquela aparência de calma, a força e determinação que permeavam todo seu ser.

E quando sua cabeça caiu sobre o ombro dele e o cheiro de espinheiro-alvar emanou da noite quente de maio, ela se esqueceu de ter medo dele:

Sentiu-se simplesmente... segura.

Capítulo Três

— Oscar, é Luis.

Houve uma pausa do outro lado da linha.

— Luis, que bom ter ligado. — As palavras eram gentis, mas não disfarçavam o desapontamento na voz de Oscar Balfour. — Se foi só para agradecer pela festa da noite passada, não precisava.

— Temo que me considere mais cortês do que sou. — Luis sorriu, brincando com a franja da almofada a seu lado. — Não liguei para agradecer, mas para contar-lhe que encontrei Emily.

— Emily?! — Oscar ficou imediatamente atento, e sua emoção evidente quase fez Luis desistir. — Meu Deus, Luis... onde? Ela está bem?

— Está. — Ele parou por uma fração de segundo, pensando em seu rosto anguloso, seu tipo frágil como um passarinho, em suas olheiras. — Ela está bem. Está ensinando bale para as crianças de um projeto comunitário que visitei hoje. — Achou melhor não mencionar o Pink Flamingo.

— Diga onde. Vou dizer a Fleming que pegue o carro, e chego lá o mais rápido que puder.

— Não adianta. — Luis levantou-se e se serviu de uísque. — Eu a trouxe para jantar em meu hotel. Pelo que li nos jornais, já tem muito com que se preocupar. Deixe-me falar com ela e amanhã lhe conto.

Oscar hesitou, e quando voltou a falar pareceu velho e inseguro, muito diferente do elegante patriarca de uma das mais célebres famílias britânicas, do poderoso homem de negócios à frente de um império de bilhões de dólares.

— Certo. Como disse, tenho coisas para resolver por aqui. Provavelmente você vai lidar com ela melhor do que eu. — Ele suspirou.

— Tivemos uma discussão quando Mia chegou, e depois disso ela foi embora. É isso que me mata, Luis, ela nem falou comigo. Eu nem insisti. Lillian estava morrendo...

A voz dele falhou, e Luis tomou um grande gole de uísque enquanto esperava que Oscar continuasse.

— Nada mais parecia importante. Pensei nisso depois... Quando Lillian se foi eu poderia ter conversado com Emily, explicado sobre Mia. Mas não tive oportunidade. Ela partiu um dia depois do funeral.

— Ela deixou alguma pista de para onde ia?

Oscar deu uma gargalhada sem humor.

— Isso foi o mais difícil. Sua partida foi inesperada. Não houve drama, nem cena. Ela apenas... *partiu*. Cortou os laços com todos nós completamente. Não levou nada, só suas coisas de balé e a roupa que estava vestindo. Deixou até seu celular para me mostrar que não queria mais contato.

Luis franziu a testa.

— Não queria mesmo ser encontrada, então.

— Oh, sim. Mas essa é Emily. Não faz nada pela metade. Nunca fez. Tudo que faz é apaixonadamente, com todo seu coração e alma. Sempre a admirei por isso. Acho que é o que a faz dançar tão bem. O problema é que espera dos outros os mesmos padrões rigorosos que espera de si mesma. Eu a decepcionei. Ela pensou que eu fosse decente e honrado, e agora descobriu que não sou.

Luis fechou os olhos por um segundo.

— Nenhum de nós é.

— Lillian era — Oscar disse. — E Emily é igual a ela. É boa. Mas forte também. Faria qualquer coisa pelas pessoas que ama.

Luis lembrou-se da garotinha no palco mais cedo. Do modo como Emily segurou sua mão e dançou a seu lado, lhe dando coragem para continuar.

— Desculpe, estou aborrecendo você. Olhe, Luis, estou aliviado que a tenha encontrado e que ela esteja bem. Isso é o principal. Mas se puder...

A frase ficou pela metade.

— Sim? — Luis incentivou. — O que quer que eu faça?

Oscar deu uma risada desesperada.

— Eu ia dizer que se puder fazê-la compreender... mas claro que isso não faz sentido.

Pensativo, Luis sacudiu o líquido escuro em seu copo e o bebeu em um só gole.

— Vamos ver, Oscar. Deixe comigo. Vou ver o que posso fazer.

— Obrigado, Luis. Fico agradecido.

— O prazer é meu.

— Vai ficar bem aqui, srta. Balfour?

Parada na entrada, Emily olhou em torno do quarto opulento e virou-se para Tomás, assustada.

— Não entendo... De quem é este quarto?

— Seu, senhorita. — O tom de Tomás era tranquilizador. — Como está muito cansada, Sua Alteza pensou que gostaria de poder se refrescar antes do jantar. Talvez tomar um banho e relaxar antes de comer.

Emily olhou desconfiada para a elegante mobília antiga, a luz suave, os vasos de flores, imaginando se seria uma armadilha.

— Onde está Lu... Sua Alteza?

— O príncipe tem uma suíte no andar de cima, srta. Balfour. Ele está lá tomando um drinque e fazendo algumas ligações. Quer que eu peça para que desça quando terminar?

— Oh, não, obrigada. Está tudo ótimo. Eu gostaria de tomar um banho.

Nem que fosse só para adiar o momento de ter de ficar diante de Luis Cordoba à mesa do jantar, ela pensou, entrando e sentindo seus pés afundarem no grosso carpete creme.

O quarto era enorme, decorado num clássico estilo *country* inglês que, com exceção da banheira vitoriana sobre um estrado diante das janelas francesas, era comovedoramente parecido com o lindo quarto de Lillian em Balfour. Ou pelo menos

era, antes que a parafernália ligada à doença arruinasse sua decoração cuidadosa.

— Ótimo, srta. Balfour. Poderia telefonar para a recepção quando estiver pronta? Alguém de nossa equipe vai estar lá para receber a mensagem.

Tomás saiu, fechando a porta com cuidado, e Emily foi até a penteadeira e passou os dedos por sua superfície, como num sonho.

Inclinou-se para a frente para olhar no espelho, e seus olhos a encararam, manchados e escuros de exaustão. Estava tão cansada que talvez aquilo *fosse* um sonho. Talvez acordasse a qualquer minuto e descobrisse que estava de volta a sua cama encaroçada e estreita, entre lençóis dos quais nem milhões de visitas à lavanderia poderiam tirar o cheiro de umidade...

Mas então lembrou que Luis Cordoba estava esperando por ela e sentiu um mal-estar que não deixou dúvidas de que estava acordada. Comparado ao local de onde viera, esse lugar parecia um paraíso, mas tinha sua serpente.

Ela endireitou a postura, tirou o elástico que prendia sua trança e soltou os cabelos com os dedos trêmulos. Fora estúpida de baixar a guarda e adormecer no carro, mas por um instante parecera maravilhoso não ter de pensar em mais nada. Estava cansada de pensar, e o alívio de alguém dizer o que ia acontecer e o que devia fazer foi profundo.

Era uma vergonha que esse alguém fosse um playboy vazio cujo interesse nas mulheres limitava-se à cama, ela pensou indo até onde a banheira exibia-se em decadente esplendor. Embora hoje ele não tivesse demonstrado o menor interesse nela, pensou desconsolada ao abrir as torneiras e lembrar o modo frio e desdenhoso com que a olhara.

Tirou a roupa rápido, encolhendo ao espetar o dedo no alfinete que prendia a saia preta que comprara num centro de caridade. Jogou-a sobre a cama, onde pareceu ainda mais barata e feia de encontro à manta de seda e os lençóis macios de algodão egípcio. Pegou o roupão de banho, volumoso como uma almofada, que estava dobrado aos pés da cama, e o colocou, sentindo sua maciez envolver seu corpo magro demais.

Não podia culpá-lo por não estar interessado nela. Ela própria sentia repulsa pela saliência dos ossos de seu quadril e por suas costelas aparecendo, então não tinha ilusões de que alguém reagisse de outra forma. Especialmente um conhecedor das mulheres como Luis Cordoba. *Não deixe de me ligar quando crescer*, ele a provocara. Mas não só crescera no último ano. *Envelhecera*.

A banheira estava cheia. Emily fechou as torneiras, tirou o roupão e entrou depressa na água, deitando de costas para que ela cobrisse completamente seu corpo. Fechou os olhos e respirou fundo, inalando a fragrância exótica do óleo de banho caro, tentando concentrar seus pensamentos ali. Seria um crime estragar aquele momento raro de luxo. Afundando mais na água, ela expirou, sentindo a tensão que se instalara de seus ombros se dissolver, e com ela um pouco de sua resolução.

Deus, como sentia falta do conforto de sua vida em Balfour. No dia seguinte ao enterro de Lillian, quando partiu sem nada a não ser o coração ferido e a mente cheia de indignação, se soubesse pelo que trocava tudo aquilo teria hesitado antes de bater a porta e sair. Sua partida não fora planejada, fora simplesmente uma reação lógica ao

que considerava uma situação intolerável. Precisava de tempo e espaço para refletir sobre o que acontecera, e imaginara ir para Londres, conseguir lugar numa das principais Companhias de balé de lá, e encontrar um apartamento agradável e ensolarado onde sair para comprar leite não fosse um esporte radical...

Em outras palavras, comportar-se como uma adulta.

Como fora ingênua. Protegida da realidade pela riqueza de Balfour, nem sabia quanto custava um litro de leite.

Conseguira facilmente audições com três companhias de balé, mas parecia que os meses de tumulto e desgosto tiveram seu preço. Cada audição foi um torturante embaraço de pés desajeitados, movimentos mecânicos dos braços e tempo descompassado. Era como se tivesse chumbo dentro de si puxando-a para baixo. Como se dançasse com o coração cheio de cimento.

Não conseguiu lugar em companhia nenhuma.

Depois disso nada pareceu ter muita importância. Perdera tudo que gostava e restou-lhe apenas cuidar de sua sobrevivência, o que significava encontrar um lugar para morar e um modo de ganhar a vida. O anúncio para o trabalho no Pink Flamingo chamou sua atenção porque tinha a palavra *dança*.

Só quando pisou naquele lugar escuro cheirando a cerveja e nicotina para ver o emprego foi que entendeu que tipo de dança era.

Horrorizada, ela disse ao homem sebozo a cujo escritório foi levada que cometera um erro, mas depois lhe dar uma boa olhada, ele lhe ofereceu emprego atrás do balcão do bar.

Perceber que não tinha outra escolha a não ser aceitar foi uma das piores coisas de sua vida.

Mas não ia pensar nisso agora. Conseguira sobreviver aos últimos dois meses usando a autodisciplina adquirida durante os anos na escola de balé para bloquear o que era ruim e concentrar-se nos pequenos prazeres e triunfos, como tomar café com Kiki na cozinha desgastada de Larchfield, e ver o orgulho nos rostos de suas alunas quando aprendiam uma nova posição.

E agora isso... relaxar em um banho perfumado enquanto escurecia lá fora e o cheiro de gardênia preenchia seus sentidos. Isso era o paraíso. Na verdade aquele momento de prazer era tão bom que quase fazia os dois últimos meses valerem a pena, só para se sentir tão bem agora.

Ela inspirou de novo, tirando os pés da água e descansando-os sobre a borda da banheira. Esticou os dedos e sentiu os músculos do peito do pé relaxarem. O único som era o da água e o de sua respiração, e de repente ela percebeu como sentia falta de silêncio. Em Balfour ela considerava isso, como tantas outras coisas, normal. Não percebia o luxo de deitar na cama e não ser acordada pelo barulho de carros tentando pegar, por pessoas gritando e brigando, e por gargalhadas de bêbados.

Ela fechou os olhos, controlando sua respiração, esvaziando sua mente e relaxando seu corpo. Seu queixo mergulhou na água quando a tensão em seu pescoço diminuiu. *Podia sair*, pensou distraída, mas era bom demais ficar ali. Ela inspirava e expirava, escorregando mais para dentro da água, deixando-se levar pela escuridão

por detrás de seus olhos fechados enquanto o calor e a paz a envolviam, e finalmente sentiu-se segura para se soltar...

Seu nariz tocou a água. Inspirou por instinto e de repente estava se afogando, cuspiendo água, engasgada, se debatendo para sentar-se.

Alguém a segurava, levantando-a para fora da água. Anjos? Esperou pelo momento em que olharia para baixo e se veria deitada na banheira, mas seu corpo parecia muito presente e sentia o peito forte contra o qual estava presa. E os olhos felinos que olhavam para seu rosto não tinham nada de angelicais.

Não estava morta então.

Era muito pior do que isso.

Estava nos braços de Luis Cordoba, e completamente nua.

Ela não estava morta.

Vê-la daquele jeito, tão imóvel, com os cabelos flutuando em volta do rosto como algas, e sem nenhuma ondulação na superfície da água, causou nele um grande medo, agitado que foi por lembranças havia muito enterradas.

Luis colocou seu corpo brilhoso e escorregadio na cama e foi pegar o roupão que ela deixara no chão ao lado da banheira.

— Tome. Ponha isso. Não adianta eu me dar ao trabalho de impedir que se afogue para que depois morra de gripe.

Ainda tossindo, ela sentou-se e abraçou as pernas. Pegou o roupão e segurou-o contra si.

— Não olhe. Por favor...

Com uma elaborada reverência Luis virou-se, foi até a enorme janela e ficou olhando para a escuridão lá fora com o coração ainda batendo forte.

— Considerando que trabalha em um clube de *strip-tease*, esse pudor não é um pouco despropositado?

— Eu não danço lá, trabalho no bar — ela disse entredentes. E depois acrescentou em voz baixa: — Não danço mais em lugar nenhum.

— Posso me virar agora? — Por que ele se sentia aliviado?

— Sim.

Estava sentada encolhida, encostada na cabeceira acolchoada. Seu cabelo molhado estava jogado para trás, enfatizando a magreza de seu rosto e suas olheiras. Olhava para ele como se esperasse que ele a amarrasse e ameaçasse violentá-la com uma faca.

— Tenho certeza de que não teria me afogado — ela falou. — Teria acordado quando...

Luis a interrompeu com um resmungo de impaciência:

— Desculpe por não testar essa teoria. Da próxima vez vou esperar alguns minutos antes de tirá-la da água.

E ter mais uma vida pesando em sua consciência.

— Não vai haver uma *próxima vez*. — Ela apertou mais o roupão e aproximou os joelhos mais para perto do corpo. Seus olhos eram dois lagos safira cheios de

angústia. — Não deveria ter havido *essa vez*. Por que me olhava no banho?

— Não respondeu quando eu bati, então entrei — ele disse friamente. — Cheguei a pensar que havia fugido pela janela, mas não estava preparado para suicídio.

— Não era suicídio... — ela reagiu rapidamente, e ia continuar a falar quando alguém bateu à porta.

— Deve ser o jantar.

— *Jantar? Mas...*

Ela se levantou quando duas bonitas camareiras trouxeram dois carrinhos com bandejas com tampas prateadas e, ruborizadas e batendo os cílios, perguntaram a Luis onde as queria. Ele ignorou o óbvio duplo sentido que antigamente poderia ter saído de seus lábios sem pestanejar.

— Obrigado. Pode deixá-las ali — ele disse com um breve sorriso antes de virar-se para Emily. — Parecia muito cansada para descer até o restaurante. Achei que iria preferir comer aqui. Tudo bem?

Emily tentou não deixar que a comoção que sentia transparecesse em seu rosto. Esperou até que as belas serventes fechassem a porta antes de voltar-se para ele sem conseguir esconder a raiva em sua voz:

— Não, não está nada bem! Aposto que pensaram que estamos... — Pôde sentir seu rosto corar. — Que acabamos de... Indiferente a seu mal-estar, Luis já estava destampando os pratos e servindo o vinho.

— De fazer sexo? — ele sugeriu.

— Exato!

— Francamente, querida, duvido. — Aproximando-se da cama com uma bandeja de sanduíches de salmão defumado e duas taças de vinho, Luis sorriu de modo indolente, mas seus olhos estavam frios.

— Se tivéssemos, você não estaria com tanto mau humor. Agora coma. Ela viu apavorada ele colocar suas longas pernas em cima da cama e recostar-se numa pilha de travesseiros.

— M-mas não estou vestida — ela gaguejou.

— Acredite em mim, está muito mais respeitável assim do que naquele cardigã horrível.

Ela respirou fundo, determinada a ficar acima de sua provocação.

— Olha, não pedi nada disso. Não quero...

Mas Luis a interrompeu, com um tom de voz duro:

— A verdade é que agora, *amada*, não estou preocupado com o que *você* quer. O importante não é você. É sua família. Seu pai. Ele acaba de perder a esposa. Acha que agora é o melhor momento para ele perder uma filha também?

Emily deu um riso amargo.

— Achei que era o momento perfeito, já que ele acaba de ganhar outra para colocar em meu lugar.

Luis aquiesceu lentamente.

— O problema é Mia, não é?

— Não, não tem nada a ver com Mia — Emily respondeu desesperada, se

encolhendo para o mais longe dele possível, e tomando um grande gole de vinho.

Quando seu calor deslizou para dentro dela, pôde sentir suas defesas se derreterem como neve sob o sol. Após dois meses com aquilo tudo preso, de repente precisava falar.

— Não tenho nada contra Mia. Ela parece muito doce. Não é culpa dela.

— O que não é culpa dela?

O sofrimento deixou Emily com um nó na garganta, tornando difícil engolir o sanduíche.

— Que meu pai... desculpe, *nosso* pai — ela corrigiu num tom irônico — tenha sido tão fraco e estúpido ao passar a noite com uma mulher que nunca vira antes na noite anterior ao casamento dele e engravidá-la.

Ela esperou por sua reação de surpresa com essa revelação sobre Oscar Balfour, um irrepreensível exemplo de homem. Não houve nenhuma.

— Não — ele concordou inalterado, pegando outro sanduíche e devorando-o com uma bocada. — Acidentes acontecem. Certamente não pode culpar Mia pelas circunstâncias de sua concepção. O que isso importa agora? Oscar casou com sua mãe e continuou num feliz casamento com ela por... quanto? Vinte anos?

Ela franziu a testa e olhou para o pedaço de pão em suas mãos, esfarelado-o.

— Mas era baseado em mentiras — ela disse numa voz comovida. — Uma boa relação deve ser baseada em confiança e na verdade. Amar significa não ter segredos, não ter de esconder nada.

— É mesmo? — ele disse suavemente e com infinito desprezo, como se o que ela afirmou fosse superficial. — E se existirem coisas que é melhor que a outra pessoa não saiba?

Ela levantou a cabeça, forçando-se a olhar para ele.

— Melhor para ela ou para si mesmo?

Ele estreitou os olhos, mas por um instante ela achou ter visto algo neles que parecia ser dúvida.

— Melhor para ambos.

— Tem de confiar que a outra pessoa vá perdoar você — ela disse com a voz embargada. — Tem de dar essa chance a ambos.

Ele olhou para baixo. Uma mecha de cabelo caiu sobre seus olhos, fazendo-o parecer estranhamente desprotegido. Emily ficou com o coração apertado.

— E seu pai não fez isso? Não contou a ela nem mesmo quando Mia chegou?

Emily sacudiu a cabeça, sem querer lembrar-se dos dias difíceis depois que Mia apareceu. Dias que pareciam não acabar nunca.

— Meu pai fez com que não deixássemos que ela suspeitasse de nada. — Ela deu um sorriso triste. — Mia fingia ser uma empregada nova, o que não era um bom começo para sua vida em Balfour. Mas restava muito pouco tempo de vida a mamãe.

Luis inclinou-se para pegar a garrafa de vinho na cabeceira.

— Pelo menos ele a poupou do sofrimento de descobrir.

— O quê? Então acha que isso faz com que fique tudo bem? — Cheia de raiva, ela puxou a taça bem quando ele ia servi-la, derramando vinho em suas pernas.

Um músculo saltou no rosto bronzeado dele. O quarto parecia subitamente estático.

— Acho que isso não altera o fato de seus pais terem tido um casamento feliz — ele falou devagar.

Emily deu um risinho cínico.

— Oh, certo. Sua definição de casamento feliz é a de que um pode trair por aí contanto que a outra pessoa não descubra? Que mulher de sorte é a futura princesa de Santosa.

— Isso é diferente.

Como se em câmera lenta, ela o observou limpar com o polegar a gota de vinho que escorria pelo queixo dela.

— Quando eu me casar vai ser um acordo de negócios. Não vai haver amor envolvido, e espero que a futura princesa de Santosa entenda isso.

Emily virou pedra sob seu toque, aterrorizada pelo fogo que percorria seus nervos, como a detonação de uma bomba.

— Um acordo de negócios? Cujos termos vão permitir que durma com quem quiser. E ela vai ser livre para fazer o mesmo?

— Contanto que seja discreta — ele disse calmamente, seguindo o rastro do vinho em sua perna e tornozelo. — O ciúme é uma doença à qual, felizmente, sou completamente imune. Sou realista. O casamento preenche muitas necessidades. No meu caso, práticas, no de seu pai, emocionais. Ele amava Lillian, e uma última aventura antes do casamento não altera isso. Não significou nada.

— Essa é a parte que não entendo — Emily disse esforçando-se para se concentrar no assunto, e não nas faíscas de prazer que o toque dele causava em sua pele. — Por que fazer isso, então? Por que fazer sexo com alguém que não significa nada?

Sob a suave luz da luminária, o rosto dele estava lindo, mas indecifrável. Com cuidado, ele pegou seu pé e o observou. Emily sentiu seus dedos curvarem-se para baixo, como se tivessem vida própria. Todos os nervos de seu corpo pareciam estar concentrados naquele pé, fazendo-o formigar. Lembrou-se da sensação que costumava ter nos pés antes das apresentações, como se estivessem ganhando vida.

— Se fez essa pergunta é porque não entenderia a resposta — Luis disse secamente, massageando sua curva do pé. — Não se pode racionalizar a atração sexual, às vezes nem mesmo controlar. É o que se chama de humano. Oscar pode ser seu pai, mas ainda assim é um ser humano.

— Sei disso. — A voz dela estava trêmula.

— E mesmo assim parece que quer puni-lo por isso. — Ele massageou os calos embaixo de seus dedos. — Você tem pés extraordinários.

De repente ela puxou o pé e se levantou, indo até a lareira, ansiosa para ficar longe dele para conseguir pensar, se concentrar na conversa, não na linha de ação que seu corpo insistia em seguir.

— Não é isso. Não estou punindo papai. Só me sinto... traída. Parece que tudo está desmoronando... com minha mãe e Mia, e agora Zoe e aquela... aquela... coisa no jornal

hoje. É como se toda a família estivesse amaldiçoada ou como um conto de fadas em que os desejos que a fada concedeu às princesas viram maldições. O dinheiro e a beleza só trouxeram tentações às quais ninguém consegue resistir.

— Exceto você. — Ele se levantou e foi até ela.

Emily estava de costas para ele, mas seus olhares se encontraram no espelho sobre a lareira e ela sentiu seu sangue ferver quando ele sorriu.

— Pelo que lembro, você soube resistir, ano passado.

— Sim. — Ela quis desviar o olhar, mas não conseguiu. — Por que quero mais do que isso.

Ela ficou aliviada quando ele baixou os olhos. Mas então ele passou a mão em seu cabelo e ela ficou rígida de novo, tomada por emoções e sensações que não conseguia identificar nem controlar. Nem resistir.

— Do que isso o quê? — ele perguntou acariciando suavemente sua nuca.

— Do que... sexo casual.

— Não condene sem ter experimentado. — Em contraste com sua própria voz, a dele parecia suave e calma.

— E o que o faz pensar que não experimentei?

Era uma tentativa desesperada de bravura, mas pelo espelho ela viu o brilho dourado de seus olhos quando ele roçou os lábios em sua orelha. Por reflexo, ela se afastou violentamente da descarga elétrica provocada em todo seu corpo.

Ele riu.

— Isso.

Tremendo e ofegante como se tivesse corrido uma maratona, Emily o encarou. Com o rosto em fogo, ela apertou o roupão em volta do pescoço, ergueu o queixo em desafio e tentou dar o que esperava ser um riso de desdém.

— Só porque não pulo na sua cama quando estala os dedos?

Luis pegou o cinto do roupão e a puxou gentilmente para junto de si.

— Entendo — ele disse com um brilho de malícia nos olhos. — Quer preliminares também? Algo assim...

Ela abriu a boca para protestar, mas antes que conseguisse ele a beijou, e uma escuridão explodiu em sua cabeça, obscurecendo tudo que não fosse ele. O calor e a proximidade de seu corpo, o cheiro e o gosto dele. Ela estava paralisada, incapaz de pensar, de reagir com bom senso. Devia se afastar, mas só conseguia ficar parada ali rígida, como Joana D'Arc presa à estaca com o fogo queimando em volta dela...

Consumindo-a.

Tremia incontrolavelmente, abrindo os lábios sob a firme pressão dos dele, abrindo a boca para a gentil investida de sua língua. Deixou escapar um suspiro quando ele beijou a curva de seu rosto e depois o lóbulo da orelha. E a mão que estava em seu quadril passou em volta de sua cintura causando-lhe um arrepio. E as sensações que assombravam seus sonhos agitados desde aquela noite em Balfour, ziguezaguearam novamente por seu corpo.

Ele riu, e seu hálito quente em seu ouvido deixou sua pele toda arrepiada. Ele levantou seu queixo, deixando-a sem alternativa a não ser olhar nos olhos dele.

Era como se o sol tivesse desaparecido. Estavam frios e vazios como uma noite sem lua.

— Como pensei — ele disse numa voz que lhe causou calafrios. — Por detrás dessa aparência austera você também é humana, srta. Balfour.

Emily deu um solavanco para trás, sem fala. Sua cabeça girava enquanto voltava a si e percebia que caíra na armadilha dele.

— Como pôde? — ela sussurrou, se afastando e se envolvendo no roupão como se fosse uma armadura. — Fez de propósito. Manipulou-me. Obrigou-me...

— *Obriguei?* Não. Só mostrei como é fácil cair em tentação. Lembre-se disso antes de julgar os outros.

Ele se virou e andou em direção à porta da varanda. Emily baixou a cabeça e rangia os dentes para controlar as lágrimas de vergonha e fúria que queimavam como agulhas em brasa em seus olhos, desejando apenas que ele fosse embora e a deixasse sozinha com sua humilhação e seu desejo vergonhoso.

— Eu não teria ido para a cama com você — ela berrou. — Não teria deixado que fosse tão longe.

Ele abriu a porta e Emily sentiu o ar frio da noite, e o cheiro selvagem de terra molhada e grama sob um delicado aroma de jasmim. Ele parou e olhou para ela, e por um instante ela viu algo como desespero em seu rosto.

— Eu não teria tentado — ele disse com cansaço. E foi embora.

Capítulo Quatro

Era um amanhecer espetacular.

Luis estava sentado na janela de sua suíte observando as estrelas sumirem enquanto um tom de rosa se insinuava no céu pelo leste. Ele desistira de dormir e se levantou quando ainda estava escuro, e parecia inimaginável que aquela paisagem fria e sombria diante dele voltaria a ver a luz do sol. Mas gradualmente o jardim adormecido foi banhado pela luz rósea do novo dia, suavizado por uma névoa perolada. Muitas pessoas veriam isso como um símbolo de esperança, Luis pensou acidamente. Para ele era só mais um lembrete de que não havia saída. A vida continuava, persistente, quiséssemos ou não.

Merecêssemos, ou não.

Houve uma discreta batida na porta, e Tomás entrou trazendo café e alguns jornais.

— Bom dia, senhor. Dormiu bem?

Pegando o jornal, Luis manteve a expressão neutra e não o incomodou com a verdade. A noite acabara. Agora tinha de passar por mais um dia.

— Muitíssimo bem, obrigado, Tomás — ele disse, lendo as manchetes. — Que excitantes compromissos temos para hoje?

Tomás consultou sua prancheta.

— Bem, senhor, não há nada programado para essa manhã, mas à tarde temos breves visitas a um grupo de mães e filhos de South East London, uma instituição de caridade que oferece oportunidades esportivas para crianças e um centro de assistência a idosos.

— Que divertido. Falando nisso, como vai meu pai?

Tomás endireitou-se em sua poltrona.

— Eu ia justamente falar nisso, senhor. Falei com a secretária dele noite passada e lamento dizer que as notícias não são muito boas.

Luis tirou os olhos do jornal.

— Por que não me conta?

— Não precisa se inquietar, senhor. — Tomás queria acalmá-lo, mas a ansiedade em sua voz teve o efeito contrário. — O rei foi internado no hospital ontem à noite com uma pequena dificuldade respiratória, mas quando liguei seu médico me assegurou que estava dormindo tranquilamente. Mas isso me fez pensar que talvez devamos voltar para Santosa antes do planejado. Josefina, da assessoria de imprensa, está maravilhada com o sucesso da viagem e a publicidade positiva que ela gerou. No entanto... — Tomás encostou o dedo nos lábios, pensativo, antes de prosseguir: — ...ela acha contraproducente ficar longe de Santosa com Sua Majestade doente.

Luis tomou um gole de café e colocou a xícara cuidadosamente de volta antes de falar:

— O público sabe o quanto meu pai está doente?

—Não, senhor. Foi noticiado que ele esteve no hospital, e a assessoria de imprensa fez uma vaga declaração sobre "exames", mas não houve nenhum pronunciamento oficial sobre o rei estar...

— Morrendo.

— Exato, senhor — Tomás hesitou diante da brutalidade da palavra; ou da brutalidade com que Luis a disse. — Josefina acha que não é o momento certo para esse tipo de pronunciamento, que com as celebrações do Jubileu de Prata de Sua Majestade daqui a semanas e com tudo tão... indeterminado. — Ele limpou a garganta com afetação e folheou os papéis em sua prancheta.

Luis sorriu ironicamente, voltou a pegar o jornal e abriu na página de esportes.

— Não se preocupe, Tomás. Entendo o que está dizendo. Se vier a público que o rei Marcos Fernando está prestes a morrer e passar a coroa para a notória ovelha negra da dinastia de Cordoba, vai haver revolução nas ruas de Santosa. É isso?

— Claro que não, senhor — Tomás disse rapidamente e nada convincente. — Apenas precisamos trabalhar mais sua imagem antes que o público esteja pronto para aceitá-lo como sucessor de seu pai. Como sabe, seu pai é muito amado pelo povo, e um reinado de 25 anos sempre seria um papel difícil de assumir, mesmo por...

Ele parou abruptamente.

Houve um momento de silêncio, e então Luis terminou a frase para ele:

— Mesmo por Rico. — Havia uma ponta de desespero em seu tom irônico. Ele jogou o jornal para o lado, foi até a janela e ficou olhando em direção ao jardim.

O sol já estava alto num céu da mesma cor da piscina que reluzia para além da cerca viva de faias.

— Mas temos um problema aí, não temos? Se até meu nobre irmão teria dificuldades em agradar o povo de Santosa, que chance eu tenho?

— Toda a chance, senhor. — Tomás foi ficar a seu lado. — Já começou a mudar o modo como o público o vê. Agora só temos de tirar proveito disso e continuar o bom trabalho para que, quando chegar a hora, o povo o veja como um monarca responsável.

Luis gargalhou.

— Grande ideia. E como propõe que operemos esse milagre? Tomás abriu a boca para falar, mas sua atenção foi atraída para Emily Balfour, que apareceu na varanda e caminhava ao longo da balaustrada de pedra que dava para o gramado. Estava usando as roupas com que chegara na noite anterior, menos as meias pretas. Luis reparou em seus pés descalços. Uma emoção que ele não conseguiu identificar o tocou bem no fundo.

— A srta. Balfour parece ser uma boa moça, senhor — Tomás disse.

— É só um comentário qualquer ou tem alguma relevância na conversa?

O tom de Tomás era cuidadosamente neutro.

— Só estava imaginando, senhor, sem querer me intrometer, se há algo de romântico entre vocês. A segurança me informou que voltou para seu quarto de madrugada...

— Não aconteceu nada — Luis disse observando Emily apoiar os cotovelos na balaustrada.

O sol brilhava em seu cabelo castanho-escuro e, quando ela ergueu seu rosto em direção à luz, ele viu sua expressão de absoluta seriedade. Parecia fria e distante como um anjo vitoriano, e ele se lembrou da fragilidade de seu corpo ao tirá-la da banheira.

— Como diz, a srta. Balfour é muito doce, o que faz com que não me interesse por ela.

Nem por ninguém, pensou pesaroso. Esse tempo passara.

— Ótimo.

Luis ergueu uma sobrancelha questionadora.

— Tomás?

— Precisamos arranjar alguma diversão, senhor. Alguém para atrair a atenção da mídia de um modo que reflita positivamente para sua pessoa. Mas seria melhor que fosse alguém com quem não tenha nenhuma ligação genuína, para evitar aborrecimentos desnecessários.

— Quando ela não for mais útil, quer dizer? — Luis disse acidamente.

— Basicamente sim, senhor. Quando chegar a hora de se casar e precisarmos apresentar a futura rainha de Santosa ao povo. Mas até lá...

— Faça-me lembrar de quem está concorrendo a essa invejável posição — Luis interrompeu com frieza.

— Até recentemente havia duas possibilidades, a duquesa de Mesa e lady Helena Maygrove-Carter. Mas aquelas fotos de lady Helena dançando sobre a mesa de uma casa noturna fizeram com que deixasse de ser uma boa escolha.

— Engraçado. Isso me faz achar exatamente o contrário — Luis disse com os olhos ainda em Emily.

Ela havia colocado um dos pés sobre a balaustrada e fazia um alongamento de balé, deitando sobre sua perna numa impressionante demonstração de flexibilidade.

— Mas o que está sugerindo é que eu leve Emily Balfour para Santosa comigo?

— É, sem dúvida, uma ideia.

Luis enfiou as mãos nos bolsos e trincou os dentes para controlar o palavrão que lhe veio aos lábios por essa intromissão da política em sua vida pessoal. A cada dia que passava, desde que seu irmão Rico morrera, há dez meses, ele percebia mais claramente como sua vida era boa longe dos radares, como "substituto" do "herdeiro" Rico.

Estava pagando por esses anos despreocupados, e continuaria a pagar pelo resto de sua vida. Mas nem mesmo sua liberdade era um preço alto o bastante para pagar pelo que fizera.

— O que o faz pensar que ela vai aceitar? O que ela ganharia com isso?

— Ela parece estar vivendo um momento difícil. Presumo que não queira voltar para a casa de sua família, mas não posso deixar de pensar que sua situação atual está longe do ideal. Dá para ver que ela é uma pessoa que gosta de ajudar os outros, então é possível que...

— Que queira me ajudar se comprometendo para melhorar minha imagem ruim? — A gargalhada de Luis soou estridente. — Acho que está superestimando a generosidade

dela, Tomás.

Tomás deu um breve sorriso.

— Senhor, não era bem isso que eu dizia. Concorde que a ideia de fazer parte de uma farsa deliberada não agradaria à srta. Balfour, entretanto, com uma pequena ajuda da assessoria de imprensa, a mídia poderia ser encorajada a tirar suas próprias conclusões quando os vissem juntos. — Ele fez uma pausa e foi até a mesa servir mais café. — Na verdade eu estava pensando na princesa Luciana.

— Luciana?

— Ela também acaba de perder a mãe, como a srta. Balfour. Talvez a srta. Balfour seja o tipo de pessoa que encontra conforto consolando os outros. E Luciana, como tantas outras garota de sua idade, gosta muito de balé.

A colherzinha fez um tilintar musical na louça enquanto Tomás misturava creme a seu café; fora isso o quarto estava muito silencioso. De pé na janela, Luis olhava lá para baixo, onde Emily trocava de perna, levantando a saia enquanto colocava o calcanhar em cima da balaustrada e se esticava para a frente para puxar seus dedos.

— Gosta? — De modo distante, ele demonstrou surpresa, mas foi vencida pela surpresa ainda maior de como Emily Balfour parecia sólida e exuberante de costas, vista daquele ângulo. — Sua esposa ainda é a babá de Luciana?

—No momento não. Ela entrou em licença-maternidade logo depois que o príncipe Rico e a princesa Christiana morreram, o que foi difícil para todos. Valentina diz que a babá substituta, a sra. Costa, trabalhou para algumas das melhores famílias no Brasil e tem ótimas referências, mas sua conduta é formal, o que parece ter feito a princesa Luciana se recolher para dentro de si mesma. Acho que a srta. Balfour seria alguém com quem Luciana poderia se abrir. Ela claramente tem jeito com crianças.

Tomás foi ficar ao lado dele de novo. Luis recusou o café que ele lhe ofereceu. Do modo como se sentia agora, poderia fazê-lo engasgar.

— Planejou isso tudo, não foi?

— Conversei muito com Josefina ontem à noite, senhor. — Pelo menos Tomás teve a decência de parecer um pouco encabulado. — Ela acha que a srta. Balfour poderia ser extremamente útil para a Operação Crisálida.

— Operação Crisálida? — Luis repetiu, com uma perigosa voz macia.

— O processo de renovar sua imagem pública, senhor.

— Crisálida, entendo.

Santo Deus. Aquilo era como um filme de ficção científica em que sequestram uma figura pública e a substituem por um clone que sofreu lavagem cerebral.

— E nem você, nem Josefina veem nenhum problema em usar Emily?

— Prefiro não ver as coisas assim. — Tomás deu um sorriso determinado. — Acho que estamos oferecendo à srta. Balfour uma oportunidade que vai lhe ser benéfica tanto quanto a nós. Contanto que sejam tomadas certas precauções para protegê-la.

Luis apoiou a mão no vidro da janela.

— E quais seriam?

— Primeiro, que não durma com ela, senhor.

Ele fechou a mão como se fosse dar um soco no vidro.

— Acho que consigo me controlar — ele disse com sarcasmo. Afinal de contas, resistira a corpos mais tentadores que o dela nos últimos dez meses. — E em segundo?

Tomás demorou um pouco a responder. Quando o fez, sua voz estava estranhamente contida:

— Não podemos de jeito nenhum colocá-la em uma posição em que estaria emocionalmente comprometida. Então deve ser muito cuidadoso e não deixar que se apaixone pelo senhor.

Luis deu uma gargalhada brusca.

— Pelo modo como Emily se sente em relação a mim, não acho que haja nenhum risco quanto a isso. A maior dificuldade vai ser fazê-la concordar em ir para Santosa comigo. Assim como planejou todo o resto, talvez pudesse voltar sua mente brilhante para isso, Tomás.

— Isso é fácil, senhor. Apenas faça o que faz melhor.

— Mas se seduzir não é uma opção...

— Estava falando sobre seu charme, senhor. É um príncipe, lembra? Seja encantador.

Disciplina. Foco. Controle.

As palavras que foram seu mantra durante todos os anos da escola de balé se repetiam em sua cabeça enquanto Emily fazia o alongamento e sentia seus músculos protestarem. Fechou os olhos, respirou o ar fresco da manhã e tentou liberar a tensão dos músculos causada por uma noite mal dormida.

Disciplina. Foco. Controle.

Era uma vergonha que essas palavras não estivessem em sua cabeça na noite anterior, quando Luis Cordoba a beijara, pensou com tristeza. Era um pouco tarde agora. Na verdade, as palavras *chorar o leite derramado* também se repetiam junto com *disciplina, foco e controle*.

E também, *desalmado, arrogante e maldito...*

Como ousara tomar essas liberdades com ela? Ela se enfureceu enquanto tirava a perna da balastrada e a esticava de novo, segurando o pé acima da cabeça. *Não apenas com seu corpo, mas também com sua mente, fazendo um jogo sádico para tentar me expor como um tipo de... de... Hipócrita.*

A palavra caiu em sua consciência como um pedregulho em um lago parado.

— Bravo! Se tivesse rosas, eu as jogaria para você agora.

Com um grito de susto, Emily soltou a perna e virou-se na direção daquela voz perversa. Voz do diabo. Luis estava apoiado no parapeito da sacada sobre a varanda.

— Só estava me alongando — ela murmurou, lamentando a obviedade da resposta e virando-se de costas para que ele não a visse corar. — Não sabia que tinha alguém olhando.

— Não me deixe interrompê-la. Por favor, continue.

Como se pudesse.

— Já acabei de qualquer modo.

— Ótimo. Então vou tomar café da manhã com você. Pedi que levassem até seu

quarto.

Ela se virou e ia dizer para ele sumir, mas, em vez disso, levou um susto. Em um movimento fluido Luis subiu no parapeito da sacada e ficou em cima da saliência do lado de fora.

— O que diabos está... Pelo amor de Deus, Luis, não!

Ela levou as mãos à boca ao observá-lo pendurar-se na sacada. Por um momento, seu corpo ficou pendurado balançando, e sua camisa se levantou mostrando um pedaço de suas costas musculosas antes que pulasse para o chão.

Emily ficou sem ar. Ele virou-se, limpando a sujeira das mãos e caminhou pela grama em direção a ela.

— Muito impressionante — ela falou quando ele se aproximou, cruzando os braços como se isso pudesse conter o frenético batimento de seu coração. — Mas não podia chegar do modo convencional, como qualquer pessoa normal?

— Poderia, mas teria de fazer Tomás informar à segurança e trazer dois guarda-costas comigo. — Ele puxou uma cadeira e sentou.

Sob a luz dourada da manhã, Emily pôde notar linhas de tensão em volta de sua linda boca.

— Isso tira a espontaneidade.

Ela franziu a testa, com um súbito interesse em suas próprias unhas. Não queria sentir pena dele. Não queria sentir *nada* por ele.

— Mas deve ser necessário a sua segurança — disse, irritada.

— É? Acho que se alguém quiser me matar vai encontrar um jeito.

O súbito vazio em sua voz deixou o coração dela apertado ao perceber que ele pensava em seu irmão. As mortes do príncipe Rico e da princesa Christiana em um acidente de helicóptero chocaram o mundo inteiro.

Ela engoliu em seco, tentando desfazer o nó na garganta.

— Isso não é mais um motivo para ser cuidadoso?

Luis olhou para ela com firmeza e deu um sorriso torto.

— Não.

Por um longo instante seus olhares se sustentaram. Em algum momento, enquanto se revirava nos lençóis na noite anterior, ela decidira que quando o visse de manhã seria friamente polida, mas completamente distante. As palavras vagavam sem força por sua cabeça enquanto olhava para aqueles olhos tomados por emoções que ela não conseguia interpretar.

Ela abriu a boca para falar, para dizer algo que demonstrasse sua frieza, mas alguém bateu à porta do quarto.

Isso quebrou o encanto. Luis levantou-se, passou a mão nos cabelos e falou com habitual tom irônico:

— Deve ser o assassino profissional.

— Eu vou lá.

Emily disparou para dentro, contente por poder escapar e pela oportunidade de se recompor enquanto chegavam bandejas com café e *croissants*. Ela sentou-se e esperou que as moças fossem embora antes de dizer solenemente:

— Lamentei muito a perda de seu irmão e da esposa dele.

— Não tanto quanto eu — Luis respondeu, pegando um *croissant*. A máscara irônica dele voltara a seu lugar. Determinada a não deixar que ele visse o quanto sua superficialidade a chocara, Emily tentou de novo:

— Deve sentir muita falta dele.

— Pode-se dizer que sim. — Recostando-se na cadeira, Luis abriu o *croissant* com seus dedos longos, expondo seu interior macio. — Daria tudo para tê-lo de volta. — Olhou para Emily com um sorriso amargo. — Para que minha vida voltasse a ser como antes.

— Claro. — Ela pegou um brioche, com a testa franzida. — Agora você é o herdeiro. Não estava vendo por esse ângulo.

— Não? Não sabia que há outro modo de pensar nisso.

— Bem... — ela disse com uma risadinha artificial. — Que tal em termos de perda pessoal? Perdeu seu irmão e sua cunhada. Seu pai perdeu o filho, e sua sobrinha perdeu os pais.

— Obrigado por me lembrar disso.

Ela balançou a cabeça e ficou sem fala por um segundo antes de continuar:

— Desculpe. Eu... eu nem imagino como deva ser isso... — Ela parou de novo e olhou para baixo, para as próprias mãos. — Pelo menos um pouco posso. Que idade ela tem?

Luis encolheu os ombros.

— Cinco... talvez 6.

— Não *sabe*? — Uma imagem do filhinho de sua irmã Annie lhe veio à cabeça, e Emily sentiu um nó na garganta de emoção.

Oliver tinha 3 anos e era o grande amor da família Balfour. O aniversário dele era um dia especial na agenda de todos, uma ocasião de extravagante comemoração familiar e uma desculpa para suas irmãs o mimarem descaradamente.

— Não tenho jeito com garotinhas.

— Não. — Emily pegou um pedaço de manteiga e colocou-o no canto de seu prato. — Imagino que lhe sejam totalmente indiferentes até alcançarem a maioridade.

— Você faz parecer uma coisa ruim, quando considero exatamente o contrário. — Ele deu um leve sorriso. — Não é que não me importe com ela. Só não sei por onde começar. Não tenho nada em comum com ela. Ela gosta... não sei, de pôneis rosas e balé...

— Balé? — Emily parou com o brioche a meio caminho da boca.

— Segundo Tomás. Valentina, a esposa dele, fez parte da equipe que cuida dela, até que saiu para ter um bebê. Parece que Luciana é louca por balé.

Ele estava servindo mais café, e Emily não conseguia tirar os olhos de suas mãos. Em contraste com a louça delicada, elas pareciam muito grandes e bronzeadas.

— Ela faz aulas?

— Não. Sempre foi muito tímida, mas desde o acidente ela quase não fala. Não teria a autoconfiança para isso.

— Mas balé seria bom para ela. — Emily ficou de pé, subitamente alerta, saindo

do efeito hipnótico que as mãos dele exerciam sobre ela. Essa era sua especialidade. Sua paixão. — Algumas das minhas alunas em Larchfield adquiriram confiança desde que passei a ensiná-las. Como Naomi ontem. Ela não levantava a cabeça nem olhava as pessoas nos olhos quando começou. Mas uma das primeiras coisas que se aprende no balé é a ficar ereta e manter a cabeça levantada. Todo o resto vem daí. Deveria encorajar Luciana a ter aulas.

Ele tomou um gole de café e sacudiu a cabeça em negativa.

— Seria o pesadelo da segurança. Posso colocar minha vida em risco, mas não a dela. Devo pelo menos isso a minha sobrinha.

Emily franziu a testa sem entender.

— Mas não poderia contratar uma professora particular?

Ele olhou para ela, inclinando a cabeça e estreitando os lábios, antes de responder vagarosamente:

— É complicado. Recrutar pessoas para trabalhar em casa é sempre um longo e tedioso processo. Teria de ser alguém especial, a quem Luciana pudesse se ligar, que entendesse a situação em que ela se encontra...

Ele parou. Por um longo instante o único som era o dos passarinhos cantando. A xícara de café estava aninhada entre as mãos dele, e ela ficou horrorizada pelo arrepio de prazer que quase sentiu ao lembrar-se do modo como ele massagara seu pé. Ela sentia um calor em seu ventre, uma tensão entre suas coxas... Mas então em algum canto de sua mente racional despontou uma compreensão.

— Não — ela falou arregalando os olhos. — Oh, não. Sou *eu* que você quer. — As palavras lhe faltaram. Ela levantou-se e sacudiu a cabeça tentando raciocinar. — Depois do que fez ontem à noite, está me pedindo para ir trabalhar para você em Santosa?

Ele também se levantou, com um olhar desdenhoso para sua camiseta.

— Seria melhor do que trabalhar em um clube de *strip-tease*, não? Ela deu uma gargalhada trêmula.

— Não. Não acho que seria. Porque lá pelo menos os homens não tentam esconder o que querem. — Ela jogou o guardanapo para o lado. — Eles não fazem joguinhos. Sinto-me mais segura lá do que quando você está por perto!

Ele jogou a cabeça levemente para trás, como se ela tivesse lhe dado um soco, e por um instante a emoção nos olhos dele quase a atordoou. Mas então ele desviou o olhar e passou a mão pelo rosto como se fosse para esvaziá-lo de novo. Quando falou, sua voz era fria e irônica:

— Sua franqueza é espantosa. Agora, talvez seja melhor eu levá-la de volta a Londres.

Capítulo Cinco

A mão de Emily tremia ao tentar enfiar a chave na fechadura. Ouvia o motor do carro atrás de si.

Não olhe para trás, disse a si mesma em desespero. Concentre-se apenas em abrir a maldita porta e entrar para esquecer tudo sobre Luis Cordoba e sua... sua...proposta.

A porta se abriu, e ela entrou cambaleando no corredor sujo. Foi imediatamente atingida pelo cheiro de umidade e de legumes cozidos demais, e prendeu a respiração ao passar pela porta do sr. Lukacs em direção à escada.

— É você, sita. Jones?

Ela ficou paralisada no terceiro degrau, com o coração disparado. *Não sou srta. Jones. Sou Emily Balfour. O que diabos estou fazendo aqui? As últimas 12 horas e o luxo do hotel de Luis só serviram para fazê-la notar mais a sujeira do carpete, a mancha preta que mãos anônimas sujas deixaram no papel de parede em volta do interruptor da luz. Com um arrepio de repulsa, subiu as escadas e atravessou o corredor até seu quarto o mais discretamente possível.*

Fizera a coisa certa, disse a si mesma. A casa do sr. Lukacs em Bedford Street podia não ser um palácio, mas pelo menos morava ali sob suas próprias condições, sem comprometer os valores que já se sacrificara muito para manter. Ensinar balé à princesa Luciana parecia ser o emprego dos sonhos em muitos sentidos, mas não seria tão simples assim. Não com Luis Cordoba por perto. Ele mexera com sua cabeça e a transformara em uma pessoa que não reconhecia e que não queria ser.

Virou a chave na fechadura, entrou e fechou a porta, voltando a respirar. Preferia continuar sem respirar, pois o cheiro de umidade no ar era quase tão ruim quanto lá embaixo, mas, embora tivesse aprendido a viver sem muitas coisas que considerava essenciais em Balfour, respirar não era uma delas. Contendo um arrepio, jogou as chaves sobre a mesa de cabeceira barata e atravessou rapidamente o horrível carpete estampado até o armário.

Estava atrasada para o trabalho, o que queria dizer que não havia tempo para pensar nas roupas que deixara em Balfour enquanto tirava um vestido preto do cabide. Tirou a meia-calça, e estava prestes a tirar a blusa quando bateram à porta.

— Srta. Jones?

Emily enrijeceu, olhando nervosa para a porta. Estava trancada, graças a Deus. Ouvia a respiração pesada do sr. Lukacs do lado de fora enquanto ele tentava escutar algum sinal de vida lá dentro. Sentiu uma pontada de culpa. Ele era apenas um homem de meia-idade solitário, sem ninguém para conversar. O modo como seus olhos pequenos e úmidos a olhavam de cima a baixo era o que a incomodava.

— Srta. Jones, está aí?

Emily teve uma sensação incômoda na nuca e, tomando muito cuidado para não fazer barulho, tirou a camiseta pela cabeça. Felizmente, ele desistiu e foi embora, ela

pensou andando nas pontas dos pés até o gaveteiro e se perguntando como pegaria sua lingerie sem fazer barulho. A gaveta de cima quebrara, então era preciso empurrá-la para cima e dar um puxão...

Ela parou de repente. A gaveta estava um pouco aberta, com algumas das calcinhas e dos sutiãs saindo. Ela deixara daquele jeito?

O barulho de chave na fechadura fez seu sangue gelar e respondeu a sua pergunta. Em câmera lenta, ela observou a porta ser aberta. Parecia que mãos invisíveis apertavam seu corpo e cobriam sua boca enquanto uma pessoa pesada e volumosa se esgueirava para dentro do quarto.

— Sr. Lukacs — ela balbuciou pegando a camiseta que acabara de tirar e segurando-a contra si. Recuou. — O que está fazendo?

Por um instante ela viu aqueles olhos furtivos ficarem alarmados.

— Srta. Jones... eu... pensei que estivesse fora.

O coração dela bombeou adrenalina por todo seu corpo trêmulo e seu cérebro horrorizado.

— O... o que quer dizer? Se pensou que eu não estivesse, por que está entrando em meu quarto?

Tornou a olhar para a gaveta aberta, mas engoliu sua histeria e controlou sua voz:

— Não tem o direito de entrar aqui e olhar minhas coisas.

Os olhos escuros dele evitaram os dela.

— Acho que não preciso lembrar que seu aluguel está muito atrasado. — Ele respirou ruidosamente, remexendo-se inquieto. — Então não pode falar de direitos, srta. Jones.

O tom de desculpas em sua voz era sinistro. Havia algo de patético nele, com sua camiseta apertada na barriga volumosa e seu cabelo fino e oleoso. Emily poderia sentir pena dele se não estivesse tão irritada.

— Não, bem... — Ela engoliu em seco. — Peço desculpas por isso, mas estou indo para o trabalho agora, para poder pagar parte do que lhe devo...

— *Parte?* Oh, querida. — Seus olhos se dirigiram para algum lugar próximo da cintura de Emily. Ele passou a língua pelos lábios antes de continuar: — Gosto de pensar que sou um homem razoável, e, em vista de suas... dificuldades financeiras, talvez possamos chegar a um acordo. Um acordo *amigável*... — Seu olhar faminto fez Emily ficar nauseada.

— Não — ela disse numa voz sufocada.

O armário estava bem atrás dela, não tinha para onde correr. Ele era muito grande para ser repellido, então ela arriscou a única opção que lhe restava. Ficou o mais ereta que pôde e falou com a mesma voz de aristocrata da diretora da escola de balé:

— Não. Asseguro-lhe que terá seu dinheiro. Agora, por favor, saia.

O rosto do sr. Lukacs se agitou por um instante e ela pensou que ele ia discutir, mas pareceu pensar melhor e, com um último olhar malévolo, foi embora.

Emily conseguiu manter-se em pé até a porta fechar, mas depois suas pernas fraquejaram e ela desabou na cama. Na porta espelhada do armário, pôde ver seu

rosto, uma figura oval de cera com olheiras.

Trêmula, fechou os olhos, apoiou a cabeça nas mãos e prendeu a respiração para controlar uma súbita saudade de seu quarto em Balfour. Conseguia visualizar o sol entrando pelas janelas, a vista para o jardim, as cortinas rosa estampadas e a cama com dossel dourado e cortinas de musselina branca. Levantou estonteada com a ideia de sair daquele quarto horrível e ir para casa. E daí se não tinha dinheiro para o trem? Só precisava pegar um táxi e Oscar pagaria quando chegasse em Balfour. Pelo táxi e pelo aluguel que devia ao sr. Lukacs...

Não deixe de me ligar quando crescer.

A voz de Luis Cordoba veio a sua cabeça como se ele tivesse sussurrando as palavras em seu ouvido. Desabou na cama com um gemido de desespero. Claro que não poderia correr de volta para o papai e deixá-lo consertar tudo. Tinha de fazer isso ela mesma.

Custasse o que custasse.

No momento em que a porta do carro se fechou, o sorriso de Luis desapareceu, como se tivesse sido desligado, e ele se afundou no assento.

De acordo com Tomás, a tarde fora bem-sucedida. A visita ao grupo de mães foi tranquila, a não ser no momento em que uma mãe particularmente atraente lhe deu seu bebê para segurar e ele ficou tão aterrorizado que quase, o deixou cair. Mulheres empurrando bebês para ele fora uma imagem recorrente em seus pesadelos durante anos. Mas felizmente ele conseguiu fazer piada disso e entregá-lo de volta rápido.

O projeto de esportes foi melhor. A vontade de competir e de vencer era algo que ele entendia. Observou as crianças com genuíno interesse. Tanto que por um instante quase conseguiu parar de pensar em Emily Balfour, embora ainda experimentasse uma sensação incômoda de fracasso em sua nuca, como uma enxaqueca esperando para atacar.

O carro partiu, e com um esforço enorme ele levantou a mão para acenar para o grupo de idosos reunido diante do centro de assistência, e depois passou a mão pelos cabelos e soltou o ar pela boca.

Falhara com Oscar. E agora que vira onde Emily vivia, entendeu que falhara com ela também. *Deus...* O lugar onde a deixara mais cedo era inacreditável. A única coisa positiva que conseguia pensar em dizer para Oscar sobre a casa em que sua filha morava era que não tinha janelas lacradas para impedir invasões, como tantas outras na rua.

A culpa, sua companheira nos últimos dez meses, instalou-se no assento a seu lado, envolvendo-o em seu abraço sufocante enquanto ele se lembrava daquela manhã. Em parte, sentiu alívio quando ela recusou sua proposta. Porque estava certa sobre ele. Parecia conseguir ver dentro dele, de seu coração vazio, de um modo que poucas pessoas conseguiam. O que foi que Oscar Balfour dissera? *Ela é boa... Espera que os outros sigam os mesmos padrões rigorosos que aplica a si mesma...*

E foi isso que o fez parar de tentar fazê-la mudar de ideia sobre ir para Santosa. Já tinha perfeita consciência da frieza de seu coração, de seus próprios

pecados, sem que Emily Balfour os apontasse.

Mas isso foi antes que visse onde ela vivia.

— Acho que foi tudo muito bem, senhor — Tomás comentou vivamente, olhando de lado para Luis. — Deixou as senhoras encantadas. Estão todas comendo em sua mão.

— Bom saber que não perdi completamente o jeito — Luis disse, olhando para fora.

— Ah. Ainda está pensando na srta. Balfour? Não se preocupe, senhor. Vamos pensar em outra coisa para ajudar em sua imagem. Fez tudo o que pôde.

— Não. Não fiz. — Luis endireitou o corpo. Um músculo saltava em seu rosto. — Vamos voltar ao centro comunitário em que ela trabalha. Esqueça o charme. Dessa vez vou fazer do meu jeito.

— Senhor?

Luís virou-se para Tomás com um sorriso mordaz.

— Dessa vez vamos tentar chantagem.

Comparada às outras manchas em sua consciência, essa seria a menor delas.

— Não! — Kiki parou, horrorizada, com seu biscoito recheado a meio caminho da boca. — Ele entrou mesmo em seu quarto enquanto estava se vestindo?

Emily confirmou com pesar, tomando um gole de café solúvel.

— Ele tem uma chave, e tenho a desagradável sensação de que não foi a primeira vez...

Lembrou-se da gaveta levemente aberta com suas roupas íntimas saindo. Conteve um arrepio e tomou outro gole de café.

— Tarado — Kiki disse, enojada. — Oh, meu Deus, isso é tão assustador. Sei que o quarto é barato, Emily, mas precisa encontrar outro lugar.

Elas estavam de pé na cozinha de Larchfield. Ou pelo menos Emily estava em pé, e Kiki, sentada na bancada, com o pacote de biscoitos a seu lado.

— Eu sei — Emily disse num desespero contido, segurando seu café com as duas mãos e olhando pela janela sem enxergar para nada. — Mas foi o quarto mais barato que encontrei, e mesmo assim luto para conseguir pagar o aluguel. Eu não sabia... nunca pensei... — Balançou a cabeça, lutando para explicar sem deixar escapar que nem imaginava a realidade de viver com um salário mínimo. — Não sabia como é caro morar em Londres.

Kiki a olhou, pensativa.

— Sua mudança não foi muito bem planejada então? — ela perguntou, dando uma mordida no biscoito. — As coisas estavam difíceis em casa?

Emily confirmou. Considerava Kiki uma amiga próxima, mas nunca conversaram sobre nada pessoal. Por razões óbvias. Como o fato de que, se o fizessem, Kiki perceberia que Emily mentira desde o começo.

— Tive... um desentendimento com meu pai. Minha mãe estava doente e fiquei lá até ela morrer, mas um dia depois do funeral dela... eu... não podia continuar ali sabendo o que ele fez.

— É o que ele fez para que voltar esteja fora de questão? — Kiki perguntou

suavemente.

As mãos de Emily apertaram a caneca e ela fechou os olhos por um instante. Trair sua mãe, ter um filho, *mentir para todos eles* e esperar que ela também mentisse...

— Sim. Está fora de questão.

Kiki suspirou.

— Queria poder ajudar, mas não temos dinheiro para pagar por seu trabalho aqui. Eu pagaria se pudesse.

— Eu não faria isso por dinheiro — Emily disse tristemente. — Faço isso porque é a única coisa que me impede de enlouquecer.

— Bem, essa é mais uma razão para continuarmos abertos — Kiki disse com um sorriso pesaroso que logo desapareceu. — Então o que vai fazer? Não pode continuar sob o mesmo teto daquela praga estranha, e seu salário não dá para um lugar decente...

— Há uma opção.

Emily olhava pela janela de novo com uma expressão estranha e vazia no rosto. Lá fora o dia não fazia jus à promessa da manhã, e ela viu a cerejeira pela qual passara no dia anterior. Sua extravagante floração sedosa fora desnudada pelo vento, e agora ela parecia desolada e maltrapilha.

— Casar com um milionário? — Kiki sugeriu numa débil tentativa de humor.

Um carro se aproximava do meio-fio do outro lado do centro comunitário. Um enorme carro preto com vidros escuros. Emily o observava, impassível. Por ali carros caros só podiam significar uma coisa.

— Se puder me arranjar um que não seja traficante, vou levar em consideração. Mas até lá tenho de ser mais prática. — Ela expulsou sem piedade a lembrança de Luis Cordoba e sua oferta tentadora da cabeça, e disse, cansada: — Meu chefe no Pink Flamingo me ofereceu um lugar como dançarina.

— Dançarina? — O rosto de Kiki murchou. — Presumo que não seja balé. Oh, Emily, você não poderia. Você não aceitou, não é?

As mãos de Emily tremiam, fazendo o café balançar na caneca.

— Disse que vou pensar. Mas acho que é melhor não pensar. — Ela tentou dar uma risada, que se tornou um tipo de soluço sufocado. — Afinal, que escolha eu tenho? Ganharia duas ou três vezes mais do que ganho no bar, e até que o príncipe encantado chegue em seu cavalo branco...

Uma batida forte na porta fez as duas pularem. Kiki revirou os olhos, impaciente.

— O que quer? — ela gritou.

A porta abriu. Emily tomou um susto.

De pé ali, parecendo relaxado e deslocado como um girassol na Sibéria, estava Luis.

— Por coincidência, eu quero a srta... Jones — ele respondeu para Kiki, mas olhando diretamente para Emily.

Vestia uma calça cinza-grafite e uma camisa rosa-pálido com o Colarinho aberto, como se tivesse acabado de tirar o terno e a gravata. De repente Emily se sentiu como se tivesse saído do freezer para uma onda de calor.

— Achei que a encontraria aqui.

— Vossa Alteza... — Alvorçada, Kiki desceu da bancada e fez uma reverência desajeitada. — Desculpe, eu não sabia...

Luis a ignorou. Ainda tinha os olhos fixos em Emily.

— O que há de errado?

Emily deu um gole no café, esforçando-se por uma fração da indiferença que ele demonstrava sem o menor esforço.

— Nada. Estou bem.

Ele olhou para Kiki e disse calmamente:

— Gostaria de explicar?

Kiki olhou de um para o outro, visivelmente confusa e constrangida. Seu conhecimento de etiqueta real era pouco, mas sabia que dizer "não é da sua conta" para um príncipe não era uma opção.

— Emily está com problemas com seu senhorio. Ele é um cara assustador e está... está entrando escondido no quarto dela e...

— Kiki! — Emily berrou.

O alívio profundo que sentira quando vira Luís ali durara só um segundo, e agora se sentia uma pequena canoa num rio de correnteza forte. A presença dele parecia preencher cada cantinho da minúscula cozinha, seu glamour natural e sua ótima aparência a faziam parecer ainda menor e mais ainda caindo aos pedaços.

— E? — ele disse voltando-se para Emily.

— Não importa. O que faz aqui, a propósito?

— Procuro por você — ele respondeu, apoiando-se no portal e sorrindo.

Voltara a ser o playboy relaxado de quem ela se lembrava. Todos os sinais de tensão e o desespero que vira nele mais cedo foram cuidadosamente apagados.

Emily trincou os dentes.

— Kiki, você se importaria...

— Não. Quero que a srta. Odiah fique — ele interrompeu calmamente. — O que tenho a falar diz respeito a ela também, e acredito que haja algo que não lhe contou.

Emily sentiu o chão lhe faltar. O filho da mãe. Ele iria entregá-la. Ela estava tentando sobreviver longe de sua família e sem seu sobrenome, e ele iria virar a única amiga que tinha contra ela. E por quê? Como vingança por tê-lo rejeitado naquela manhã? Ou por tê-lo rejeitado um ano antes?

Ela passou a língua nos lábios ressecados e lhe deu um olhar cheio de rancor.

— Luis... Alteza...

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Sobre nossa conversa esta manhã...

Ele se voltou para Kiki.

— Estou muito impressionado com o que está fazendo aqui, srta. Odiah. A apresentação de ontem foi excelente, e me fez pensar em minha sobrinha lá em Santosa. Ela adora balé, mas é muito tímida, e acho que se beneficiaria em ter aulas com a srta. Jones.

Emily nunca vira Kiki desconcertada antes. Trabalhar em Larchfield a tornara

imperturbável em relação às drogas, violência, gravidez precoce, autodestruição e muitos outros aspectos da cultura jovem. Mas agora estava pasma.

— Espere aí — disse, confusa. — Quer que Emily vá para Santosa ensinar balé à princesa?

Luis sorriu.

— Sim.

Kiki deu uma breve gargalhada incrédula.

— Mas isso...

— Está fora de questão — Emily a cortou. — Não quero sair daqui.

— O quê?! Está brincando? Não quero perdê-la, mas, Emily, isso resolve *tudo*. — Um sorriso estampou-se no rosto de Kiki. Ela segurou Emily pelos braços e suas pulseiras tilintavam ao sacudi-la de leve, com um brilho nos olhos. — Pode sair daquele quarto horrível e dizer a seu chefe para enfiar seu revoltante trabalho de dançarina no... — Ela parou a tempo. — Desculpe, Vossa Alteza.

— Dançarina? — Luis lançou um olhar desdenhoso para Emily. Ela baixou a cabeça.

— Eu não disse que sim.

— Mas ia dizer, porque não tem escolha — Kiki falou alegremente. — Foi o que disse um instante atrás, mas agora...

Emily sentiu como se a canoa estivesse se precipitando em direção a uma enorme cachoeira.

— Mas e as crianças? — ela interrompeu, com um olhar de súplica para Kiki. — E Larchfield?

— Pensei nisso. — Luis desencostou-se do portal e pôs a mão no bolso. — Sei que vai ser um golpe duro perder um membro tão valioso de sua equipe. Quem sabe pudesse contratar alguém para substituir a srta. Jones?

Kiki arregalou os olhos ao ver o valor no cheque que ele lhe entregou.

Tinha de devolvê-lo a ele, Emily pensou. Fora completamente subjugada e traída. Uma pequena hesitação antes de ele dizer "Jones" não lhe passou despercebida. Ele a encurralara, e sabia disso.

— Vocês dois não estão esquecendo algo? Ainda não concordei com nada disso.

Ele deu um sorriso indolente, com um olhar ameaçador.

— Mas espero que concorde. Pode pensar nisso enquanto voltamos a seu apartamento e pegamos suas coisas. Tenho certeza de que não vai querer passar outra noite naquele quarto. Espero por você no carro.

Ele saiu, e imediatamente o ambiente pareceu escurecer. Emily despencou para a frente, soltando o ar pela boca. Kiki a pegou pelos braços de novo e se inclinou para olhar para seu rosto. Seus olhos ainda brilhavam de excitação.

— Ei... falando sobre o príncipe encantado! Todos os seus problemas foram resolvidos num passe de mágica, e... e... nossa, Emily, ele é absolutamente *lindo*!

Sim: Ele era.

E isso era mais um problema para ela.

Capítulo Seis

"Santosa É um arquipélago de 12 ilhas no Atlântico, a 50 km da costa do Brasil. Com suas águas cristalinas, lindas praias de areia branca e uma arquitetura colonial portuguesa do século XVI, a maior ilha, e única habitada, é um dos lugares mais sedutores do mundo."

Emily fechou o guia que Kiki lhe dera como presente de partida. *Bem*, ela pensou olhando para a imensidão azul pela janela do avião, *se você vai ficar infeliz e sozinha, pelo menos será num dos lugares mais lindos do mundo.*

Contendo um bocejo, recostou-se no assento de couro creme e esticou as pernas, tomando o cuidado de não encostar na perna de Luis. Como uma Balfour, estava acostumada com viagens luxuosas. As férias de infância eram passadas em Klosters, na Suíça, ou na ilha de Oscar, no Caribe. E voar num dos jatinhos privativos de Oscar significava que esperar em saguões lotados por voos atrasados não fazia parte das férias dos Balfour.

Mesmo assim as viagens despreocupadas com gastos de Oscar pareciam modestas se comparadas a viajar com o príncipe herdeiro de Santosa. Mas, apesar do luxo espantoso do avião, ela ainda se sentia inibida e nervosa, e sua roupa nova estava quente e incômoda como uma armadura. Quando Luis a acompanhou até Bedford Street, deu uma olhada em seu armário e a proibiu de levar um item sequer. No dia seguinte Tomás a levou às compras sob ordem de Luis e ficou no reluzente carro preto estacionado em fila dupla diante da Harvey Nichols.

Depois da dificuldade financeira das semanas anteriores, entrar no hall perfumado da mais exclusiva loja de departamentos de Londres podia parecer uma volta ao paraíso, mas, ciente de que cada roupa de estilista famoso possuía uma etiqueta de preço que não tinha nada a ver com aquela exposta em libras, Emily restringiu suas compras ao básico. Roupas para trabalhar, não para seu prazer.

Nada da vulgaridade de pegar em dinheiro, claro. Lá em cima, no andar das grifes de estilistas, cada peça que ela experimentava era levada por mãos invisíveis e voltaram para ela ao fim envolvidas em sacolas brilhosas.

Emily não conseguiu enfrentar os olhares curiosos das funcionárias que lhe entregavam as compras. Apesar da sobriedade das roupas que escolhera, sabia que pensaram que ela era amante do príncipe de Santosa.

O que era irônico, ela pensou com certo humor negro. Ela devia ser a única mulher entre os 18 e os 80 anos na qual ele não estava interessado.

Olhou um pouco relutante para Luis ali sentado. Estava completamente absorto na leitura das páginas esportivas do jornal de Santosa, o que lhe deu a oportunidade de olhar para ele sem ter de ser observada por aqueles olhos cor de mel. *Ele era obscenamente bonito*, ela pensou. Mesmo com a barba por fazer, e com seu cabelo despenteado onde ele passara a mão, ele parecia um galã de cinema relaxando nos intervalos de gravação de um filme de Hollywood.

Ela se forçou para desviar o olhar, virando seu corpo de maneira a olhar pela janela. Encolheu-se de dor por causa do ponto dolorido onde um médico de Harley Street lhe aplicara injeções. Febre amarela e tifoide, ele explicou enquanto espetava a agulha em seu braço.

Doenças horríveis que poderiam lhe causar muito problema se tivesse o azar de ser contaminada.

Emily suspirou e fechou os olhos, afastando a visão do oceano. Havia algo muito mais arriscado para se contaminar, e com potencial de lhe causar muito mais problemas. Mas não devia existir imunização contra a atração letal de Luis Cordoba. .

Luís leu a mesma linha sobre o jogo de Santosa contra Santa Cruz pela quarta vez. De modo completamente inesperado, Santosa vencera por 2X1. Mas Luis não tinha ideia de como esse milagre acontecera, pois sua atenção ficava saindo do jornal e indo na direção da moça dormindo diante dele...

Não que parecesse muito uma moça naquela roupa, ele pensou, desistindo de ler e jogando o jornal sobre a mesa.

Ele a mandara comprar roupas para substituir as monstruosidades em seu armário, e ela voltou com coisas que a faziam parecer uma enfermeira de folga.

Olhou com desdém para seu terninho preto. Ninguém podia dizer que ela não seria um bom exemplo para a princesa Luciana, mas alguém com o mínimo de cérebro poderia supor que haveria algo romântico entre eles? Ela estava muito distante do tipo de mulher a quem ele costumava se ligar. Felizmente Tomás lhe avisara que ela saíra da loja com um número estranhamente pequeno de sacolas, então ele pôde ligar para a Harvey Nichol's e pedir mais algumas roupas do tamanho dela. As funcionárias sentiram-se deliciadas e até vingadas por poderem empacotar todas as peças que Emily se recusara a experimentar.

Olhou pensativo para seu rosto adormecido. Seu cabelo escuro fora afastado da testa possivelmente para dar a impressão de sofisticação, mas só enfatizou sua vulnerabilidade. Com seus olhos grandes fechados e aquele incrível azul-Balfour escondido, seu rosto era pálido, o que lhe dava a aparência de ter saído de uma fotografia vitoriana de tom sépia. Observou seus lábios, que eram a única parte dela que poderia ser descrita como volumosa...

Desviou rapidamente o olhar, remexendo-se irritado no assento enquanto as lâminas afiadas de um desejo proibido o cortavam. Deus, aquele celibato auto imposto estava causando resultados desagradáveis em sua cabeça e em seu corpo.

Mas esse era o objetivo de qualquer punição, pensou com amargura. Isso fazia repensar seu crime e se arrepender.

Tomás apareceu por detrás dele.

— Vamos aterrissar em alguns minutos, Vossa Alteza, bem-vindo ao lar.

Luis aquiesceu, respirando fundo ao sentir uma costumeira sensação de claustrofobia.

— Lar — repetiu com ironia. — Não era para ser onde se pode relaxar e ser você mesmo?

Tomás lhe deu um olhar cansado.

— Muito engraçado, senhor. Deseja que eu acorde a srta. Balfour?

— Não. Eu faço isso.

Tomás não foi o único a se surpreender com a prontidão de sua resposta. *Qualquer um acharia que quero uma desculpa para tocá-la*, Luis pensou, indo sentar ao lado dela.

A cabeça de Emily estava caída para o lado, expondo a longa extensão de seu pescoço pálido e delicado. E seus olhos o percorreram, desde a cavidade esculpida sob seu maxilar até o lugar em que ele desaparecia sob o tecido de seu paletó. Mas a imaginação dele não parou ali, e preencheu sua cabeça com imagens do corpo flexível de Emily dentro daquelas roupas de adulta. Os seios pequenos que ele viu quando a tirou da banheira... a cintura fina e o quadril estreito...

A voz suave de Tomás interrompeu seus pensamentos. Felizmente.

— Josefina, da assessoria de imprensa, acabou de telefonar. Ela avisou a seus contatos sobre sua chegada, então pode esperar uma... presença *selecionada* da imprensa. — Tomás olhou expressivamente para Emily.

— O circo vai começar — Luis disse em voz baixa para não acordar Emily, mas sua amargura era bem audível. — Então amanhã Santosa vai acordar e me ver na primeira página saindo do avião com meu novo "interesse amoroso"?

— É o que esperamos, senhor — Tomás sussurrou. — Uma história para desviar a atenção da doença de Sua Majestade. Então, se puder ter isso em mente ao ir até o carro com a srta. Balfour...

— Devo agarrá-la na pista só para passar a mensagem?

— Oh, não, senhor. — Tomás se endireitou e ajeitou os punhos da camisa sob o paletó. — Estamos tentando reinventar sua imagem, lembra? Não se trata de sexo, e sim de que deixou esses dias para trás, de apresentá-lo como um príncipe sensível e honrado.

Luis deitou a cabeça no encosto e deu uma gargalhada. Era um som áspero e sem alegria.

— Diga-me uma coisa, Tomás. Nada disso já lhe pareceu errado?

— *Errado*, senhor? O que pode haver de errado nisso?

— Que para parecer decente eu tenha de mentir? Que tenha de usar as pessoas?

— Faz parte do trabalho, senhor — Tomás disse, olhando pela janela. — Está fazendo isso pela monarquia. Por Santosa. Ah, vamos aterrissar. É melhor acordar a srta. Balfour.

Estava escuro, e Emily dançava.

Seu corpo assumia as posições familiares de modo controlado, firme e preciso. Mas algo estava errado, e quando ela levantou a perna em um *passe* percebeu que estava de salto alto, em vez de sapatilhas.

Ela tropeçou, balançando perigosamente enquanto a escuridão em volta era preenchida por um som de motor, e de repente notou que estava sobre uma plataforma muito pequena, muito, muito alta. Alguém a segurava com mãos fortes que faziam um calor se espalhar em seus músculos, derretendo-os e deixando-a lânguida,

mole. Ela se enrijeceu novamente, sabendo que precisava continuar a dançar, manter o corpo esticado e sustentar aquelas posições, porque senão cairia no vazio, mas não adiantou. Por mais que tentasse resistir, o calor se espalhava e ela estava derretendo, e caindo, caindo, caindo... despencando no espaço...

Houve uma parada. Os olhos de Emily se abriram.

O rosto de Luis dançava diante dela, e por um momento ela voltou a ser invadida pelo calor ao olhar para os olhos dele. Ele a segurava pelos ombros e massageava gentilmente sua clavícula com os polegares.

Ela sentou-se direito. O avião aterrissara, ela percebeu, meio tonta. Isso explicava a sensação de cair, embora não explicasse uma sensação em sua barriga, igual a que se tem quando se entra num elevador que começa a subir.

— Chegamos — Luis disse, soltando-a.

Emily tentou fazer seu cérebro voltar a raciocinar. Após duas noites de sono difícil no hotel, ele finalmente a vencera por completo. Deus, talvez tivesse até roncado. Ou tivesse ficado com a boca ridiculamente aberta pelas últimas duas horas.

— É Santosa? — ela murmurou enquanto tateava o cinto de segurança.

— Sim. Tem um carro à nossa espera para nos levar ao palácio. — Luis se levantara, e ela se sentiu tonta de olhar para cima.

Assim, concentrou-se na mão dele, solta ao longo do corpo, bem alinhada com seu olhar. Sua pele era macia e bronzada, e seus dedos, longos, mas grossos e fortes.

Ela estremeceu, com o sonho ainda vívido em sua cabeça e seu corpo formigando com sensações meio lembradas, meio imaginadas.

Levantou-se às pressas quando ele lhe deu passagem para o corredor. Na porta do avião, um calor úmido a atingiu. Era como entrar na sauna a vapor de Balfour, e isso, combinado a ficar de pé tão rápido ao acordar de um sono profundo, a deixou tonta. Cambaléou sobre o estúpido salto alto que esperava que a deixasse mais adulta e se apoiou no corrimão. E então o braço de Luis envolveu sua cintura.

— Tudo bem?

Ela aquiesceu, não se permitindo apoiar-se nele.

— Levantei-me muito rápido — ela balbuciou. — É o calor...

Eles chegaram à base da escada, mas ele não soltou sua cintura.

Em vez disso, ela sentiu os dedos dele trabalharem com habilidade nos botões de seu paletó.

— O que está fazendo? — Ela se afastou, mas ele a segurou com mais força, apertando-a contra seu corpo enquanto abria o último botão.

— Refrescando você; está quente demais.

Se o calor do dia lhe parecera intenso, não era nada comparado ao desejo que entrou em erupção dentro dela. Oh, Deus, era isso que ela temia. Era por isso que não queria esse trabalho, porque sabia não possuir defesas para resistir a seu flerte arrogante.

Mas ele não parecia arrogante agora. Não estava com o ar debochado que ela vira tantas vezes, e sim uma quietude que a deixou angustiada. Por um segundo nenhum dos dois se mexeu. Seus olhos estavam escondidos sob óculos espelhados que refletiam de

maneira desconcertante o rosto de Emily, mas ela mal percebia isso porque não conseguia tirar os olhos da boca dele. No modo como seu lábio superior repousava sobre o volumoso lábio inferior e na reentrância em seu centro. E no brilho de suor em sua pele.

O calor grudento pairava em torno deles, dando ao dia uma estranha sensação de câmera lenta, como se nadassem no mel. Ainda zonzinha de sono, Emily lembrou-se da sensação de ser beijada por aquela boca, e abriu os lábios, deixando sua língua passar sobre eles enquanto um suspiro lhe escapou...

Ele congelou, e um segundo antes que sua boca descesse até a dela, ele fez uma expressão que era quase de dor. E então estava se derretendo dentro dele e ele a beijava com uma urgência que destoava de sua habitual indiferença. O braço dele ainda estava em volta de sua cintura, erguendo-a, e ele escorregou a outra mão para dentro do paletó, subindo por suas costelas. Ela sentiu como se um relâmpago a partisse em dois quando ele roçou seu seio através de sua fina camiseta de seda rosa.

Um tremor atravessou o corpo dele, e o beijo passou de urgente a quase selvagem. Era como se ele estivesse agindo contra sua vontade, mas não conseguisse parar. Então ele se afastou, endireitou-se, colocando-a de volta no chão.

Atrás dele, Tomás descia os degraus do avião com a expressão ameaçadora.

—Alteza, o carro está esperando.

No carro fazia frio de novo. Emily sentiu o ar-condicionado gelar o suor em sua nuca e trazer de volta alguma razão a seu cérebro. Eles começaram a deslizar suavemente pela pista e ela observou o avião que os trouxera de Londres ficar cada vez menor enquanto o deixavam para trás.

Não ousou olhar para Luis, afundado do outro lado do assento. Tudo que ela temia já estava acontecendo, e só sair do avião fazia alguns minutos, pensou desesperada. Suas mãos apertaram o guia que ainda segurava e olhou para fora. Passavam por uma estrada flanqueada por palmeiras e umas poucas casas em cores saídas de um desenho infantil. Até as flores nas jardineiras eram desconhecidas, exóticos borrifos de cereja, vermelho vivo e amarelo-gema que não se comparavam a nada familiar.

Mas isso não era surpreendente. Nada ali era familiar. Até ela estava diferente.

— Eu não devia ter feito aquilo. Desculpe.

Sobressaltada, ela virou-se. Luis a olhava com ar carrancudo.

A desculpa a pegou de surpresa. Ela esperava a mesma falta de remorso que ele demonstrara no hotel, e já tinha pronta a indignação conveniente, mas a tristeza em sua voz a fez se dissolver em cinzas.

— Não, por favor... também foi culpa minha. Eu... — Ela parou a tempo, engolindo as palavras que arriscavam sair de sua boca: *Eu quis*. — Eu estava meio dormindo — completou debilmente.

Ele suspirou.

— Mesmo assim. Foi... errado.

Foi? Ela sentiu-se desapontada, e olhou para fora sem ver a paisagem verde. *Como pode ser errado quando pareceu tão certo?* Num impulso, Emily abriu a boca

para dizer isso, mas uma olhada para o rosto dele fez as palavras ficarem entaladas em sua garganta.

De perfil, ele parecia ter sido esculpido na pedra. Frio, duro e sem emoção. Uma efígie do homem que a beijara com tanta paixão minutos atrás.

Mas talvez ele não a estivesse beijando, pensou enquanto cubos de gelo pareciam descer por sua espinha, e ela apenas estivesse *ali*.

O silêncio caiu sobre eles como um tapete sufocante. De repente ela percebeu que estava apertando o guia com tanta força contra seu joelho que seus dedos ficaram dormentes. Ela os esticou dolorosamente para fazê-los voltarem à vida, e abriu o livro, desesperada por algum escape da humilhação de saber que Luis a beijara por conveniência, por ela ser uma boca feminina e ele estar entediado e frustrado. E por ser isso que ele fazia.

A história de Santosa serviria como distração.

Exploradores portugueses descobriram Santosa por engano, quando tentavam voltar para casa de sua viagem ao redor do mundo.

"Os navios, carregados de pau-brasil, bateram contra os rochedos do sudoeste da ilha e muitos marinheiros morreram. Um dos sobreviventes foi Henrique Cordoba, duque de Santosa, um nobre extravagante, devasso notório e favorito do rei, que foi mandado em viagem para fugir de dívidas de jogo e de escândalos envolvendo as esposas de outros membros da corte."

Devia ser uma característica familiar. Ela virou a página e ficou sem ar ao deparar com aqueles olhos cor de mel.

A família real de Santosa hoje, dizia a legenda. O rei Marcos Fernando e seus filhos, o príncipe herdeiro Henrique e o príncipe Luis.

A foto fora tirada havia alguns anos. O rosto de Luis estava mais jovem, mais aberto, sem nada da dureza e do cinismo estampados nele hoje. Seu sorriso era largo e sem ironia, e de pé ao lado do irmão, ele estava lindo.

Olhou para Rico. Era mais moreno que Luis, com o cabelo mais curto. Parecia mais quieto e, comparado ao carisma de Luis, quase severo.

— O que está lendo?

— Nada. — Emily tentou fechar o livro, mas ele foi mais rápido. Pegou-o e olhou a capa, e depois abriu na página que ela estava lendo. Sua expressão endureceu ao olhar para a fotografia, e Emily o viu torcer a boca ao ler o trecho sob ela: "O monarca atual, rei Marcos Fernando, tem um nível de popularidade entre seu povo que é quase único. Seu filho mais velho, Henrique, conhecido como Rico, foi educado a vida inteira para um dia ocupar o lugar de seu pai no trono, e é tido em alta estima pelo povo de Santosa."

— Oh, querida — ele disse causticamente. — Não é uma edição das mais recentes, não é?

— Foi presente de Kiki.

— Muito bem pensado. Claramente, ela não acha que eu seria um bom guia, mas farei o máximo que puder. Olhe, estamos nos aproximando dos portões do palácio, residência do que *costumava* ser uma das famílias reais mais populares do mundo.

Seu tom era irônico, mas Emily ficou tensa ao ver a frieza em seus olhos. Olhou pela janela para a imponente entrada de pedra que se elevava diante deles.

O carro diminuiu a velocidade e o sol foi escondido quando passaram por ela. Havia guardas de pé dos dois lados, com uma expressão vazia sob seus capacetes e com armas atravessadas no peito. Emily olhou para cima e viu os dentes selvagens de uma grade levadiça se erguendo acima deles.

— É como uma prisão — ela brincou.

Luis não sorriu.

— Bem-vinda à residência real.

Capítulo Sete

Josefina colocou o jornal sobre a mesa e deu um sorriso débil.

— Não era bem a imagem que queríamos.

— Boa foto de Tomás — Luis disse friamente ao olhar para a enorme fotografia sua beijando Emily Balfour diante da escada do avião, sob o olhar contrariado de Tomás. — Um verdadeiro estadista.

— O que, com todo o respeito, Vossa Alteza, é mais do que se pode dizer sobre o senhor. — Tomás parecia aflito. — Conversamos sobre isso. Estamos tentando apresentá-lo ao povo de Santosa numa roupagem leve, responsável e...

— Protetora. Eu sei. E ali estou eu, sendo protetor. A srta. Balfour estava com muito calor e eu a ajudava a se refrescar.

As sobranceiras de Tomás se ergueram.

— Despindo-a na pista?

— Tirando aquele paletó horrível, sim. Eu diria que foi muito protetor de minha parte — Luis disse com a voz aborrecida, levantando o jornal e virando com ostentação as páginas para ver os resultados das partidas de futebol. Apesar de sua aparência despreocupada, uma veia pulsava em sua têmpora, e sentia nós de tensão em seus ombros.

— Mas, senhor — Tomás insistiu —, pensei que tivéssemos concordado que...

Luis baixou o jornal com um cuidado exagerado. Sua paciência estava por um fio.

— Não foi planejado, Tomás — ele disse entre os dentes. — Foi apenas...

O quê?, uma voz interna em sua cabeça o provocou. *Inevitável? Irresistível?* Porque foi assim que pareceu no momento. E se sua própria culpa e os fantasmas de Rico e Christiana não foram capazes de contê-lo, então Tomás, Josefina e as exigências ditatoriais da assessoria de imprensa não tinham a menor chance.

— Senhor... — a voz propositalmente conciliadora de Josefina o arrastou de volta ao presente. Do outro lado da mesa, ela cruzou as mãos, com suas longas unhas vermelhas que o faziam lembrar as garras de um pássaro predador. — Senhor, detesto discutir sua vida pessoal assim, mas...

— Verdade? Achei que adorasse. Fez disso uma carreira. Você e muitos outros colunistas de fofocas, jornalistas, editores e o governo inteiro de Santosa.

A boca pintada de Josefina deu um sorriso de desculpas.

— Bem, senhor, deve entender que agora é mais uma questão política do que pessoal. A menos que consigamos convencer o povo de Santosa de que deixou as amantes, os carros velozes e as festas para trás, os quinhentos anos de governo da Casa Real de Cordoba vão correr perigo. O povo quer um rei em quem possa se inspirar, Vossa Alteza. Alguém... *régio*.

— Talvez devêssemos colocar um anúncio para o cargo. — Luis admirou a vencedora do concurso de Miss Santosa, com sua tiara e faixa, na página três.

Josefina levantou-se, andando ao longo da mesa envernizada e lhe oferecendo

uma bela visão de suas curvas, encerradas em um vestido verde-esmeralda.

— Senhor, isso não é um emprego. É sua linhagem. Seu direito de nascença. Seu destino.

Luis abriu a boca para argumentar, mas fechou-a novamente, recostando-se e dando um suspiro resignado. Para quê? Não importava que nome Josefina dava, ou como a assessoria rotulava isso. Não alteraria a verdade.

Era direito de Rico. Destino de Rico. E a punição de Luis. Seu mandado de prisão.

Ele passou a mão no rosto, num gesto preocupado, e deu um sorriso frio para Josefina.

— Claro. Obrigado por me lembrar. Então, o que preciso fazer?

— "É chegado o momento de se casar, a rainha disse ao belo príncipe. Amanhã à noite, todas as jovens solteiras de famílias ricas vão se reunir aqui para um baile, e deve escolher sua esposa entre elas." — Emily parou, segurando o livro para que a menina pudesse ver a ilustração.

Luciana estava sentada no sofá embutido sob a janela com os olhos fixos em Emily, mas agora olhava para o livro e chegou um pouquinho mais perto. Encorajada, Emily apontou para o desenho e disse suavemente:

— Aqui está o príncipe em sua roupa de festa. Não é bonito?

Luciana concordou.

— Como tio Luis — disse tão baixinho que Emily teve de se abaixar para ouvir. — Tio Luis é o príncipe de Santosa. Ele é bonito.

Emily endireitou a postura e pigarreou.

— Ele é sim, não é? — respondeu pegando o livro de novo e resistindo ao ímpeto de segurá-lo na frente de seu rosto para que Luciana não visse seu constrangimento. — Mas vamos voltar ao *Lago do Cisnes*. Onde estávamos? Oh, sim. "O príncipe Siegfried estava com raiva e frustrado. Não queria se casar com alguém que sua mãe escolhesse, não importava o quanto seus modos fossem elegantes ou o quão nobre fosse sua origem. Queria casar por amor. A rainha parecia estar triste. "Você é um príncipe, meu filho, e um príncipe tem muitas regalias, mas escolha não é uma delas. E temo que nem o amor. Você deve..."

— Parar de se queixar e aproveitar só os carros velozes e o champanhe — uma voz irônica e familiar veio da porta.

O livro deu um solavanco nas mãos de Emily e sua garganta se fechou instantaneamente, quando ela parou no meio da frase. Pelo menos uma dúzia de respostas duras àquele comentário lhe veio à cabeça, mas todas morreram em seus lábios ao olhar Luis vir em direção a elas com as mãos nos bolsos.

— Oi, Luciana, como vai? Não a vejo há anos.

E Emily não o via desde o dia anterior, tempo suficiente para minimizar a beleza dele em sua cabeça e enganar-se de que beijá-lo não fora nada de mais. Mas vê-lo ali, absurdamente atraente em uma camisa azul-claro sem gola e um jeans desbotado, era bastante perturbador.

Luciana se encolheu um pouco, como se quisesse se esconder atrás de Emily, mas

levantou-se e fez uma reverência tímida antes de voltar a se encolher. Emily ficou chocada e surpresa, mas o sorriso aborrecido de Luis não se alterou.

— Por favor, continuem a história — ele disse. — Quero saber o que, acontece.

Emily manteve sua atenção concentrada em Luciana. Alguém tinha de fazer isso, pensou com severidade. Acabara de conhecê-la, mas era óbvio que a criança estava seriamente abalada. Não era de admirar. Pelo que vira, parecia que o método real de lidar com o sofrimento de uma criança órfã era escondê-lo detrás da etiqueta e do protocolo.

— Tudo bem — ela disse rapidamente. — Podemos terminar depois. Tenho certeza de que gostaria de conversar com sua sobrinha, já que não a vê há algum tempo.

Por um instante ela o viu ficar alarmado, e sentiu uma perversa sensação de satisfação. Podia ignorá-la e tratá-la como se fosse insignificante, mas não o deixaria fazer o mesmo com Luciana.

— Que livro é esse? — ele perguntou com polidez, olhando para ela.

— Histórias de balés famosos — Luciana sussurrou apertando os dedos. — Emily me deu.

— Bem, na verdade foi o tio Luis — Emily disse de imediato. — E todas as outras coisas.

— Obrigada, tio Luis.

— Por nada — Luis respondeu, erguendo uma sobrancelha para Emily. — Outras coisas?

Ela ergueu o queixo e o encarou.

— Roupas de balé. *Collants*, meias e sapatilhas.

— De verdade, não só para me fantasiar — Luciana acrescentou num orgulho que vencera momentaneamente sua timidez. — Roupas de bailarinas de verdade, como Emily.

— Sei. — Luis olhou brevemente para Emily, reparando na meia-calça fusô cinza que usava, no leve cardigã ameixa e na saia fluida. — Então foi isso que comprou quando foi fazer compras, em vez de roupas apropriadas.

— Sim — ela respondeu sem graça. — Mas as coisas que encomendou estavam esperando por mim no quarto ontem à noite. Obrigada. Não precisava.

Ele fez um resmungo de impaciência.

— A julgar pelas coisas horríveis que a vi usar, tenho de discordar. O terninho de ontem devia ser queimado, e não pode ir a um restaurante usando *collant* e meia.

Emily se levantou cheia de raiva, sem encarar seu olhar. Ele a beijou quando lhe conveio, mas mal conseguia disfarçar seu desprezo quando falava com ela.

— Bem, como estou aqui para ensinar balé, e não para ir a restaurantes, isso não deveria ser um problema — disse com exagerada cortesia. — Mas, mesmo assim, obrigada. Vamos até o ginásio fazer sua primeira aula, Luciana?

— Espere.

Estavam quase na porta, mas a palavra a fez parar. Notou que Luciana apertou sua mão quando ele falou.

— Sim?

Tentou manter seu tom neutro, mas fracassou. A palavra podia ter apenas três letras, mas cada uma delas era carregada de desafio.

— Alguém lhe mostrou o ginásio? — ele perguntou indo em sua direção. — Tomás disse que instalaram uma barra para as aulas de balé.

— Obrigada. Está perfeito.

— E seu quarto? Está bom?

Ela riu ao pensar na suíte que lhe deram, com sala de estar e uma sacada ensolarada.

— Viu onde eu estava morando antes. Então, sim. Obrigada. Minha suíte é perfeitamente aceitável. Agora, se isso é tudo...

— Não. — Ele parou diante dela e encostou-se no portal com uma expressão diferente. — Vim aqui convidá-la para jantar esta noite.

Ela ergueu o queixo, tentando disfarçar sua surpresa.

— É um convite ou uma ordem real?

Ele deu um leve sorriso que não modificou a inexpressividade de seus olhos.

— Isso faria diferença em sua resposta?

— Sim.

Ele suspirou, e de repente pareceu muito cansado.

— Então é o que fizer você aceitar.

Por um segundo ela não respondeu. Sentia Luciana apertar sua mão, mas estava ainda mais atenta a Luis, a seu já familiar cheiro embriagante, suas olheiras, sua barba curta.

— Então aceito — ela respondeu numa voz baixa relutante, como se as palavras fossem ditas contra sua vontade. — Se está convidando como pessoa, então gostaríamos, não é, Luciana?

Emily pôde reparar na surpresa que brilhou nos olhos de Luis antes de voltar sua atenção para a menina a seu lado. Luciana mordeu os lábios, claramente insegura sobre como reagir, então Emily abaixou-se e tirou um cacho de cabelo da frente de seu rosto.

— Vai ser divertido. Vamos vestir alguma coisa bonita, e o tio Luis vai nos levar para jantar — disse carinhosamente, segurando-lhe as mãos. — Podemos pedir hambúrguer, batata frita e vaca preta. Sabe o que é?

Luciana balançou a cabeça.

— É coca-cola com sorvete de creme por cima. É minha bebida predileta. O que acha?

— Parece... bom.

Emily se levantou, reparando nas pernas compridas e na barriga musculosa de Luis ao fazê-lo.

— Obrigada. Estaremos prontas às 18h.

— Excelente. — Mais uma vez seu sorriso não alterou seu olhar, e sua voz estava fria e irônica. — Parece que tenho encontro com duas garotas bonitas. Até para os meus padrões isso é um feito e tanto.

Capítulo Oito

Luís devia ter avisado que seu conhecimento da vida noturna de Santosa era sem igual, mas o Purple Parrot era um restaurante de que nunca ouvira falar.

O gerente mal se aguentava de excitação por ter o príncipe herdeiro como cliente. Levou-os até uma mesa na varanda com vista para o mar, conforme anteriormente combinado com a segurança, e enquanto Emily via o cardápio, Luis olhava ao redor.

Àquela hora o restaurante estava cheio de famílias, com cadeirinhas de criança em quase todas as mesas e crianças ajoelhadas nas cadeiras comendo com as mãos. Luis se arrepiou e fez uma careta ao ver as palmeiras de plástico que sustentavam o toldo de ráfia em cima deles e os papagaios, macacos e cobras de brinquedo em seus galhos. Não era o tipo de lugar que escolheria para um encontro.

Não que aquilo fosse um encontro, lembrou amargamente. Era dever, ordem de Josefina e da assessoria de imprensa.

Olhou para Emily. Usava um vestido curto de algodão azul-índigo, provavelmente uma das peças selecionadas pela funcionária da Harvey Nichols. Era solto, com pregas macias que desciam de um decote pronunciado e, diferente das outras roupas que a vira usar, perfeito para ela. Estava jovem e linda sentada ao lado de Luciana. Sua cabeça estava baixada sobre o cardápio, e seu rabo de cavalo caía sobre seu ombro e deixava à mostra seu pescoço delicado e sua nuca. Luis foi atravessado por um desejo que o pegou desprevenido e o deixou sem ar.

Emily endireitou a postura e lhe deu um sorriso desconfiado. Se soubesse o que ele estava pensando ela não estaria achando graça, ele pensou.

— Obrigada por ter nos trazido — ela disse com uma contida cortesia. — O lugar é ótimo.

— Eu devia ter imaginado que gostaria.

Os olhos azul-Balfour se fixaram nos dele por um instante, tornando-se escuros de raiva, mas foram escondidos por seus cílios grossos quando baixou o rosto para olhar para Luciana. — Decidiu o que vai comer, querida?

Luis foi atingido por um sentimento de culpa ao observar Luciana inclinar-se para mais perto de Emily e apontar timidamente para o cardápio. Culpa era sua emoção recorrente quando se tratava de sua sobrinha, e desde que Emily a incluía em seu convite para jantar, ele soube que não iria ser uma noite relaxante. Mas o comentário de Emily sobre ter adorado o restaurante fora golpe baixo. Luis olhou para a praia lá embaixo, onde o forte calor já abrandara e o sol começava a descer em direção ao mar. A verdade era que a força de sua reação a ela o desconcertava; era como se precisasse fazer piadinhas sobre ela ser uma criança para esquecer que seu corpo a desejava. Emily Balfour podia ser uma criança no ano anterior, mas agora estava crescida. E madura o suficiente para ser colhida. *Por alguém*, pensou, contrariado. Certamente não por ele.

— Por você tudo bem?

Luis balançou a cabeça suavemente, voltando à realidade. Emily o olhava do outro lado da mesa, com a expressão calma e um pouco desafiadora.

— Desculpe.

— Eu disse que seria bom pedir um prato grande para dividir, pode ser?

— Ótimo. Qualquer coisa.

Enquanto ele chamava uma das várias garçonetes que os rondavam com os olhos arregalados de admiração, Emily cerrou os dentes e tentou reprimir a fúria que sentia. Jantar fora uma péssima ideia dele, então agora o mínimo que podia fazer era tentar esconder o quanto estava entediado. Quando a garçonete mais bonita literalmente correu até a mesa e fez, sem fôlego, uma reverência, Emily sentiu desprezo e virou a cabeça na mesma direção que ele olhara um momento antes. Então isso explicava sua falta de interesse nela e em Luciana, pensou irritada observando dois surfistas no mar. Não esperava que ele estivesse interessado nela, quando havia tantas mulheres maravilhosas por aí desesperadas pela oportunidade de serem vítimas de seu charme. Mas pelo menos ele poderia demonstrar mais interesse em sua sobrinha, pelo amor de Deus!

Bloqueou a voz de Luis enquanto ele falava com a garçonete em um português rouco que fazia parecer que descrevia o enredo de um filme erótico. Armou um sorriso e voltou-se para Luciana. Ficou com o coração apertado. A menina obviamente não estava habituada a sair e estava sentada toda rígida, com as mãos sobre o colo e olhando para baixo. Devia ter aprendido tudo sobre boas maneiras, mas esqueceram-se de iniciá-la na arte de se divertir.

— Não olhe agora, mas estou vendo uma coisa olhar para nós naquela árvore atrás do tio Luis — Emily cochichou.

Luciana levantou a cabeça e olhou ansiosa para a palmeira de plástico. Ao ver o macaco de brinquedo pendurado no galho, seu rosto relaxou com um sorriso.

— Se eu fosse um animal, adoraria ser um macaco — Emily disse depressa, para não ter de ouvir Luis flertar com a garçonete. — Aposto que se divertem muito balançando nas árvores o dia inteiro. O que você iria querer ser?

Luciana pensou um pouco.

— Leão. — Ela mostrou os dentes e imitou garras com as mãos. Emily bateu palmas.

— Um leão!

Parecia uma escolha improvável para uma menina tímida como um gatinho. Mas era provável que essa fosse a razão de sua fantasia.

— Consigo vê-la como um leão — Emily disse com muita seriedade. — Principalmente por esses seus dentes tão bonitos e fortes. O que acha que o tio Luis seria?

Porco chauvinista é a resposta óbvia, Emily pensou enquanto ambas o observavam. Então lembrou-se da noite em Balfour quando ele apareceu diante dela debaixo das árvores e a puxou para suas sombras. Um lobo. Com seus olhos brilhando de perversidade ele a fazia lembrar-se do lobo de Chapeuzinho Vermelho.

— Por que tenho a impressão de que estão falando de mim? — Luis perguntou secamente enquanto a garçonete saía com uma tímida reverência final.

Emily limpou a garganta, que de repente ficara seca.

— Estamos imaginando que animais seríamos — disse numa ridícula voz áspera. — Luciana seria um leão.

A sobancelha de Luis se ergueu, indicando que sua reação fora semelhante à dela. Quando ele abriu a boca para falar, Emily lhe lançou um olhar de advertência, e então ele virou-se para Luciana:

— Boa escolha. Escolheu o melhor animal. E Emily? O que ela seria? Luciana apontou timidamente para o macaco. — Oh, Emily... — ele disse, olhando para ela com seu jeito direto e inexpressivo que a fazia esquecer que havia mais gente no salão. No mundo. Maldito! — Acho que nunca poderia ser um macaco. São indisciplinados e grosseiros demais. Desculpe, mas vai ter de pensar de novo.

— Não sei, então. — Ela riu de modo nervoso, tentando se livrar do calor em seu rosto. — O que acha, Luciana?

Luciana franziu a testa, mas Emily ficou satisfeita em ver que era por estar concentrada, não ansiosa. Ao observá-la, quase dava para ver as engrenagens girando em sua cabeça enquanto raciocinava. Por fim, olhou para Luis e disse algo num português rápido e sem fôlego.

Ele aquiesceu lentamente e respondeu na mesma língua. Por um instante, ouvindo sua voz aveludada acariciar as cadências de sua língua nativa, Emily teve de se esforçar para controlar o desejo que sentiu. Enquanto os dois continuavam a conversar, ela lutava para recuperar o controle de si. Só depois de alguns instantes percebeu que ambos a fitavam. Olhou para cada um deles num pavor debochado.

— O quê?

Havia um brilho de alegria nos grandes olhos castanhos de Luciana que Emily nunca vira antes, o que lhe causou um arrepio de prazer. Um tipo de prazer diferente do que sentiu ao olhar o brilho nos olhos entediados de Luis.

— Decidimos que animal seria. — Ele recostou-se em sua cadeira e seus dedos longos brincavam com o cardápio. — Não foi fácil. Luciana sugeriu uma gazela, enquanto eu achava que daria um ótimo flamingo, com todos aqueles contorcionismos de balé que sabe fazer. Mas no fim concordamos que nenhum dos dois tinha razão. Ele esboçou um sorriso com o canto da boca, e Emily sentiu-se incapaz de tirar os olhos de seus lábios.

— Continue — ela disse um pouco sem ar.

— Bem, no fim, depois de muita reflexão e debate... — Olhou para Luciana, que apertava as mãos timidamente — chegamos a uma resposta. Você conta para ela, Luciana.

— Cavalo!

— Cavalo?! — Emily repetiu numa indignação fingida olhando para Luciana, que tapou a boca com as mãos e dava uma risadinha excitada, um som que alegrou o coração de Luciana. — Acham que pareço um cavalo?!

Luis se debruçou sobre a mesa e passou os dedos por seu rabo de cavalo. Seu

rosto tinha aquela expressão sarcástica, mas seus olhos escureceram e brilhavam como topázio antigo.

— Sem dúvida — ele disse. — Um jovem puro-sangue. Ela se encolheu quando ele passou os dedos em seu rosto.

— Delicado, nervoso, mas cheio de músculos fortes e energia sob aquela superfície controlada...

Emily estava magnetizada. Era como se seu toque tivesse lançado um encanto sobre ela que a tivesse deixado incapaz de se mexer. Ou pensar direito. Só conseguia olhar para aqueles olhos enquanto ele acrescentava em uma voz que não passava de um murmúrio:

— Indomado, claro...

Adrenalina, indignação e um forte desejo a atravessaram, e sua boca se abriu para protestar contra a audácia dele, mas a garçonete voltou segurando habilmente a bandeja em uma das mãos enquanto fazia outra reverência. Luis estava alheio, recostado na cadeira com a atenção em outro lugar.

Disciplina, foco, controle. Juntando os restos de sua calma, Emily se forçou a voltar-se para Luciana, que levantou o rosto quando a garçonete chegou com uma bebida enorme com uma bola de sorvete por cima.

— O que é isso? — Luciana sussurrou, hesitante.

— Vaca preta, como a srta. Balfour já explicou — Luis respondeu com um débil sorriso. — E, já que ela disse que adora, acho que ela também vai querer uma.

Ele alcançou a bandeja.

— Aqui está. — Luis lhe entregou uma taça alta com um líquido dourado, com uma bola de sorvete por cima. — A versão adulta, com champanhe. Agora não pode dizer que a trato como criança.

Fora da sombra do toldo, o sol tornara-se rosa em um céu violeta, e a praia estava quase vazia. O mar ficara mais forte. Cada onda que estourava causava mais destruição a um grande castelo de areia em que Emily reparara mais cedo.

É o que está acontecendo comigo, pensou tomando um gole de sorvete e champanhe. Vagarosa e implacavelmente, suas defesas estavam sendo destruídas, e, embora soubesse disso, não havia nada que pudesse fazer para impedir.

Luciana tocou seu braço, chamando-a de volta à realidade.

— Emily? Não pensamos em um animal para o tio Luis.

— Não mesmo! — Forçou-se a olhá-lo por cima da borda da taça. Não foi fácil. Ele era tão lindo que olhar diretamente para ele era como olhar para o sol, e ao fazê-lo percebeu quanto tempo perdera tentando evitar isso.

— Acha que por serem da mesma família ele também poderia ser um leão? Afinal de contas, o leão é considerado o rei dos animais.

Luis tomou um gole de cerveja e balançou a cabeça. De repente todos os vestígios de riso abandonaram seu rosto.

— Exatamente — ele disse, carrancudo. Então olhou para Luciana e deu um riso torto. — Luciana é filha de Rico. É um verdadeiro leão real. Mas eu... — Seu riso tinha uma ponta de amargura. — Nem tanto.

Houve um breve silêncio.

—Um tigre — Luciana sugeriu. — O tio Luis poderia ser um tigre?

Emily passou o braço em volta dela e lhe deu um abraço.

— Boa ideia. O tio Luis pode ser um grande tigre. Observador. Predador. Bonito. Combinava bem com ele.

— O jantar — Luis resmungou. — Cuidado senão como tudo. Até vocês.

Comeram camarões fritos, frango ao alho, acarajé e suculentos pedaços de carne macia direto dos pratos no centro da mesa, acompanhados por muita batata frita. Primeiro Luciana estava horrorizada com a ideia de comer com as mãos, mas pouco a pouco, com o encorajamento de Emily, ela se acostumou.

Luis ficou tentado a fingir o mesmo para que Emily tivesse de lhe dar comida na boca. Mas, pensou olhando para o mar que ficava escuro, isso poria em teste sua promessa a Rico.

O sol já mergulhara no mar, e o céu estava rosa-claro, pontuado pelas primeiras estrelas. A praia estava vazia, o mar, plano como um espelho.

Uma noite perfeita.

Emily lambeu os dedos e se recostou. A luz rosa deu a sua pele um brilho rosado, fazendo-a parecer a garota propaganda de algum cosmético milagroso. Algumas das ex-namoradas de Luis pagavam uma fortuna para conseguir o mesmo efeito, ele se divertiu ao lembrar. Sem resultado, claro.

— Estava maravilhoso. Tenho de admitir que estavam certos quanto ao cavalo. Comi como um.

—A comida estava surpreendentemente boa — ele disse.

Emily pensou em variações do jogo de animal, e cada um decidiu que cor, planta e tipo de carro seria. Em apenas uma hora ele descobriu mais sobre Luciana do que em cinco anos.

Ela já estava caindo de cansaço, e só lembrava no último instante de colocar a mão na frente da boca antes de bocejar. Ao olhar para ela Luis sentia o coração apertar como sempre. Culpa, mas também algo além disso. Por um instante, deixara de vê-la como um problema, um objeto. Era uma garotinha, e gostava dela. Seu jeito solene e reservado o fazia lembrar-se de Rico.

—Acho melhor colocarmos esta pequena na cama — Emily disse relutante, envolvendo Luciana em seus braços.

Uma frágil sensação de algo compartilhado crescera entre eles durante aquela noite. Luciana era o centro da conversa, graças a Emily, mas isso pareceu aumentar a intimidade entre eles. Ele descobriu que não queria que a noite terminasse.

— Quer café?

Emily olhou para ele surpresa, e depois para Luciana. Ela estava quase dormindo, com a cabeça apoiada em Emily, que a colocou em seu colo e a instalou confortavelmente em seus braços.

Não foi culpa o que Luis sentiu naquele instante, foi pura inveja, e isso o pegou de surpresa.

— Bem... — Emily disse. — Ela teve uma ótima noite, seria uma pena voltar correndo. — Ela olhou para ele com os olhos cheios de perguntas. — Um café seria bom.

— Acha que ela está bem?

— Tenho certeza de que sim — A voz de Emily tornou-se um sussurro: — Olhe, ela já dormiu. Se a rabugenta sra. Costa vai gostar é outra história.

— Não me importo com o que a sra. Costa acha, e não estou falando dela agora. Quero dizer... — Ele parou, sentindo as palavras presas em sua garganta. — Acha que ela está bem... em geral?

— Quer saber se ela está lidando bem com a perda dos pais?

— É essencialmente o que estou perguntando. Sim. Numa noite suave como aquela, suas palavras soaram duras. Luis percebeu que olhava para os olhos azuis de Emily quase implorando, então desviou o olhar para o mar lá fora.

As palavras de Oscar lhe vieram à cabeça como um sussurro na brisa morna. *Ela é boa.* E foram como uma facada no estômago.

Ele queria que ela o tranquilizasse, que dissesse que Luciana estava bem, porque queria se sentir melhor em relação ao modo como agira. Queria sua absolvição.

— Não sei. — A voz dela era macia, mas suas palavras enfiaram a faca mais fundo. — Ela é muito tímida, mas tenho a impressão de que essa reserva é mais do que timidez.

A garçonete chegou com o café, ele notou meio distante. O bule de café estava sobre a mesa, mas ele não se serviu.

— O que quer dizer?

— Bem, eu acabei de conhecê-la, e não sou exatamente uma especialista em crianças. — Ela deu um breve sorriso. — Embora me considere uma.

Luis franziu a testa, muito concentrado no que ela estava dizendo para perceber a piada.

— Mas acha que ela está... perturbada?

— Não mais do que qualquer outra criança que tenha perdido os pais. Diga-me... — Ela parou de falar, e Luis a observou enrolar um cacho do cabelo de Luciana em seu dedo. — Quantos anos tinha quando sua mãe morreu?

A pergunta fez Luis se enrijecer. De repente ele estava de volta ao quarto de hotel na Inglaterra, olhando-a boiar na banheira, com os cabelos flutuando em volta de seu rosto pálido. Com uma sacudida de cabeça ele espantou a imagem para um canto escuro da mente, onde ela estivera por mais da metade de sua vida.

— Muito mais velho que Luciana — disse impaciente. — Quatorze.

— E como enfrentou?

Ele esticou a mão e virou levemente o bule para baixo num gesto automático, derramando um pouco de café na mesa.

— Fiz muito esporte e descobri as garotas.

E, junto com as garotas, as fantásticas características da atração sexual, que apagava temporariamente emoções desagradáveis como a tristeza, a solidão e o sofrimento. Agora havia só a culpa a apagar, mas ele teria de fazer isso sem recorrer

aos velhos métodos.

— Não acho que nenhuma das duas coisas seja uma opção para Luciana, então não vejo como isso possa ser relevante.

— Não conversou com ninguém a respeito?

Ele exalou um sopro de incredulidade.

— Deus, não! — Olhou para ela com atenção.

Droga, ela era linda. Conversar com ela era a última coisa que queria fazer. Queria beijá-la e levá-la para a cama.

— Você faz isso parecer uma ideia escandalosa.

Suprimindo um suspiro de desejo, Luis serviu café nas duas xícaras. O restaurante estava mais silencioso agora. A maioria das famílias com filhos tinha ido embora, e as mesas estavam ocupadas por surfistas que saíram da praia e relaxavam tomando cerveja. Luis os invejou.

— Na nossa família é. — Ele limpou o café da mesa com a mão. — Ser um Cordoba é dizer a coisa correta, não a coisa honesta. Não se pode mudar isso. Faz parte do jogo.

— Tem de ser assim? — ela insistiu gentilmente. — Há muitas coisas que fogem ao nosso controle. Como o que aconteceu aos pais de Luciana. Mas pode ajudá-la a lidar com isso.

Luis teve a sensação de que o mundo parou de girar por um instante. Sentiu uma pulsação na cabeça, uma vibração lenta e persistente como o ritmo de uma bateria ou o som de um sino de funeral. De repente sua boca pareceu encher-se de cinzas, então ele tomou um gole de café.

— Como posso ajudá-la a lidar com isso?

— Pode conversar com ela sobre isso. Sobre eles. E deixá-la desabafar com você. Talvez a razão de Luciana não falar muito seja por saber que não tem permissão para dizer as coisas que está pensando.

Luis olhou para outro lado, com o lábio retorcido de desdém. Havia muita coisa que Emily Balfour não sabia. Tanta coisa que ele esperava que ela nunca descobrisse. Era muito boa e sincera para entender que conversar com Luciana sobre o que aconteceu era impossível. Impensável.

— Você não entende. — Ele ia tentar explicar quando um movimento na praia chamou sua atenção.

A sombra de uma pessoa na areia revelou que alguém estava escondido sob a varanda. Alguém com uma câmera e um gravador, sem dúvida.

Emily o olhou firmemente.

— Talvez possa entender.

Mas ele já estava de pé e olhava ao redor do terraço mal iluminado.

Ele baixara a guarda. Esquecera-se completamente de Josefina e seus malditos contatos na imprensa, e por um momento fora apenas ele mesmo. Erro primário. Talvez fosse melhor que os *paparazzi* tivessem aparecido ou só Deus sabia o que ele poderia ter dito. Feito.

— Hora de ir.

Num movimento rápido ele foi até ela e pegou Luciana no colo. Ao abaixar-se para pegá-la, sentiu o cheiro suave dos cabelos de Emily. Ela entregou Luciana sem protestar, mas ele viu uma expressão de raiva passar por seu rosto.

Não havia tempo para explicar.

E o que ele diria? Que aquilo tudo fora ideia de Josefina, a oportunidade de uma foto para melhorar sua imagem? Isso dificilmente a faria olhar para ele de modo favorável.

— O carro, por favor, Ramiro.

Enquanto comiam, seus dois guarda-costas estiveram sentados discretamente a uma mesa próxima à entrada do restaurante, mas agora estavam de pé. Ramiro pegou o telefone antes que ele precisasse acabar de falar, e com a eficiência de uma longa experiência foram com tranquilidade até a porta de saída. Luciana estava quente e macia em seus braços, o que despertou seu instinto protetor e o fez segurar sua cabeça contra o peito e passar com rapidez entre as mesas.

O carro se aproximou quando saíram. Ele abriu a porta, protegendo o rosto de Luciana enquanto chegava para o lado para deixar Emily precedê-lo. Tudo isso levou apenas alguns segundos. Mal deu tempo de os fotógrafos de Josefina pegarem suas câmeras.

Emily estava de cara fechada, mas ao recostar-se Luis se permitiu um leve sorriso de satisfação. Agira por instinto, e dessa vez não fora em benefício próprio.

A sensação era surpreendentemente boa.

Capítulo Nove

Cresce a preocupação com a saúde do rei...

O título já dizia tudo, mas, caso alguém ainda tivesse dúvidas sobre a saúde do monarca, a fotografia enorme do rei Marcos Fernando abatido, afundado no banco de trás do carro a caminho da clínica particular, as teria dissipado completamente.

Luis olhou durante muito tempo para a foto e, ciente de que Josefina estava aflita para falar, começou a ler a notícia bem devagar. Foi até a parte que dizia que fontes próximas ao rei informaram que ele foi internado para uma série de exames, quando Josefina não conseguiu mais se conter:

— É realmente terrível, senhor.

— Verdade — Luis disse gravemente, baixando o jornal. — Obrigado por sua preocupação. Vou comunicá-la a meu pai.

Pelo menos ela teve o decoro de ruborizar.

— Claro. Isso seria gentil, e *obviamente...* — ela enfatizou a palavra, o que só a fez parecer menos sincera — ...a saúde do rei é o mais importante nisso tudo, mas meu trabalho é cuidar do bem estar da monarquia a longo prazo. É lamentável que a doença do rei tenha ganhado tanto destaque. Esperávamos que sua saída com a srta. Balfour ontem à noite...

— A srta. Balfour e a princesa Luciana. Não foi um encontro romântico.

— Melhor ainda! — Houve um chacoalhar de pulseiras quando Josefina levantou as mãos de modo teatral. — Uma perspectiva completamente nova do príncipe. O modo perfeito de colocar a saúde do rei em segundo plano e mostrar ao público seu lado afetuoso! Os fotógrafos foram instruídos a serem respeitosos com a idade da princesa e sua vulnerabilidade, mas o senhor mal lhes deu a chance de conseguirem uma foto. Por isso... — Ela não conseguiu disfarçar sua irritação. — ...acabou sendo relegado a um parágrafo no final da história sobre o rei.

— Foi? Perdi isso. Ah, sim, está aqui.

"Uma pessoa que parece não estar muito preocupada com a saúde do rei é o príncipe Luis. Em vez de passar a noite com o pai, ele escolheu sair para um jantar divertido com sua sobrinha, a princesa Luciana. É a primeira vez que o príncipe playboy é visto com a filha de seu irmão, embora esse súbito interesse possa ter mais a ver com a nova professora de balé da princesa, Emily Balfour, com quem o príncipe foi visto em um caloroso abraço recentemente."

Ele baixou o jornal.

— Como a imprensa pode ser cínica.

— É o trabalho deles, senhor. Como o meu. E o seu.

— A diferença é que eles *escolhem* ser parasitas inescrupulosos, e você *escolhe* ser uma manipuladora da verdade, enquanto eu... — Ele ia dizer que tal papel lhe foi imposto, mas parou. Seria uma mentira. Ele o provocara. E quaisquer que fossem os

outros aspectos seus que ele permitisse que Josefina remodelasse, esse era inalterável. Suspirou, sentindo-se subitamente cansado. — Desculpe-me por ter estragado seu plano. Tem alguma outra ideia para transformar minha imagem ruim?

Um alívio enorme transpareceu no rosto bem maquiado de Josefina.

— Bem, a primeira coisa é ir visitar seu pai...

— Já visitei — Luis a interrompeu. — Passei uma hora com ele esta manhã.

Na maior parte desse tempo, o rei Marcos Fernando estava dormindo, e Luis ficou sentado a seu lado, olhando seu rosto pálido e tentando conciliar a realidade daquele homem frágil na cama com o mito do monarca forte e infalível em quem as pessoas de Santosa queriam desesperadamente acreditar.

— Uma visita privada não adianta, senhor. — Josefina o olhou como se ele ignorasse algo óbvio. — Precisa deixar que a imprensa saiba que vai e estar pronto para dar um comentário que assegure ao povo que o rei está bem. — Ela falou rapidamente, destacando cada ponto com seu dedo pintado de vermelho. — Também precisamos começar a anunciar o jubileu com mais agressividade. Será em apenas algumas semanas, e vai dar às pessoas algo em que se concentrar e uma razão para ficarem otimistas nesse... momento incerto.

Luis tinha os olhos fixos no vaso de palmeira atrás de Josefina. Ele o fez lembrar o restaurante e do rosto de Emily Balfour, com o sol deixando seus olhos cor de violeta e seu rosto rosado. Tantas vezes fizera piada sobre ela ser criança. E por quê? Só por causa da noite em que ela não cedeu a sua sedução vazia, um ano antes? Evidência de que era muito mais sábia do que o esperado para sua idade.

— ...mas acho que essa é a chave.

— Desculpe? — Luis voltou a olhar para Josefina, se perguntando se perdera muito do que ela dizia. Estava tão perdido em seus pensamentos que ela poderia ter acabado de informar que o colocaria em uma jaula de leões por ocasião do jubileu.

— A princesa Luciana. Acho que ela vai ser um trunfo importante. Respeito sua decisão como seu guardião legal de mantê-la longe dos olhos do público, mas o jubileu seria a oportunidade perfeita de lhe dar maior proeminência.

— Não! — Luis levantou-se abruptamente, com um misto de repulsa e o mesmo instinto que sentira na noite anterior quando os *paparazzi* apareceram. *Um trunfo. Deus!* — Luciana é muito pequena e vulnerável. Não conseguiria lidar com a imprensa, nem deveria.

— Com todo o respeito, senhor, algum dia ela vai ter de lidar. Não pode deixá-la crescer como uma princesa de conto de fadas, mantida numa torre.

— Não estou sugerindo isso.

Ou estava? Sua culpa em relação ao que acontecera com Rico e Christiana estaria afetando seu julgamento? O que eles achariam? Como se lesse seus pensamentos, Josefina disse: — O príncipe Rico sempre quis que ela crescesse compreendendo os deveres de sua posição. Sei que é difícil, mas acredito que ela se beneficiaria muito com isso. Ela parece já ter se ligado à srta. Balfour, e já que ela é bailarina profissional...

— Espere um instante. O que exatamente está sugerindo?

— O Balé Nacional Brasileiro. — Josefina o olhou com certa irritação. — Eles vão se apresentar no jubileu, e pensei que talvez a princesa Luciana e a srta. Balfour pudessem participar da apresentação.

— Não.

A palavra chegou aos lábios de Luis e parou ali. Que direito ele tinha sobre a vida de Emily? Ela era uma bailarina, pelo amor de Deus. Levava-a até ali para usá-la, e o mínimo que podia fazer era lhe dar a chance de fazer o que gostava.

E quanto a Luciana... Já não tivera muita influência sobre sua vida? Seu julgamento errôneo e sua atitude egoísta já não a haviam afetado o suficiente?

No pátio lá embaixo o sol se refletia nos botões envernizados e nos rifles dos guardas que vigiavam a parte interna do portão.

— E se a srta. Balfour não quiser?

— Tenho certeza de que ela concordará. Tomei a liberdade de contatar a diretora de sua escola de balé em Londres para descobrir se estava apta a um papel principal. Parece que ela é muito talentosa, senhor. Quando ela saiu no ano passado, sua carreira como principal bailarina parecia certa, mas a doença de sua mãe interrompeu tudo. A opinião da diretora é de que foi tudo uma farsa.

Luis fechou os olhos, lembrando-se de Emily no palco do centro comunitário com sua camiseta do Pink Flamingo, e da graciosidade de seus movimentos.

— O balé nacional está apresentando *Giselle*, e consegui ingressos para sábado à noite. Por que não a leva e lhe pergunta?

— Oh, isso foi brilhante! — Emily exclamou quando ela e Luciana terminaram a aula que ela preparara para lhe apresentar as posições básicas de balé. — Você nasceu para ser bailarina!

Luciana baixou a cabeça timidamente, mas pelo espelho Emily pôde ver seu sorriso de orgulho. Mas o que disse foi verdade. Talvez por causa de sua timidez, Luciana possuísse naturalmente a postura necessária que tornava muitos dos ensinamentos iniciais desnecessários.

Emily lhe estendeu a mão.

— Vamos descansar um pouco e depois trabalhamos mais essas pontas dos pés. Não está cansada demais da noite passada?

Luciana lhe deu a mão e balançou a cabeça.

— Oh, não. Nem um pouco.

Emily a levou até o banco encostado à parede e lhe entregou uma garrafinha de água.

— Todas as bailarinas devem beber muita água enquanto praticam.

Luciana tomou um golinho.

— Prefiro a bebida do restaurante. — Ela franziu a testa. — Como se chamava mesmo?

— Vaca preta. — Emily riu. — Mas é só para ocasiões especiais.

Houve um breve silêncio, então Luciana disse:

— Ontem foi uma ocasião especial, não foi? Sei que não era meu aniversário, nem do meu avô, o rei. Nem Natal. Mas mesmo assim *parecia* uma ocasião especial.

— Parecia sim — Emily concordou.

O pôr do sol na praia, a vaca preta de champanhe, a comida compartilhada e as brincadeiras a tornaram especial... E Luis. Ele *a* fez sentir-se especial. Lembrou-se da sensação dos dedos dele em seus Cabelos e da intensidade de seu olhar quando perguntou o que ela pensava sobre Luciana.

E dessa vez não fora cínico nem debochado, nem a provocou dizendo que era criança. Ela teve a sensação de que ele estava prestes a deixá-la entrar em um lugar que era tão bem guardado quanto o santuário do palácio. E então no último instante ele voltou para dentro daqueles grossos muros de pedra e fechou a ponte levadiça. E a noite terminou.

Ela levantou-se abruptamente e foi até o aparelho de CD.

— Em todo o caso... — disse com vivacidade, desesperada para abrandar o desejo que penetrara em seu corpo. — Podemos continuar? Agora que conhece as posições básicas, podemos fazer movimentos mais avançados.

No final das contas, ela não fora especial o suficiente, pensou com raiva enquanto ligava o som. Talvez aquela "conversa profunda e significativa" fosse uma das muitas estratégias de sedução do repertório dele, e no final ele decidira que ela era entediante e certinha demais para merecer o esforço.

Luciana estava esperando junto à barra com a postura bem ereta e os olhos fixos em Emily. Ao ver a ansiedade neles, Emily sentiu-se mal. Não intencionara parecer tão brusca. Forçando-se a relaxar, fez uma pirueta e inclinou-se numa reverência.

— A princesa Luciana me concederia o prazer dessa dança?

A música era uma polca dura, apropriada para exercitar-se, mas Emily pegou Luciana no colo e valsou pela sala com ela, girando e saltando até que ambas estavam sem fôlego e Luciana ria incontrolavelmente. Nenhuma das duas ouviu a porta se abrir, nem percebeu que estavam sendo observadas, até que giraram e viram a sólida figura vestida de enfermeira parada à soleira.

Emily cambaleou para trás, deixando Luciana escorregar de seus braços. O sorriso em seu rosto desapareceu ao ver a expressão de total desaprovação da sra. Costa, que não se alterou ao fazer uma reverência para Luciana.

Emily perdeu o ânimo.

— É hora do almoço e do descanso da tarde de Sua Alteza— a babá disse rigidamente, pegando Luciana pela mão e marchando em direção à porta. — No futuro, *sita*. Balfour, gostaria que levasse a princesa de volta às 13h. A importância da rotina não pode ser subestimada.

— Sinto... sinto muito — Emily disse.

Mas, quando a porta foi fechada, não se sentia nem um pouco preocupada com almoços, sono ou rotinas. E sim com Luciana.

Apertou com rudeza o botão para desligar o aparelho, e a música parou. Arrancou as sapatilhas e as jogou dentro da bolsa, onde caíram em cima das sapatilhas de ponta que levara consigo.

Ela parou com o coração ainda batendo acelerado de raiva. E então sentou-se no chão liso de madeira clara e tirou suas sapatilhas de seda da bolsa. Eram velhas, umas das poucas coisas que trouxera de Balfour, e a parte dos dedos estava gasta. Pegou uma delas, passou os dedos pelas tiras esfarrapadas de cetim, dobrou-a ao meio, lembrando de quando as usou para dançar *A Bela Adormecida* em seu último ano.

Suas sapatilhas da sorte. Era como as chamava. Por isso as trouxera consigo quando saiu de casa, mas parecia que desde então sua sorte a abandonara. Enfiou o pé esquerdo na sapatilha, empurrando seus pés contra a ponta e sentindo a dor. Dor fazia parte do balé, nunca tivera medo disso, dos machucados e do sangue, nem dos calos horríveis.

A porta foi aberta. Ela virou-se para olhar, mas o arrepio em sua espinha já lhe disse quem era. Os ombros largos de Luis quase preenchiam o espaço da porta, e as luzes da sala refletiam em seus cabelos cor de bronze deixando-o dourado.

— Infelizmente Luciana já foi embora — ela disse, virando-se de novo e se concentrando em apertar sua sapatilha. — A sra. Costa a levou para almoçar e descansar.

— Era você que eu queria.

A voz dele estava neutra. Então por que seu coração pulava como uma bola que fora lançada contra suas costelas? Pegou as tiras da sapatilha e as enrolou em volta do tornozelo, puxando com força.

— Para quê? — Ouviu passos em sua direção. Continuou olhando para o próprio pé, mas os pelos de sua nuca se eriçaram quando ele parou atrás dela.

— Só queria perguntar... — Ele parou, e ela levantou a cabeça e olhou para o espelho adiante.

Seus olhos se encontraram, e Emily sentiu como se tivesse encostado numa cerca eletrificada. Uma cerca em volta de um abismo escuro, avisando-a para manter distância da beirada.

— Queria perguntar se quer vir... Ela olhou para baixo de novo.

— Acho que não.

Ele passou para a frente dela e encostou-se na barra.

— Ainda nem ouviu o que eu ia dizer.

— Não importa. — Ela terminou de amarrar a sapatilha e deu um nó perfeito, imperceptível. — Acho que depois da noite passada seria melhor mantermos as coisas em um nível profissional. Pode me passar a outra sapatilha?

Estava em cima de sua bolsa de balé. Ele abaixou-se para pegá-la, mas não a entregou.

— É profissional — disse, ausente, virando-a em suas mãos e sentindo a dureza da ponta. — Ia perguntar se quer ir ao balé comigo.

Emily olhou para cima, segurando seu pé descalço.

— Balé?

— É uma apresentação do Balé Nacional Brasileiro. — Ele franziu a testa, olhando para a sapatilha. — Achei que esses calçados de balé fossem macios, mas são duros feito pedra. Não machucam?

— Sim, mas a gente se acostuma. Depois nem se percebe mais. Que balé é?

Uma emoção que ela não conseguiu identificar passou pelo rosto dele. Com um débil sorriso ele lhe entregou a sapatilha.

— Acho que é um nome de mulher. Começa com G.

— *Giselle?* — Ela mal conseguia esconder a ansiedade em sua voz, e a engoliu de volta enquanto enfiava o pé na sapatilha.

Ainda estava com o calor das mãos dele, e seu pé se esticava e flexionava por vontade própria, como se lembrasse a sensação. De repente estava de volta ao quarto de hotel, deitada na cama enquanto ele massageava seus pés...

Luis a observava com seus olhos ininteligíveis e dourados. Cada centímetro de seu corpo vibrava de desejo enquanto ele aquiescia devagar.

— Acho que era isso. Se for, isso é um sim?

A sala estava muito quieta, e o silêncio se estendeu por um longo instante enquanto a dúvida e o desejo brigavam dentro dela. Dissera a si mesma para ficar longe dele, para não se desviar de seu caminho, mas depois de todo aquele tempo era difícil resistir à tentação do balé. Ela baixou o olhar, concentrando-se nas tiras da sapatilha.

— É — ela respondeu em voz baixa enquanto se levantava e ficava nas pontas dos pés, curvando um pé de cada vez contra o chão.

— Sim, por favor.

Ele afastou-se da barra e começou a andar em direção à porta, repentinamente sério e brusco de novo.

— Ótimo. É daqui a dois sábados. Alguém virá vê-la para se certificar de que vista algo adequado. Até lá, então.

Daqui a dois sábados? Emily segurou a barra ao ser tomada por um pânico irracional que a deixou sem defesas.

— Não o verei mais até lá? Vai viajar?

Ele parou na porta e virou-se! Parecia distante e perfeitamente controlado.

— Não. Vou estar aqui. Mas acho que está certa, é melhor mantermos uma relação profissional. Vou querer saber sobre os progressos de Luciana no sábado.

E então foi embora.

Luis foi embora depressa.

Dali a dois sábados. Quanto era isso? Dez dias? Onze?

Onze dias para colocar a cabeça no lugar antes de vê-la de novo. Para enterrar-se no trabalho e lembrar por que fizera essa promessa inumana a Rico. E para tirar da cabeça a lembrança dos extraordinários pés eróticos de Emily.

Ou, se isso não funcionasse, para beber até esquecer.

Capítulo Dez

O toque em seu rosto foi suave como a carícia de uma asa de borboleta, mas Emily não conseguiu conter um arrepio.

Estivera esperando ansiosamente por isso nos últimos 11 dias. Sua excitação aumentava a cada dia. E agora finalmente era sábado, e cada músculo de seu corpo tremia de nervosismo e excitação, o que tornava um desafio ficar sentada imóvel na cadeira enquanto a maquiadora trabalhava.

Era a excitação de ir ao balé de novo, depois de tanto tempo, disse a si mesma. Fazia mais de seis meses que tinha ido a Covent Garden, logo antes do Natal, quando ela e sua mãe iam a Londres para fazer compras e ver *O Quebra-Nozes*, tradição que mantinham desde que era criança.

Parecia ter sido séculos atrás.

Ela abriu os olhos. O rosto que a olhava, refletido em todos os ângulos pelo espelho triplo, estava quase irreconhecível. Ela soltou uma interjeição de surpresa, batendo os cílios e admirando o efeito esfumado que Eloisa, a maquiadora, criara com a sombra.

— Oh, você é tão talentosa! Estou...

— Sexy. — Eloisa mal fava inglês, mas disse essa palavra com uma segurança que fez Emily se perguntar sob que circunstâncias a aprendera.

— Eu ia dizer adulta — Emily se explicou, mas Eloisa apenas deu de ombros e pegou um batom.

Emily fechou os olhos e sentiu um arrepio quando abriu os lábios, e a escuridão sob seus cílios foi preenchida por imagens e lembranças. Quase deixou escapar um ruído de susto quando o pincel encostou em sua boca e executou profissionais movimentos firmes.

— Pronto.

A voz firme de Eloisa trouxe Emily de volta à realidade, e ela abriu os olhos e comprimiu os lábios. Levantou-se e foi até o espelho de corpo inteiro. Alisou o vestido de seda vinho e tocou com suavidade o pente de diamantes que prendia seu cabelo.

A pálida garota de olhos grandes que Luis trouxera para Santosa desaparecera, e em seu lugar havia uma sofisticada sedutora de cabelos escuros. Graças à competência do cozinheiro do palácio, ela engordara, e sua clavícula não estava mais proeminente como um cabide; e seus seios pálidos faziam um leve volume sob o vestido.

Em pé atrás dela, Eloisa deu um suspiro.

— Que bonita. O príncipe Luis tem muita sorte. Vão ao balé? — Eloisa perguntou, guardando seus pincéis e potes numa maleta prateada.

— Sim. — Emily pegou o xale de *voile* que fazia parte do traje. O balé. Era no que devia estar concentrada. O balé pelo qual tanto esperara.

— Ahh... fabuloso. — Eloisa respondeu com inveja. — Qual espetáculo?

Emily abriu a boca para responder. E percebeu que não se lembrava, por nada

deste mundo.

Sentado à mesa de seu escritório, Luis tentava se concentrar no relatório de obras de caridade diante de si, e não na garrafa de uísque que conseguia ver pelo canto do olho.

Precisava realmente de um drinque. Fora mais um dia estressante de uma semana interminável em que visitara seu pai inúmeras vezes. Publicamente, para agradar Josefina. Também dera várias declarações à imprensa que variaram entre tranquilizadoras e descaradamente mentirosas, e começou a pensar no que aconteceria quando o rei morresse.

A noite no Purple Parrot parecia ter sido séculos atrás.

Deu um suspiro e esforçou-se para se concentrar no relatório, olhando de novo o nome impresso no alto da página: "Sociedade de Preservação Santosana. Preservando nosso patrimônio para o futuro."

Luis fez uma careta. Tentava analisar as obras de caridade das quais o rei Marcos Fernando era patrono e decidir quais delas continuaria a apoiar, mas era uma tarefa enorme. E que arriscava matá-lo de tédio.

"Nosso compromisso é proteger Santosa dos efeitos corrosivos do mundo moderno", ele leu atentamente, "e preservar os valores, as tradições e o meio ambiente que nossos ancestrais trabalharam tão duro para construir".

Luis respirou fundo. Nada era mais deprimente do que pensar em Santosa encerrada para sempre em uma tolha sufocante, separada da realidade e do resto do mundo. Mas uma rápida olhada nos nomes do conselho da sociedade, cuja maioria pertencia ao atual gabinete de governo, lhe disse que cortar os laços com essa obra não seria uma decisão popular. Colocou o papel na pilha dos que permaneceriam e checkou seu relógio.

Estava seis minutos atrasado. Mas já que contara as horas dos últimos 11 dias para poder vê-la, seis minutos não importavam. Deus, isso era ridículo. Parecia um adolescente com os hormônios alterados. Com impaciência, pegou o próximo relatório da pilha e o abriu, na esperança de que fosse algo interessante o suficiente para manter sua cabeça distraída do desejo que sentia constantemente há mais de uma semana.

Isso só confirmava o quanto era frívolo e errado, pensou amargamente. Todo o tempo em que estivera sentado à cabeceira de seu pai agonizante, ou lidando com as complicadas questões práticas e constitucionais de sua ascensão ao trono, só conseguia pensar na boca de Emily Balfour, em seu corpo delgado e flexível reluzindo com a água do banho, em seus pés...

Deus, que pés...

Trincou os dentes e franziu a testa. O problema era que não estava acostumado a querer algo, ou alguém, e não poder ter. Desde que sua mãe morrera, sua vida fora desviar as emoções reais para a satisfação sexual, procurar gratificação instantânea e ter o que queria, e a combinação de sua aparência com seu título garantiam que nenhuma mulher o recusasse.

Até que conheceu Emily Balfour. Até beijá-la sob as cerejeiras e ela o refutar, e ele ver o medo em seus olhos azuis e se dar conta do que se tornara.

Houve uma discreta batida na porta, e um empregado apareceu.

— A srta. Balfour, Alteza.

Ela vestia vermelho. De início foi tudo o que Luis percebeu, além de ela ser a garota mais extraordinariamente linda que já vira.

Mulher, não garota, corrigiu-se enquanto seus olhos moviam-se lentamente sobre ela. O corpete do vestido era justo e mostrava sua silhueta delgada e seus seios pequenos e perfeitos, enquanto a saia armada que ia até seus tornozelos enfatizava seus quadris. E, ele notou decepcionado, era impossível ver seus pés.

Luis não se deu conta de que levantara, e de repente percebeu que estava diante da mesa, com a caneta ainda na mão e olhava para ela. Colocou a caneta no tampo e passou um dedo no colarinho da camisa enquanto ia em direção a ela.

— Desculpe — ele disse de modo brusco, inclinando-se para lhe dar um beijo apressado em cada bochecha. — Estou trabalhando em alguns papéis. Estava a milhas de distância.

Afastou-se logo dela, como se ela estivesse em brasa. E estava, ele pensou dolorosamente. Perigosa em todos os sentidos.

Emily baixou os olhos, com um deslizar de seus cílios longos, e Luis ficou aliviado por ver-se protegido daquele olhar.

— Desculpe. Se está ocupado, posso esperar lá fora até que termine.

— Não. — A palavra saiu em um tom autoritário. *Deus, Josefina ficaria encantada com esta atitude regia.* — Não é necessário. Quer um drinque antes de ir?

Ela olhou para ele em dúvida.

— Está tomando um?

— Não posso. — Por mais que precisasse.

Ele indicou uma das janelas que davam para uma extensão circular do gramado para além do jardim. O helicóptero estava ali, com o sol se refletindo no brasão real de sua lateral.

— Vou pilotar.

Ela arregalou os olhos.

— Vamos naquilo? Sozinhos?

— Sim. É o modo mais rápido de viajar ao continente. Não é tão confortável quanto o jato, claro, mas mais direto. É um problema?

— Não... não, claro que não — ela gaguejou.

Mas ele viu sua expressão alarmada e soube que ela estava pensando em Rico.

— Ótimo — ele disse, pegando seu celular e indo em direção à porta. Ele ia tranquilizá-la, afirmando que era seguro, mas isso estava longe da verdade. — Vamos, então?

O xale diáfano que ela usava roçou em sua mão quando ela passou, e ele sentiu o cheiro delicado de sua pele.

— Está linda, a propósito. Isso pelo menos era verdade.

Ser um Cordoba é dizer a coisa correta, não Ser sincero. Não foi isso que ele

dissera no restaurante? *Faz parte do jogo, e não se pode mudar isso.*

Ele podia pelo menos ter parecido mais convincente ao dizer que ela estava linda.

Os saltos de Emily afundavam na terra fofa enquanto atravessa o gramado para chegar até o helicóptero, esforçando-se para acompanhar as passadas de Luis.

Esperara tanto por essa noite, e no instante em que o viu teve certeza de que não adiantava tentar se convencer de que a excitação tinha a ver com o balé.

Era por causa dele.

O humilhante era que ele estivera certo o tempo todo. Ela era a garota imatura e inexperiente que ele a acusava de ser, e sentia uma constrangedora paixão adolescente por ele.

Diante dela, um funcionário uniformizado abriu a porta do helicóptero. Luis entrou na cabine e esticou a mão para ela. Emily vacilou, relutante em pegá-la, evitando olhá-lo nos olhos para que não percebesse seu desejo.

— Obrigada. Consigo sozinha — ela murmurou, levantando a saia e indo desajeitada para seu lado.

Não que ele tenha notado. Luis já estava pegando o fone de ouvido pendurado sobre o painel de controle, mexendo em botões, verificando mostradores e sinalizando para a equipe que os rodeava na pista.

— Ponha seu fone de ouvido, vamos decolar.

Emily obedeceu aliviada, pois, usando fones, seriam poupados de ter de conversar. Não que Luis, dada sua óbvia preocupação, fosse se importar.

Com um ronco, as hélices começaram a girar, e o chão balançou embaixo deles e se distanciou enquanto subiam verticalmente para o céu.

Era uma bela noite. Em poucos instantes estavam suspensos em um céu azul, com o palácio embaixo deles parecendo uma elaborada casa de bonecas de alguma criança mimada. Era uma vista incrível, mas Emily se viu mais preocupada com a visão das mãos fortes de Luis no comando do helicóptero. A cabine era tão pequena que seus ombros quase se encostavam, e toda a lateral de seu corpo que estava próxima a ele formigava, como se minúsculos ímãs sob sua pele a empurrassem na direção dele.

Iria ser uma viagem desconfortável.

Haviam deixado o palácio para trás e estavam sobre as árvores e a pradaria ondulante da propriedade real, indo em direção ao mar, que brilhava diante deles. Ao perceber que estava isolada do resto do mundo com ele, Emily sentiu um espasmo de pânico atravessar seu corpo.

— Tudo bem?

Ela deu um pulo ao ouvir a voz dele pelo fone acariciando seu ouvido com uma intimidade que a fez se arrepiar. Ao olhar para ele, percebeu que usava os mesmos óculos estilo aviador do dia em que a beijara e, combinado ao smoking, o efeito era nada menos que devastador.

— Tudo — ela murmurou sem forças, forçando-se a desviar o olhar. — Estou admirando a vista. O que é aquilo lá embaixo?

Luis acompanhou seu olhar até a construção com telhado de ardósia abrigada sob as árvores embaixo deles.

— A guarita. Foi construída por um de meus ancestrais mais extravagantes para ser um alojamento de caça.

Emily aquiesceu, com ar sério. Para ela não faria diferença se fosse o supermercado local, mas a sensação da voz dele em seu ouvido era ótima, e não queria que parasse.

— Um alojamento de caça? Não é muito rústico. Conte-me mais sobre esse seu ancestral.

Luis lhe seu um sorriso enviesado.

— Sob uma condição. Que depois me conte o enredo do balé que vamos ver.

— Combinado.

Tinha sido inútil, Luis pensou, olhando entediado para o palco, horas depois. Emily fizera o melhor possível, mas por mais que tentasse ele não conseguia conciliar a história que ela contara sobre a camponesa que se apaixona por um nobre, ou um caçador, não se lembrava, com os saltitos que aconteciam no palco.

Ele afundou em seu assento e esfregou a mão nos olhos. Bem, se estivesse ouvindo direito o que ela dizia, em vez de só desfrutar da doçura de sua voz em seu ouvido, ele poderia ter entendido muito mais. Mas achava impossível concentrar-se em qualquer outra coisa com Emily por perto, e isso começava a incomodá-lo.

Desde o momento em que saíram do carro que os pegara no heliporto, ele sentiu a tensão do corpo dela, e lembrou-se outra vez de um cavalo de corrida, alerta e nervoso, mas forte e seguro sob o exterior delicado.

Subindo a larga escadaria de mármore do teatro a seu lado, ela aceitou lhe dar o braço, mas Luis sentia a distância que ela colocou entre eles, como se fosse um campo de força invisível. Pelo menos os fotógrafos não percebiam isso enquanto lhes apontavam suas câmeras. Parecia que finalmente Josefina iria conseguir o que queria.

Se pelo menos houvesse chance de ele também conseguir, pensou com ironia. Olhou para ela, que estava sentada recostada em sua cadeira com as mãos apoiadas na balaustrada da tribuna olhando para o palco. Não havia nada abertamente sexy no vestido vermelho que usava, exceto talvez a cor, mas nela até o decote que mostrava apenas uma pequena faixa de seus ombros parecia provocante. Precisou de toda sua força de vontade para não tocar o único cacho de cabelo que caía sobre sua nuca.

Desesperado, tirou o celular do bolso e olhou para o visor. A próxima hora ia ser um inferno de qualquer modo, então ele podia aumentar a tortura e ver seus e-mails. O tédio aplacava o desejo em qualquer dia.

A enorme lua cheia lançou sua luz suave sobre o palco. Emily olhava para lá sem piscar enquanto a plateia se levantava de seus assentos de veludo vermelho. Fora uma apresentação arrebatadora, e os aplausos não paravam.

Só ela continuava sentada imóvel.

Os bailarinos voltavam ao palco para saudar a audiência encantada. Os vestidos brancos das bailarinas ondulavam enquanto elas faziam graciosas reverências. Seus rostos estavam contidos, apesar da tristeza do balé que dançaram. Emily sempre quis

ser igual a elas, impecável como uma boneca vestida de tule branco e sapatilhas de cetim. Durante anos treinara seu corpo com controle e disciplina para alcançar aquela perfeição fria e remota.

E conseguira. Só para descobrir, tarde demais, que ignorara o principal. Ser uma bailarina não era questão apenas de perfeição ou sapatilhas da sorte.

Era questão de emoção.

E isso era algo que ela bloqueara impiedosamente desde que sua mãe fora diagnosticada com câncer terminal. Foi como lidou com a chegada de Mia e a descoberta de que seu pai os traíra. E foi isso que, possibilitou que partisse calmamente de Balfour um dia depois do enterro de sua mãe.

Mas também foi isso que fez desaparecer sua capacidade de dançar. Ela se levantou. Virando-se para procurar seu xale, ela viu Luis, e percebeu que não era a única a não aplaudir. Ele estava sentado mexendo em seu celular. Sob a luz esverdeada do visor, o rosto dele era uma máscara de tédio.

Ele levantou o rosto. Ela foi capturada pelo turbilhão de seu olhar, e naquele momento soube que não escapara das emoções incontroláveis das quais tentara fugir nos últimos seis meses, pois estavam dentro dela o tempo todo.

Ele se ergueu devagar e ficou de pé diante dela com o rosto inexpressivo. Em algum momento ele abrira o botão de cima da camisa e afrouxara a gravata de seda preta. Estava assustadoramente bonito.

— Finalmente. — Ele deu um sorriso de esguelha. — Pensei que nunca iria acabar. Também não parece ter gostado muito.

— Adorei — ela disse.

— Sério? — Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso. — Que sorte, pois tenho uma proposta para você.

Ele se abaixou e pegou seu xale, que estava caindo do encosto da cadeira, e em um movimento habilidoso o colocou suavemente sobre seus ombros, roçando sua pele por uma fração de segundo.

Emily procurou resistir ao desejo que sentiu, mas ele já pegara suas mãos e a levava para os fundos, onde ficariam escondidos detrás da cortina de veludo da tribuna real. Ela ficou rígida de pânico.

— O... o que está fazendo? — Sua voz não passou de um sussurro medroso, e ele imediatamente soltou suas mãos.

— Relaxe. Não estou tentando agarrá-la atrás da cortina, mas, caso não tenha notado, agora o público inteiro está com a atenção voltada para nós.

Emily deu uma olhada por cima do ombro. Sua respiração estava irregular. As luzes lá embaixo foram acesas e o ruído de conversas recomeçara enquanto as pessoas devolviam os óculos de ópera e pegavam suas bolsas. Muitas delas ainda olhavam para a tribuna real.

— Por favor, podemos ir embora?

— Espere. — O rosto dele estava sombreado pela cortina, mas ela conseguia ver o brilho em seus olhos e um músculo pulsar em seu rosto. — Quero lhe perguntar uma coisa antes.

Ela teve um leve sobressalto.

— Este ano é o Jubileu de Prata de meu pai, e vai haver algum tipo de evento para marcá-lo — ele disse de modo monótono. — O Balé Nacional Brasileiro está programado para se apresentar aqui. Queremos que você e Luciana dance com eles.

Ela ia rir, mas seu riso saiu como uma espécie de soluço. Balançou a cabeça e mordeu o lábio inferior ao sentir que sua frágil carcaça de controle ameaçava quebrar.

— Impossível — disse com frieza. — Desculpe, mas não poderia. Agora, por favor, podemos ir?

Dois homens de terno apareceram na porta. Seus fones de ouvido deixavam claro que eram seguranças do palácio. Luis pareceu hesitar por um momento. Seu rosto estava frio e inexpressivo como mármore, mas fez um leve aceno de cabeça e os seguranças abriram a porta e desceram na frente deles a escada VIP que levava ao saguão principal.

Emily ficou feliz com a meia-luz. Disfarçadamente ela fungou e esfregou as mãos nas bochechas, tentando estancar as lágrimas que começaram a descer por seu rosto e se controlando para não entrar em desespero.

A porta no final da escada foi aberta, deixando entrar o barulho do saguão e a luz clara da noite. Emily piscou para tentar esconder seu rosto molhado de lágrimas, mas era tarde demais. Os seguranças ficaram segurando a porta e impelindo-os a ir para o carro que os esperava lá fora.

Luis a olhou, e naquele átimo de segundo ela viu uma emoção insondável no fundo de seus olhos. As reações dele foram rápidas e devastadoras como um relâmpago.

A toda pressa, ele passou o braço em volta de seus ombros, abrigando-a de encontro a seu corpo enquanto a fazia avançar. Ele levantou a outra mão para acenar para a multidão, mas Emily percebeu que também era para protegê-la das câmeras e dos olhares curiosos.

Quando saíram para a noite ainda quente e desceram os degraus, ela manteve o corpo rígido. Cada átomo seu resistia ao ímpeto de fundir-se a ele. Mas então o abraço dele afrouxou ao aproximarem-se do carro e ela se sentiu desolada. Ela levantou a cabeça no mesmo instante em que ele abaixou a sua.

Mais tarde, ela não saberia dizer como aconteceu ou quem dera o primeiro passo. Só o que sabia era que num segundo ele esticava o braço para abrir a porta do carro, e no outro estava com o rosto entre suas mãos fortes, e suas bocas se uniram em um beijo vigoroso e irremediável.

Durou apenas alguns segundos. E então ela estava no carro, com ele a seu lado, e se afastavam da multidão que gritava em êxtase.

Capítulo Onze

A noite estava linda. Enquanto voavam de volta a Santosa, o sol estava se pondo sobre o mar, riscando o mar azul-turquesa com listras rosa e douradas, e transformando a areia branca das praias do arquipélago em sorvete rosa.

Teria sido assim com Rico, quando voava para casa aquela noite?, foi o que Luis se perguntou com pesar. Era estranhamente reconfortante pensar que seus últimos momentos na terra, teriam sido assim, uma prévia do paraíso em que ele tinha um lugar assegurado.

Diferente de Luis.

Emily estava sentada a seu lado, tensa e silenciosa. Mal se falaram desde que saíram do teatro, e embora ele tivesse tentando se desculpar, ela ignorara suas desculpas de um modo que o fez saber que dessa vez as coisas eram diferentes. Parecia furiosa com ele, e não podia culpá-la nem um pouco por isso, pensou zangado. Não podia estar com mais raiva do que ele estava de si mesmo.

Olhou para ela. O sol poente iluminava seu perfil perfeito, salpicando de dourado seus cílios longos e seu delicado nariz levemente arrebitado. Ele teve de conter outro espasmo de desejo. *Deus*, ele se enfureceu olhando para o céu amarelado, já não era castigo suficiente ter desistido de tudo sem essa tentação, esse lembrete constante dos prazeres a que renunciara?

— Sinto muito.

A voz baixa dela chegou através do fone de ouvido. Luis sentiu seu corpo ficar tenso, e deu um sorriso amargo.

— Acho que esse texto é meu. *Você* sente muito pelo quê?

— Por ter sido tão ingrata. Por recusar uma... oferta tão generosa.

O balé. Ela estava falando sobre dançar, ele se deu conta. Estranhamente, ele se esquecera disso. Mas sua curiosidade foi despertada, o que alterou outras partes mais básicas suas.

— Então por que recusou? Achei que a agradaria.

A sombra do helicóptero deslizava serenamente sobre o mar, sem dar nenhum indício da tensão que pairava ali dentro daquele pequeno espaço.

— Porque está fora de questão. Eu... não posso.

— Não pode ou não vai? — *Tamanha* era sua percepção do corpo dela a seu lado que sentiu que ela se sobressaltou com seu tom áspero. Mas não conseguiu suavizá-lo. — Naturalmente um convite desses não foi feito sem uma investigação preliminar, e de acordo com a diretora de sua escola *você* foi a bailarina mais talentosa de sua turma.

— *Fui* — ela disse amargamente. — Tempo pretérito. Voavam sobre uma extensa faixa de areia branca, margeada de um lado por um mar cristalino, que sob a luz do sol poente parecia *champanhe rose*. Fora ali que os destroços do helicóptero de Rico foram encontrados, junto aos rochedos que lançavam suas sombras sobre a praia. Voando em direção a eles, Luis falou num tom inexpressivo:

— O que mudou?

— Eu. — Ela riu, e o fone amplificou o desespero em seu riso. — Você tinha razão, eu era apenas uma garota ingênua e estúpida. Então eu cresci, e a mágica simplesmente... acabou. Como quando se deixa de acreditar em contos de fadas.

O rosto dela estava virado para outro lado, mas ele viu que ela apertava as próprias mãos, angustiada, como se tentasse se controlar.

— Consigo fazer os passos — ela continuou em voz baixa. — Os movimentos. E os faço tão *perfeitamente* que às vezes quase me convenço de que ainda posso dançar. Mas esta noite... — ela hesitou. — Esta noite percebi o quanto isso está longe da verdade. Não há paixão neles. Não consigo sentir.

Luis lembrou-se do que Oscar disse. *Ela não faz nada pela metade. Nunca fez. Tudo o que faz é apaixonadamente, de corpo e alma.*

Os rochedos estavam bem diante deles agora, e de repente saíram da benevolente luz dourada do sol e mergulharam em uma sombra fria que só tornou mais opressiva a atmosfera naquele espaço exíguo. Luis fez o helicóptero subir, e ao fazer isso roçou de novo seu braço nela. Ela deu um gritinho abafado e pulou como se ele a tivesse queimado.

Era como o primeiro relâmpago de uma tempestade que estivera se formando há horas. Esbravejando em silêncio, Luis estabilizou o helicóptero e olhou para ela, sentindo o palpitar de seu próprio coração dentro de seus ouvidos.

— Não me diga que não sente nada — ele disse entredentes. — Não me diga que não é apaixonada, porque...

— Estou com medo!

As palavras pareciam ter sido arrancadas de algum lugar de dentro dela. Luis se encolheu, tudo nele se enrijeceu como se quisesse se proteger de uma pancada. Ficou tão nervoso que precisou de toda sua habilidade e autocontrole para manter o helicóptero voando direito. Era o que sempre soube desde a noite em que a conheceu. Ela via a pessoa desprezível que ele era.

— De mim? — ele disse numa voz que misturava desespero e auto repugnância. — Deus, Emily...

— Não. Não! — Ela espalmou as mãos sobre os joelhos, e olhava para elas ao falar com cuidado. Sentia seu coração bater forte, como se tentasse se livrar da restrição da seda apertada do vestido. — Não de você. De *mim*. É por isso que não posso. Tenho medo de me soltar. Medo de todos os sentimentos dentro de mim transbordarem e... não sei, me dominarem...

As palavras se dissolveram no silêncio tenso. Oh, Deus, o que foi que ela disse? Não ousava olhar para Luis, com medo de ver deboche e desdém em seu rosto. O helicóptero estava descendo, ela notou desesperada. Estavam de volta ao palácio e em poucos instantes homens de uniforme e rostos vazios estariam abrindo os portões, jogando-a de volta no mundo real. Voltaria para sua suíte luxuosa e para o silêncio e a solidão. E ele iria embora achando que ela era maluca.

Fechou os olhos com força, como fazia quando era criança e acreditava que podia conseguir qualquer coisa se desejasse muito. Estavam descendo rápido, e ela esperou

pelo leve baque no solo antes de abrir os olhos.

Ficou confusa ao abrir os olhos, esperava ver o enorme gramado e o palácio, mas estava escuro ali. Olhou em volta sem acreditar. Estavam em uma clareira rodeada de árvores.

— On... onde...? O quê...?

Luis tirou o fone de ouvido e passou a mão pelo cabelo.

— Desculpe — ele disse numa voz entrecortada. — Não posso voar assim. Não é seguro. Os seguranças vão chegar logo. Você volta com eles.

— Não.

Ele virou-se para olhá-la. Aquele rosto com maçãs altas e uma boca volumosa e sensual estava rígido como se suportasse silenciosamente algum tormento. Mas seus olhos dourados estavam escuros como melado, queimando com uma emoção que a fez perder o ar.

— Não quero ficar segura — ela sussurrou.

Ela tremia de medo e excitação, e de um desejo urgente e selvagem. Não estavam se tocando, mas seus olhos estavam fixos uns nos outros.

— Emily, sabe o que está dizendo...?

— Sim — ela disse num sussurro trêmulo. — Oh, sim.

A floresta era densa e escura, e quando Luis a empurrou para o meio das árvores alguns pássaros levantaram voo lançando gritos na escuridão. Emily deu um pulo, seus passos vacilaram, e Luis virou-se para olhá-la. A expressão dele era atormentada.

— Quer voltar?

— Não.

Foi um gemido baixo. Ouvi-lo pareceu liberar alguns instinto dele que estava tentando bloquear. Então ele parou, segurou-lhe o rosto e a beijou como se quisesse devorá-la. Enquanto a boca dele comprimia a sua e roçava seu queixo e seu pescoço, Emily sentiu suas pernas fraquejarem e se deixou cair de encontro a uma árvore enorme, rendendo-se ao prazer que a dominava.

De repente Luis se afastou, e ela teve medo.

— Não pare, Luis... por favor.

— Cristo, tenho de parar — ele disse entre os dentes. — Senão, não paro mais. Em alguns minutos o céu vai estar cheio de helicópteros a nossa procura, e eu não gostaria de corromper a inocência dos seguranças deixando que nos vejam fazer amor na floresta.

Emily riu, mas soou mais como um gemido desesperado de desejo. Luis pegou seu rosto de novo, passando os polegares em suas bochechas e olhando-a nos olhos com uma intensidade que a fez sentir seu corpo pegando fogo.

— Tem certeza de que é isso que quer?

Alucinada de desejo, Emily só conseguiu aquiescer, mas a expressão em seu rosto deve ter dito tudo o que ele precisava saber, pois no instante seguinte ele a pegou pela mão. Com um xingamento abafado que parecia mais um pedido de perdão, ele a fez seguir em frente de um modo que ela teve de levantar a saia e correr para acompanhá-

lo. Andando entre as sombras das árvores, ela sentiu-se uma Chapeuzinho Vermelho adulta que não tinha mais medo do lobo.

Diante deles ergueu-se um muro alto que bloqueou os resíduos da luz que desaparecia. Luis foi até um portão de aço, e soltou a mão de Emily só enquanto passava sua digital e digitava uns números num painel eletrônico. Um segundo depois o portão se abriu.

— É á casa que vimos do helicóptero — Emily murmurou enquanto Luis a conduzia em direção a uma casa de pedra com um telhado excessivamente inclinado que a fazia parecer uma ilustração de um livro infantil.

Na entrada, Luis fez o mesmo processo da digital e do código de segurança. O coração de Emily batia tão forte que sacudia seu corpo inteiro, liberando adrenalina a cada batida. Sua pele estava hipersensível, e quando ele tocou seu braço para fazê-la passar pela porta, ela se arrepiou e respirou fundo. Deu um pulo quando a porta se fechou.

O cômodo amplo cheirava a fumaça de lenha, e estava cheio de poeira e sombras. Emily ficou parada no meio dele, sem conseguir olhar nada que não fosse Luis. Depois de fechar a porta ele apoiou as costas nela e durante infinitos minutos nenhum dos dois se mexeu. O olhar dele a queimava através da penumbra, deixando-a paralisada na agonia de um desejo impossível de evitar. Sentia uma pulsação insistente no meio de suas coxas que aumentava ainda mais a tensão. E uma umidade lá dentro que tanto a maravilhava quanto a horrorizava.

— Estou assustada.

As palavras sussurradas escaparam de seus lábios, e no mesmo instante mordeu o lábio inferior, desejando que elas voltassem. Vagarosamente, Luis se desencostou da porta e veio em sua direção, com os olhos sempre fixos nos dela.

— Não precisa ficar assustada. — Em pé na frente dela, ele parecia altíssimo, forte e com ombros enormes. Segurou as mãos dela com força. — Pode parar com tudo isso agora... a qualquer momento.

Com os olhos arregalados e tremendo, ela olhou para ele.

— Não. Eu quero. *Muito*. Mas... — Ela engoliu em seco. Ele apertou mais suas mãos.

— Mas o quê?

— Estou assustada porque não sei o que fazer. E se eu não conseguir...? E se não for boa...?

Com um gemido, ele soltou suas mãos e recuou, fechando as mãos em punho por um instante antes de passar a mão nos cabelos.

— Deus, Emily. É tudo o que posso fazer para me controlar agora, com você na minha frente com esse vestido vermelho.

— Mas você teve tantas mulheres. Mulheres bonitas. Que sabem dar pra.. prazer a um homem, e ex... citar.

— Isso foi no passado. O que importa é agora. Você. E você não tem *de fazer nada*, pois me excita só com seu jeito de andar, de falar... Cristo, até de respirar...

Sem se dar conta, Emily pressionou os dedos contra os próprios lábios para silenciar os gemidos de desejo que ameaçavam escapar enquanto a voz áspera dele

vibrava através dela. Com muita leveza, ele a segurou pelos pulsos e baixou suas mãos, puxando-a na direção da escada.

— Só você. Como você é. Sem técnicas. Sem passos precisos e ensaiados, lembra?

A escada levava a um grande quarto sob o telhado da casa. A única janela dava para a floresta, e acima das árvores Emily podia ver uma lua crescente cintilante no céu azul. Ela deu um passo em direção à vista, expirando o ar toda trêmula.

— Feche os olhos.

Luis estava em pé atrás dela. Ela obedeceu, e logo depois sentiu a mão dele em sua cintura, enquanto levantava seu braço com delicadeza, passando os dedos demoradamente pela pele sensível da parte interna. Era como um movimento de balé, parte do *grand adage*, um lento e sedutor jogo de sedução entre os bailarinos. Sentiu sua coluna se curvar, seu quadril ir em direção ao dele, seu corpo ganhar vida nas mãos dele.

Pouco a pouco, os dedos dele traçaram um caminho delicioso sobre seus ombros e a curva de seu pescoço, até finalmente encontrarem o zíper de seu vestido. Sem pressa, ele acariciou um cacho de cabelo que escapara de sua trança. Ela podia sentir a respiração morna dele em seu pescoço, o calor se espalhar dentro dela, a umidade entre suas pernas trêmulas, e soube que precisava ficar bem quieta para dominar as ondas de prazer que surgiam dentro dela.

Os olhos dela ainda estavam fechados. A escuridão intensificava cada toque, cada sensação. Estava ficando mais difícil reprimir os arrepios que sentia por dentro, e quando sentiu Luis começar a baixar o zíper do vestido, mordeu os lábios para não gritar. Ele parou. Ela abriu os olhos, aterrorizada por achar que ele pensara melhor e que decidira que ela não era sexy o suficiente. Mas então sentiu a língua dele roçar sua nuca, sua respiração acariciando-a, sua língua traçando círculos em volta da vértebra da base de sua nuca.

Dessa vez ela não conseguiu controlar um estremecimento de desejo. Ele segurou seus ombros, mantendo-a parada, enquanto ela jogava a cabeça para trás e dava um gemido de prazer e angústia.

— Tudo bem — ele sussurrou em voz rouca. — Deixe-se levar...

— Não consigo...

— Consegue... querida, consegue tudo o que quiser.

Ele baixou o zíper dela até a cintura. Emily contraiu a barriga, seu corpo todo se contraía enquanto ele passava suas mãos grandes e habilidosas em suas costas. Os polegares dele encontraram as covinhas em cima de seus quadris e deslizou os dedos por dentro do vestido para acariciar sua cintura.

Emily cruzou os braços, segurando o vestido de encontro a seus seios nus enquanto sua cabeça estava jogada para trás e suas costas se arqueavam.

— Quero ver você.

Ela levantou a cabeça e um protesto lhe veio aos lábios, mas em vão. Luis já a virara para encará-lo. A luz fraca que vinha da janela atrás dela dava um tom dourado pálido a sua pele, e o reflexo da lua brilhava em seus olhos que eram dois impenetráveis lagos escuros.

Os braços dela ainda se cruzavam diante do peito. Esperava que ele os abrisse, mas não o fez. Em vez disso, ele encostou suavemente os dedos em seus lábios.

— Você é deliciosa.

E aquele leve toque, combinado à intensidade de seu olhar banhado pela lua, cortou as amarras que a prendiam. Ele abriu-lhe os lábios com os dedos, e de repente ela estava colada nele, que a beijava com uma urgência e uma paixão que fizeram com que tudo que viera antes parecesse brincadeira de criança.

Era como se ela tivesse ficado trancada em um lugar escuro e minúsculo, e ele a tivesse libertado. Assim como ele abrira a porta da casa com um toque de seu dedo, destrancou de modo mágico uma parte sua secreta e feliz, que não sentia medo e não se importava em ser perfeita.

Não havia nada disciplinado na devassidão com que ela respondeu a seu beijo. Sua língua se enrascava na dele, seus lábios exploravam, experimentavam, sugavam. E não havia nada de controlado no modo com que seus dedos trêmulos abriam os botões da camisa dele, desesperada que estava para tocar sua pele quente.

As mãos dele trabalhavam com muito mais calma no pente de diamante e nos grampos que prendiam seus cabelos, livrando-se deles até que a elegante trança se desenrolou e caiu sobre os ombros dela. Afastando-se dela, segurou-a pelo braço e deu um gemido abafado enquanto passava os dedos por eles, despenteando sua maciez. Ela esqueceu-se de segurar a parte de cima do vestido, que caiu de seus ombros expondo parte de seus seios.

— Acho que é hora de tirar isso — ele disse, puxando-o completamente para baixo e deixando escorregar por seus quadris até cair no chão e formar um lago vermelho.

Ela o ouviu respirar fundo, sentiu Luis recuar levemente e tencionar o corpo inteiro quando ela saiu de cima do vestido. Por um instante, todas as suas dúvidas voltaram, mas quando olhou para o rosto dele viu que lutava contra o desejo, e um segundo depois a pegou no colo e a levou para a cama enorme no outro lado do quarto.

O lençol estava frio sob suas costas, e ela se esparramou sobre ele. Luis se inclinou sobre ela, e ela viu o brilho de seus olhos e sentiu o cheiro de musgo de sua pele enquanto ele baixava a cabeça e colocava seu mamilo na boca. Dez mil volts de prazer a atravessaram, e ela gritou, se contorcendo convulsivamente enquanto ele a segurava firme. Centímetro por centímetro, ele explorou seu corpo com uma minúcia reverente, até que Emily estava flutuando, entorpecida.

Não percebeu quando ele se despiu, só notou sua nudez quando ele encostou sua pele quente na dela. Por um segundo ele se afastou dela, e ela viu sua ereção assombrosa enquanto ele colocava o preservativo, e se sentiu como se estivesse cambaleando à beira de um precipício que ela nem sabia que estava ali. Suas pernas se enrascaram em volta dele, seu corpo flexível colou-se ao dele.

Ela estava vagamente consciente de que ele a segurava pela cintura, segurando-a em cima dele de modo a ficar montada em seus quadris, e não tinha certeza se a pulsação dura que sentia sob ela era de seu próprio corpo ou do dele.

Instintivamente, ela ficou de joelhos, arqueando às costas e tirando o cabelo de

seu pescoço suado enquanto mexia os quadris, faminta por ele.

— Quero mais... Você todo...

Em um movimento fluido ele ergueu o corpo e a segurou de encontro a si. Pegou seu rosto e a beijou com paixão antes de rolá-la na cama e ficar em cima dela. O rosto perfeito dele estava tranquilo e distante, sua expressão quase distraída quando a penetrou com uma ternura infinita.

Ela esperava que fosse doer, se enrijecera à expectativa, mas não houve nada além de uma incrível sensação de alívio tão forte que poderia tê-la feito chorar.

Mas outra sensação já a ultrapassava, tão poderosa que fez todo o resto sair de foco. Um tipo de doçura deliciosa que prendia seu corpo com tanta firmeza que quase doía.

Ela abriu os olhos e olhou para ele em pânico quando o medo de perder o controle voltou. E então, por um segundo, ela viu a expressão nos olhos dele, a intensidade de seus desejo, antes que voltasse a fechar os olhos, e soube que aquele homem forte e destemido também estava se rendendo. O corpo dele se retesou e seus músculos das costas se avolumaram sob as mãos dela enquanto a penetrava de novo.

Era tarde demais. Ela não conseguiu aguentar, e estava caindo, se estilhaçando, dissolvendo-se...

Mas ele estava lá, ancorando-a e mantendo-a segura, e murmurando em seus cabelos enquanto os espasmos de prazer sacudiam seu corpo, e depois continuaram a estremecê-la, como os abalos de um terremoto.

Ela soube que nada mais seria como antes.

— Nunca imaginei, que pudesse me sentir assim.

Emily estava com a cabeça apoiada sobre o peito dele, e acariciava seu braço. Olhando para o teto, como fizera tantas outras vezes quando levava mulheres ali, Luis sorriu tristemente.

— Nem eu.

Ela se apoiou nos cotovelos e olhou para ele com a testa franzida. Já escurecera quase totalmente lá fora, mas seus olhos azuis brilhavam com uma luz que vinha de dentro dela.

— Foi bom?

Bom. Ele não sabia o que dizer. *Bom* nem chegava perto do que acontecera.

— Foi mais do que bom.

— Desculpe se não fiz com você todas as coisas que fez em mim... — Ela baixou os olhos.

— Ainda bem que não fez. Senão não teria durado nem dois minutos.

Vê-la se soltar aos poucos, se entregar, perder o controle, fora a experiência mais erótica de sua vida, mas por isso mesmo uma das mais desafiadoras. Controlar seu desejo depois de tanto tempo fora agonizante e exaustivo... e profundamente satisfatório. Fez com que Luis percebesse que até agora não sabia o que significava fazer amor. O que andara fazendo com aquele longo cortejo de mulheres anônimas era como tocar com um só dedo uma canção repetitiva infantil ao piano. Como colorir um

desenho tosco com giz de cera.

Aquilo fora a *Nona de Beethoven*, uma obra de arte pintada a óleo.

— Fica para a próxima — ela disse.

Ouviram o ruído de um helicóptero lá fora. Ele levantou-se abruptamente, xingando em português enquanto pegava as roupas que jogara no chão.

— Precisamos nos vestir.

— Luis...

— Não temos muito tempo antes que os seguranças entrem aqui para ver se fomos sequestrados por terroristas, então por favor...

Ele pegou o vestido e o levou até a cama, tentando não sentir o cheiro que ficara na seda, pois sabia que isso enfraqueceria sua determinação.

Ela sentou-se e o pegou dele. Os olhos dela estavam cheios de angústia, medo e dor.

— Não está tentando me dizer que não vai ter uma próxima vez, está?

Ele parou de abotoar a camisa.

— Deus, Emily, não é o que eu quero. Mas merece muito mais do que posso lhe dar.

— Não sou criança, Luis. — Ela se levantou segurando o vestido junto ao corpo. Em contraste com seu cabelo escuro e a seda vermelha, seu rosto estava muito branco. — Não mais. Não quero um perfeito final feliz de contos de fadas. Quero isso.

Ela se aproximou dele. Seus pés descalços não faziam nenhum ruído no chão de madeira, seus olhos estavam claros como um céu de verão.

— É como se tudo o que eu não entendia fizesse sentido agora, e depois de anos controlando meu corpo e forçando-o a ser perfeito, finalmente sei qual é o sentido disso tudo.

Colocou a mão no peito dele, sobre seu coração. Os músculos dele se contraíram instantaneamente em reação ao desejo violento que sentiu.

— Sexo casual? — Ele quis parecer irônico, fazer uma alusão àquela noite no hotel de Londres. Mas a amargura em sua voz cortou as sombras entre eles como uma lâmina.

Ela não se acovardou. Respondeu com uma voz suave e densa como veludo que o envolveu:

— Sim, se prefere chamar assim. Sexo casual.

Lá fora, o zumbido em *staccato* dos helicópteros ficava mais alto. Luis olhou pela janela, começando a sentir pânico e desespero.

Perdão, Rico, ele pensou cheio de tristeza. *Perdoe-me, mas entenda... Não quebrei minha promessa...*

Diante do caixão de Rico, na noite antes do funeral, ele fizera a promessa de parar de fazer sexo casual com mulheres de quem mal sabia o nome.

E parara.

O que o assustava agora era que isso era algo completamente diferente.

Capítulo Doze

Emily escreveu para Oscar.

Começou escrevendo "Querido papai", pois era assim que ela e suas irmãs se dirigiam a ele, mas algo no termo infantil lhe parecia estranho agora. Engolindo suas incertezas, ela prosseguiu.

Soube por Luis que não ficaria surpreso com o endereço no topo da página. Ele me disse que entrou em contato com você várias vezes desde que me encontrou em Londres por acaso. Sou grata a ele por isso. Na época eu pensava estar conduzindo tudo perfeitamente bem quando na verdade estava pensando tudo errado, e não paro de imaginar o quanto devia estar preocupado.

Ela parou. A ponta de sua caneta continuou encostada na superfície aveludada do papel do palácio. Isso também não estava certo. Sabia o quanto ele devia estar preocupado, mas a verdade era que estava com raiva demais dele para se importar.

O quanto isso parecia infantil e egoísta agora.

Ela continuou, e sorriu ao escrever o nome de Luis.

Sou muito agradecida a Luis. Entre outras coisas, ele me fez ver o quanto me comportei mal com você depois que Mia chegou. Envergonho-me por ter sido tão dura, tão imatura e ingênua. Espero que me perdoe, e Mia também. Escrevi para ela separadamente. Ela ainda está aí em Balfour?

De repente deu-se conta de quanto tempo ficara fora. Não tanto em termos de meses, talvez, mas em termos de tudo o que acontecera. Quando partiu era inverno, e a presença de sua mãe ainda preenchia a casa. Se voltasse agora descobriria que o espírito de Lillian, a serenidade que sempre dera ao lugar partira também?

Uma lágrima caiu sobre a página, e ela rapidamente a enxugou, voltando a escrever.

Estou aqui, tenho certeza de que sabe disso, para ensinar balé à sobrinha de Luis, Luciana, cujos pais morreram tragicamente num acidente de helicóptero no ano passado, deve lembrar-se disso. No início ela não falava muito, mas depois que nos conhecemos melhor ela se abriu muito mais, e agora sei que o mais triste no que aconteceu é que ela não se sentia realmente próxima de seus pais ou amada por eles. Isso me fez perceber quanta sorte tive em ter você e mamãe, em ter sido tão amada e protegida. Tanto que, de certo modo, estava despreparada para o mundo real, como a princesa na torre da história que costumava ler para mim. Nunca pensei no que poderia acontecer quando chegasse a hora de sair daquela torre e ir para o vasto mundo cruel, e foi mais duro e doloroso do que eu poderia imaginar. Mas também foi...

Parou de novo, sem saber como passar para o papel o êxtase agriçoce das últimas semanas. Doce porque Luis a libertara dos medos de perder o controle, de não ser perfeita, de ser dominada pelos desejos proibidos que se escondiam sob a superfície. Ele, ironicamente, trouxe todos esses medos à tona, mas ao fazê-lo lhe mostrou que não precisava mais sentir medo nem vergonha.

Mas o lado amargo era saber que não conseguiria tocá-lo como ele a tocara. Que enquanto se abria completamente para ele, ainda havia uma parte dele que mantinha escondida. Escondida e trancada.

Com um suspiro, olhou para a página diante dela. *Maravilhoso*, ela completou sem convicção. Começou a escrever mais rapidamente, querendo terminar logo a carta e enviá-la para Oscar.

Estou dançando de novo, outra coisa pela qual agradeço a Luis. Estou participando da comemoração do Jubileu de Prata do rei Marcos Fernando como solista do Balé Nacional Brasileiro. Faço o pas de deux de Giselle, e Luciana dança em O Quebra-Nozes. Imaginei se talvez...

Franziu a testa. Sua caligrafia bem feita começou a entortar.

...pudesse vir nos ver. Sei que o rei é um amigo seu de longa data e ele está mal de saúde, então é melhor não adiar sua vinda se quiser vê-lo de novo... "

Olhou para seu relógio. Demorou mais do que imaginara, e o carro devia estar esperando para levá-la ao Grande Teatro de Santosa. Umedeceu os lábios e continuou, sem querer pensar muito no que escrevia para não perder a coragem.

O que estou dizendo é que quero muito vê-lo. Senti muita saudade.

Terminou às pressas, chorando ao assinar e escrever o endereço familiar, como fazia todo domingo à noite quando estava na escola de balé. Depois pegou o envelope creme, junto com a garrafinha de água e a toalha do ensaio, e saiu para deixá-lo na mesa de correspondências da entrada, antes que mudasse de ideia.

— Estou preocupado com você.

Luis olhou para seu pai com cinismo.

— Vindo de um homem em suas condições, isso é preocupante.

O rei Marcos Fernando deu uma risada resfolegante que ameaçou deslocar o tubo de oxigênio em seu nariz.

— É exatamente isso — ele disse quando recuperou o fôlego para voltar a falar.

— Uma centelha do antigo Luis. Não vi muito disso nos últimos meses.

— Não. Bem, não seria muito apropriado sentar aqui e fazer piadas com você...

— Em meu leito de morte? Por que não? Iria me distrair um pouco. Tenho tempo demais para pensar. E me preocupar. Principalmente com você.

— Você e toda a Casa Real — Luis disse olhando através da janela da clínica particular para um jardim bem-cuidado, cheio de flores vistosas. — Tomás e Josefina estão à base de tranquilizantes com a ideia de minha ascensão ao trono.

— Bem, é um papel que nunca se esperou que pudesse assumir. — O rei Marcos Fernando nunca fora muito diplomático. A doença e a noção do tempo passando o deixaram mais direto ainda. — Não é feito para isso, como Rico era. Não seria fácil para você como teria sido para ele.

— Muito obrigado.

O rei ignorou o sarcasmo de seu segundo filho.

— É uma observação, não uma crítica. De qualquer modo... — ele disse, apoiando a mão numa pilha de jornais sobre a mesa de cabeceira. — Parece estar fazendo tudo

direito ultimamente. Interessando-se por obras de caridade, demonstrando preocupação por seu velho pai decrépito, conseguindo manter suas aventuras sexuais longe dos jornais... — Ele olhou para Luis com astúcia. — Qual é o truque?

Luis manteve a voz e a expressão impassíveis.

— O que quer dizer?

Seu pai se ajeitou na cama, encolhendo-se momentaneamente quando bateu no tubo que liberava um líquido incolor nas costas de sua mão.

—Você tem sempre um artil — disse sem fôlego. — Na escola, eu me preocupava mais quando suas notas eram boas, pois sabia que o bom resultado era para desviar a atenção de alguma coisa que estava tramando. — Ele parou para tomar fôlego. — Como quando seduziu a filha do diretor. Quando ele me disse que você ia lá todas as noites ter aulas extras de latim, eu soube que algo não estava certo.

Luis sorriu.

—Não era a filha dele, era a esposa. Mas dessa vez não precisa se preocupar. Estou me comportando de modo impecável.

— É por isso que estou preocupado. — O rei Marcos Fernando pegou um jornal de cima da pilha e o abriu.

Luis foi atravessado por uma pequena descarga elétrica ao ver sua foto beijando Emily ao lado do carro, na saída do balé.

— Essa foi sua indiscrição mais recente, e foi três semanas atrás — seu pai observou. — Praticamente uma eternidade para seus padrões. É a caçula de Oscar Balfour, não é?

— Emily. É sim. — Num esforço heroico, Luis desviou o olhar do rosto dela na foto, mas a imagem continuou em sua cabeça. — Ela ensina balé a Luciana.

— Ótimo. — Seu pai falou, desconfiado. — Você parece ter gostado disso, e a imprensa também. Tem de ser cuidadoso para que essas obras de caridade e visitas a hospitais não o façam parecer muito tedioso. O público também não gosta disso.

Luis levantou-se de repente, enfiou as mãos nos bolsos, foi até a janela e olhou lá para fora sem ver o jardim perfeito.

— Nunca para de pensar na *aparência* das coisas? Ou no que as pessoas pensam?

— Não. Essa é nossa vida. Em nossa posição, é o que conta. — O tom de seu pai era autoritário. — Essa Emily... Não está apaixonado por ela, está? — acrescentou pensativo.

— Claro que não.

A resposta foi instantânea. Automática. Ao ver o reflexo de seus olhos no espelho, Luis sentiu desprezo por si mesmo.

— Graças a Deus. — O rei Marcos Fernando ficou aliviado como se Luis tivesse acabado de negar que era *serial killer*. — O amor não é para nós, Luis. Tem de se casar, claro, e gerar um herdeiro, mas precisa encarar isso como uma transação de negócios. Uma fusão de empresas, se preferir. O amor só vai acabar com você.

— Que romântico.

— Romance? — O rei fez um ruído de desdém. — Deixe o romance para Hollywood e os contos de fadas. Fazer parte da realeza é aceitar que tem uma vida

dupla. De um lado os negócios. Do outro, o prazer. Trabalha-se duro e se fazem sacrifícios pelos negócios, mas pode-se aproveitar a vida discretamente. Se seguir as regras, ninguém sairá machucado.

O quarto ensolarado tornou-se subitamente quente demais. Luis sentia suas têmporas pulsarem ao virar-se para olhar para seu pai.

— Mas não é tão simples assim, não é? — ele disse sem se alterar. — Você queria que fosse, mas não é. Minha mãe saiu machucada.

Ao dizer isso ficou surpreso e aliviado. Era território proibido, mas Luis sentiu que precisava explorá-lo. Passara os últimos 14 anos tentando não pensar no que acontecera, mas Emily o fez ver que isso influenciara sua vida e o levava a caminhos que não teria seguido se Cássia Cordoba não tivesse adormecido na banheira e nunca mais acordado.

O rosto de seu pai estava rígido contra o travesseiro.

— Sim, mas não por mim. Ela se machucou porque quebrou as regras.

— Como?

O breve silêncio que se seguiu foi preenchido pela respiração áspera do rei.

— Apaixonando-se.

A pulsação nas têmporas de Luis disparou. Ele as pressionou com seus dedos tentando abrandá-la. Mas foi em vão.

— Por outro homem?

— Sim. — O rei suspirou e olhou para Luis com os olhos cheios de mágoa. — Ela não foi feita para a realeza, era muito sensível e emocional. Mas era bonita e vinha de uma boa família, então... — Ele deu de ombros. — De qualquer modo, as coisas ficaram bem por uns tempos, mas ela se apaixonou por um piloto de corrida. O caso deles durou anos, até que ele morreu numa corrida e...

— Ela se matou. — Sua voz soou estranha para seus próprios ouvidos.

— Sim. — O suspiro que o rei Marcos deu pareceu abalar seu corpo outrora grandioso, arriscando dessa vez desencaixar o tubo de oxigênio. — Como sabe, a história oficial é de que ela bateu a cabeça no banho. Um acidente.

Luis sabia disso, mas também sempre achara que a morte de sua mãe estava ligada ao frasco de comprimidos que ela carregava consigo o tempo todo. Tirava-os de sua bolsa e os escorregava para dentro da boca com tanta frequência que nem parecia estranho. Era como lembrava-se de sua mãe. Distraída, infeliz. Ausente mesmo quando estava ali. A garota emocional e sensível que seu pai descreveu para ser alguém completamente diferente.

Como Emily.

— Não, não, não! É tarde demais!

A música parou quando a voz do diretor ecoou pelo palco.

Emily baixou a cabeça, com as mãos na cintura e a respiração ofegante. Era a terceira vez que errava a hora do salto, e não podia culpar seu parceiro nem o diretor por começarem a perder a paciência.

— Desculpe — ela disse olhando para Adriano, que fez cara feia. Alto, contemplativo e romântico, o bailarino principal do Balé Nacional Brasileiro era o estereótipo perfeito de um bailarino arrogante.

— Talvez tenha... — ele tentava encontrar a palavra certa. — ...exagerado?

— Sim, acho que tenho exagerado um pouco. — Emily se abaixou, massageando as pernas com ostentação para esconder um sorriso.

Não nos ensaios, porém. A noite anterior fora particularmente exaustiva, mesmo para os padrões de Luis, e a ardência em suas coxas não tinha nada a ver com os *grands jetés*, e sim com *grande passion*.

— Vamos fazer de novo — ela disse ao diretor.

Adriano aquiesceu com altivez, e disse algo em português para Thiago, o diminuto diretor que recuou teatralmente enquanto a música recomeçava.

O Grande Teatro de Santosa era uma construção grandiosa e com ar-condicionado insuficiente. Emily sentia o suor escorrer por suas costas ao se posicionar para o *pas de deux* e olhou para a escuridão na plateia. Ficou tensa pela pressão em não errar de novo, e ficar nas pontas dos pés fazia seus músculos internos das coxas protestarem.

De repente lhe veio à lembrança a memória de suas pernas em volta da cintura de Luis enquanto ele a possuía em pé. Oh, Deus, ela pensou debilmente, tentando forçar sua cabeça a voltar ao presente, sentindo seu corpo em chamas. Como era irônico que Luis tivesse trazido paixão de volta a sua interpretação, mas a perfeição e a precisão parecessem ter ido embora.

Disciplina, foco, controle. Braços, pés, coluna. Emily se concentrou para o salto. Dessa vez foi no tempo exato, e Adriano a segurou e a colocou suavemente de volta nas pontas dos pés.

Mantiveram a postura quando o *pas de deux* chegou ao fim, seus peitos subiam e desciam no mesmo ritmo. Pressionada de encontro ao corpo de Adriano, Emily ficou tonta por um instante ao lembrar como Luis e ela caíram esgotados na cama, ela com seu rosto corado colado à pele suada dele, e seu corpo inteiro esparramado sobre o dele.

A música terminou.

— Perfeito! — Thiago gritou abrindo os braços, enquanto vinham aplausos detrás dele.

Ele virou-se surpreso e ofendido por ter seu ensaio interrompido. Emily semicerrou os olhos para enxergar no escuro e viu alguém levantar de um assento do meio e ir para o corredor. Alguém alto, de ombros largos, e com o andar arrogante e predatório de um tigre.

Ou de um lobo.

A censura raivosa de Thiago cessou de repente, e tornou-se adulator quando viu o príncipe Luis. Adriano afastou-se dela como se ela estivesse em brasas e se inclinou em uma reverência.

— Vossa Alteza...

Luis fez um breve aceno de cabeça, sem expressão alguma no rosto.

— Perdoe-me por interromper seu ensaio. — A voz dele, mesmo quando dizia tais cortesias, fazia os pelos da nuca de Emily se arrepiarem. — Está ficando bom. — Olhou brevemente na direção dela, fazendo-a sentir um calor sob sua pele. — A srta. Balfour está indo bem.

— Sim — Thiago concordou com um suspiro. — Cheia de... paixão. Com as luzes da ribalta, os olhos de Luis brilhavam, e um músculo saltou em sua têmpora.

Thiago colocou as mãos nos quadris e olhou para Emily, satisfeito.

— Mas só falta uma semana para o espetáculo, então precisamos adicionar precisão a essa paixão.

— Não hoje. — Luis deu uma olhada fria para Adriano. — Desculpe, tenho de levar a srta. Balfour. É um assunto importante.

— Qual é o problema? É com Luciana?

Do outro lado da mesa, os olhos de Emily demonstravam ansiedade, mas Luis tomou um gole de café antes de responder. Estavam em um minúsculo bar escuro, numa rua transversal à praça principal de Santosa. Não era exatamente o Ritz, mas Luis conhecia o dono havia anos e confiava nele para manter os *paparazzi* longe. Dois seguranças de Luis tomavam café a uma mesa na entrada e não conseguiam parecer discretos.

— Não, Luciana está bem. — Ele colocou a xícara de volta no pires e passou a mão no queixo não barbeado.

Sentia-se tenso por causa de emoções, às quais não estava habituado e que não aguentaria analisar. A sensação o fez lembrar-se de quando caíra da moto há uns anos, daqueles poucos instantes em que observou sua camisa se encher de sangue, de sentir a dor mas não querer olhar para a ferimento.

— Acabo de visitar meu pai.

— Ele está... piorando?

— Não. Pelo contrário, estava melhor. Certamente mais falante. Os olhos dela estavam cheios de compaixão.

— Isso é bom, não é?

— Talvez — ele disse com ironia, pegando um cubo de açúcar e desmanchando-o entre os dedos. — Mas estranho. Como lhe disse, em nossa família não conversamos muito.

Era bom que ele finalmente tivesse compreendido a sombra que pairava sobre sua infância, mas isso o perturbava mais do que admitia. Por isso fora encontrar Emily. Queria ser assegurado de sua normalidade. Limpando o açúcar de suas mãos, ele se recostou na cadeira.

— E então, como foi o ensaio? Ela deu de ombros.

— Como viu. Tenho a paixão, mas agora preciso trabalhar minha precisão.

— Com certeza tem a paixão — Luis disse acidamente. — O que você e Adriano vão fazer no bis? Sexo no meio do palco?

Ele teve uma súbita lembrança daquela noite na Inglaterra, quando começara a

seduzi-la de forma calculada e arrogante no hotel. *O ciúme é uma doença à qual sou completamente imune.* Suas palavras frias lhe voltaram, e ele reconheceu a justiça da situação em que se encontrava agora. Louco de ciúme de um *bailarino*, Deus do céu.

— Já tenho sexo suficiente no momento, obrigada — ela disse com suavidade, e por um instante seus olhares se encontraram e ele teve vontade de levá-la para a cama.

Eu não, ele quis dizer. Era como se nunca tivesse o bastante dela.

— De qualquer modo... — O rosto dela ficou vermelho e ela o olhou. — ...queria falar com você sobre Luciana. Semana que vem é o aniversário dela.

Luis ficou aliviado com a mudança de assunto.

— Claro. E quase um ano desde a morte de Rico e Christiana.

— Bem, como Luciana não tem amigos da idade dela, imaginei se poderíamos fazer algo com a menina, em vez de uma festa. Algo divertido. Algo *normal*.

— Alguma sugestão?

— Sim, mas você não vai gostar. — Com um sorriso, ela se abaixou e pôs as mãos sob a mesa, encolhendo-se um pouco. — Desculpe, meus pés estão me matando.

Luis franziu a testa e olhou para debaixo da mesa. Viu que ela tirou os sapatos e esfregava os dedos. Um desejo fortíssimo o atravessou.

— Continue — ele disse.

— Bem, eu pensei... — Quando ela descruzou as pernas, seu pé descalço roçou o joelho dele e ele o segurou. Ela deu um sorriso largo que iluminou seus olhos azuis e ferveu o sangue dele. — Eu pensei... — ela repetiu com a voz rouca de desejo enquanto os dedos dele massageavam seu peito do pé — ...que podíamos...

Ele ergueu as sobrancelhas, gostando de vê-la se desmanchar.

— Sim... Ela hesitou.

— Não quero que diga não — ela sussurrou, escorregando um pouco na cadeira, puxando os cabelos para trás, sem tirar os olhos dos dele, que estavam com um brilho perverso.

E de repente ele não estava mais segurando seu pé. Com um movimento rápido, ela o tirou de sua mão e o colocou entre as coxas dele.

Ele ficou instantaneamente duro enquanto seus artelhos fortes e flexíveis o tocavam.

— Prometa que não vai dizer não — ela cochichou com um sorriso nos olhos.

— Atrevida — ele murmurou.

Tonto de desejo, Luis olhou para os seguranças, que conversavam escarrapachados nas cadeiras. Olhou de volta para Emily. Seu rosto perfeito em forma de coração estava sereno e controlado. Só seus olhos, que tornaram-se escuros como safiras, e brilhavam febrilmente, a denunciavam.

— Não consigo me imaginar dizendo não a nada que me peça agora. Então me diga.

Ela sorriu com malícia, e ele engoliu um gemido ao sentir seu outro pé deslizar para o meio de suas coxas.

— Quero levá-la para acampar. Numa barraca. Na praia.

Capítulo Treze

— Certo. Agora fechem os olhos.

No quente final de tarde, Emily e Luciana olharam excitadas uma para outra.

— Você primeiro, depois eu. — Emily fez uma careta. Luciana fechou os olhos bem apertados, como se tivesse medo que se abrissem sem querer. Emily olhou para Luis.

— Você também, srta. Balfour — ele disse com severidade, pegando seu rosto e fechando suas pálpebras.

— E só abram quando eu disser.

Ela sentia a areia macia sob seus pés enquanto ele as levava pelas mãos para subir o último trecho da duna. A inclinação terminou ao alcançarem o topo, e Emily sentiu a brisa em seus cabelos e o calor do sol em seu rosto. Ouviu o barulho das ondas e sentiu o cheiro do mar.

— Agora — ele disse calmamente —, abram.

Eram *As mil e uma noites*, ou Camelot, diante deles na praia. Várias tendas brancas estavam agrupadas na areia, com bandeiras rosa em cima, e balões e bandeirinhas amarrados entre elas. Luciana estava maravilhada, com as mãos cobrindo a boca, e os olhos cheios de lágrimas de surpresa e alegria.

Emily entendeu como a menina se sentia.

— É verdade? — Luciana perguntou. — Vou realmente dormir aqui essa noite?

— Pode apostar — Luis disse, e Emily sentiu um nó na garganta ao perceber a emoção na voz dele. — Porque você é a aniversariante. Vá olhar seu quarto. Deve encontrar algumas pessoas que conhece lá.

Ela desceu a duna correndo, com a camiseta listrada e o short vermelho que Emily lhe deu de aniversário, com seus cabelos ao vento. Só então Emily virou-se para Luis, sorrindo enquanto lágrimas de emoção desciam por seu rosto.

— Isso é incrível. Absolutamente perfeito. Obrigada.

— Fico feliz que aprove — ele disse secamente.

— Oh, sim. Muito.

Ela ficou nas pontas dos pés para beijar sua boca, mas ele recuou. Ela sentiu uma pontada de desapontamento.

— Cuidado. — Ele indicou a praia com um aceno de cabeça. — Temos plateia.

Tomás saiu da tenda, quase irreconhecível sem terno e gravata. Com ele estava uma loira bonita e curvilínea, que ela deduziu ser Valentina, segurando um bebê fofo no colo, e Elena e Paloma, duas das babás do palácio. A sra. Costa, felizmente, não parecia estar ali, mas havia vários homens de short e camiseta que Emily não reconheceu.

— Convidar metade da equipe de segurança foi o único modo de fazer Tomás e o chefe da segurança concordarem com isso — Luis explicou ao ver para onde ela olhava, e ela compreendeu que aqueles rapazes bronzeados e relaxados eram os guarda-costas que estava acostumada a ver de uniforme, abrindo portas para ela e seguindo Luis

como sombras.

Ali, ao irem cumprimentar Luciana, pareceram humanos pela primeira vez.

— Foi muito difícil? — ela perguntou, culpada.

— Vamos dizer que isso vai tomar qualquer negociação diplomática futura que eu tenha de fazer com ditadores fascistas e déspotas explosivos uma brincadeira de criança. — Ele lhe deu um sorriso atravessado. — Venha. Quero mostrar suas acomodações. E vamos começar a festa.

Jogaram beisebol e apostaram corrida, com as jovens babás dando gritinhos de excitação nas costas dos seguranças. Emily ficou na linha de chegada tirando fotos enquanto Luis passou correndo por ela com Luciana montada nele como um macaquinho, com o rosto iluminado de alegria.

Ele tirara a camiseta, e vestindo apenas uma bermuda de surfe desbotada era difícil imaginar a responsabilidade que carregava em seus ombros morenos. E, ao mesmo tempo, Emily pensou com uma pontada de desejo, era impossível esquecer quem ele era. Nobre. Especial. Estava impregnado em cada mínimo detalhe seu, cada movimento autoconfiante e gesto gracioso.

Ela pensou naquela noite no restaurante, quando fizeram aquele jogo bobo de animais, na amargura da voz dele quando disse que não era nobre o bastante para ser um leão. Mas, olhando para ele sob a luz do sol, era exatamente isso que ele a fazia lembrar. O lobo que saíra das sombras e estava ainda mais forte, orgulhoso e arrebatador.

Depois dos jogos, Tomás fez uma fogueira e Valentina cozinhou salsichas e bifes, enquanto Luciana brincava com a bebê Gracia. Uma das tendas servia de bar e cozinha, e Matheus, o segurança preferido de Luciana, preparou para ela uma vaca preta enfeitada com um pequeno guarda-chuva de papel rosa e a presenteou com um floreio. Ele também levou um iPod, e, quando o sol amarelo tornou-se rosa, a noite encheu-se de música, e Luis abriu um champanhe.

Instintivamente, Emily mantivera distância dele, mas de repente ele estava diante dela segurando uma taça. Seus olhares se encontraram quando ela a pegou, e se encheu de desejo quando seus dedos se tocaram.

— Obrigada.

— Eu é que agradeço — ele disse. — Foi tudo ideia sua.

— Mas é mais do que eu poderia ter sonhado... — Ela traçou um arco com sua taça que abarcava as tendas, a praia deserta e o sol rosado se pondo sobre o mar. — Você transformou minha ideia em mágica. Luciana está tendo o melhor dia de sua vida.

O rosto dele estava muito tranquilo e bonito ao olhar para o mar.

— Espero que sim.

Alguém aumentou o volume do som, e Luciana gritava o nome dela. Relutante em tirar os olhos dele, ela virou-se.

— Emily, escute! Matheus pôs a música da nossa dança. Vamos dançar!

A *Valsa das flores* de *O Quebra-Nozes*, com suas referências ao Natal, estava

pairando no ar, destoando da areia branca tropical. Sorrindo, Emily tomou um gole de champanhe e entregou a taça a Luis antes de amarrar sua blusa xadrez na cintura e ir juntar-se a Luciana.

O rosto de Luciana estava franzido de concentração enquanto fazia seu número ensaiado, e Emily dançava em volta dela. A areia macia voava de seus pés a *cada fouetté*. No final, todos aplaudiram loucamente, e Luciana estava radiante de orgulho.

— Agora você — ela implorou a Emily. — Faça o seu!

— Não. — Rindo, Emily lhe deu um beijo na cabeça e voltou para pegar seu champanhe com Luis. — É uma festa, todos devem dançar. Matheus, tem alguma música de festa?

— Claro!

Um instante depois, a batida do samba preenchia a noite quente, e Matheus foi até Luciana e a pegou pelas mãos.

— Eu mostro à Vossa Alteza — ele brincou. — E o senhor pode mostrar à srta. Balfour como dançamos em Santosa.

— Vai ser um privilégio para mim — Luis disse perto de seu ouvido.

Elena e Paloma foram convidadas por outros seguranças, e Tomás puxava Valentina, que protestava aos risos. A música era contagiante, e Emily não conseguiria resistir a seu ritmo persuasivo, nem mesmo se as mãos de Luis não estivessem em sua cintura.

Ele era, ela descobriu com uma vibração de prazer, um ótimo dançarino. Ele enfiou os dedos nos bolsos traseiros de seu short e puxou-a pelos quadris, de modo que ondulavam juntos, com a parte de cima de seus corpos quase imóvel, olhos nos olhos. Dançaram por muito tempo assim enquanto um sol laranja se desmanchava no mar.

— É uma dançarina de samba nata — Luis murmurou com uma voz rouca.

— Talvez tenha encontrado minha especialidade. Estou horrível no balé. Sem precisão, sem controle.

— Adoro sua falta de controle.

Ela ficou toda derretida de desejo.

— Luis, eu...

— Xiii... — Ele pôs um dedo em sua boca. — Agora não. Não aqui.

A festa continuava, e ele a soltou e recuou.

— Não acha que eu deveria dançar um pouco com a aniversariante?

Emily concordou em silêncio, meio aliviada pela interrupção de seu desejo, meio desolada com seu afastamento abrupto. Já deveria estar acostumada, pensou desesperada ao vê-lo ir até Luciana. Deveria estar habituada a querê-lo, *inteiro*, e ele sempre escapar.

Pois essa era a única falha em sua alegria. Ele a despertara, fizera-a conhecer um prazer que jamais imaginara, e ela se abrira completamente para ele, de corpo e alma. Enquanto ele... permanecia distante e misterioso como a lua.

Luciana riu feliz quando Luis a levantou e girou com ela, que estava com suas mãozinhas em seus ombros musculosos. Emily engoliu seu nó na garganta e tentou

sorrir como todo o mundo. Mesmo tendo acabado de perceber que amava o príncipe herdeiro de Santosa e que não havia a menor chance de ele sentir o mesmo.

Sexo casual: era o que tudo aquilo significava para ele. Fantástico e transformador, mas não era o suficiente.

Mais tarde, quando as velas do bolo e o brilho laranja do sol se extinguíram, e a dança deu lugar a histórias em torno da fogueira, uma Luciana bocejante foi levada para a cama em sua tenda. Abaixando-se para passar pela entrada, Luis entrou para lhe desejar boa noite. Ela estava quase dormindo, e ao abaixar ao lado da cama de *camping* ele sentiu uma emoção tão forte que ficou sem ar por um segundo. A culpa de sempre. Mas agora também muito mais além disso.

— Obrigada pela festa linda — ela sussurrou.

Ele sorriu.

— Por nada, foi um prazer. Seu aniversário foi bom?

— O melhor de todos — ela respondeu.

Sua resposta, e a ênfase com que falou, o pegaram de surpresa.

— Ótimo — ele disse, endireitando a postura. — Fico feliz.

Ele hesitou por um instante, com o que queria dizer preso na garganta, e então Emily entrou. Ela olhou para ele. Ele sentiu que todos os seus problemas poderiam ser dissolvidos nos lagos tranquilos que eram os olhos dela. E quando foi até a cama ela roçou seu braço com os dedos, e sua garganta se fechou e as palavras o abandonaram.

Ele deu um último sorriso para Luciana e saiu. Todos estavam sentados em torno da fogueira, não muito longe das tendas. Mas Luis não foi para lá. Pegou uma garrafa de cerveja e foi em outra direção, para os penhascos na outra ponta da baía. Desde que chegaram seu volume escuro o incomodava e tentou ignorá-los, mas agora sabia que não poderia mais evitar. Tinha de ir lá. Era o dia certo, o aniversário de Luciana.

O melhor aniversário de todos, ele pensou, novamente surpreso. Envergonhava-se ao lembrar como nos anos anteriores a data não significara muito para ele, mas presumira que Rico e Christiana fariam algo para torná-la especial. Mas talvez não conhecesse tão bem seu irmão quanto pensava. Sempre respeitara Rico por sua dedicação absoluta ao dever, mas talvez ela fosse incompatível com ser um pai amoroso.

Sem se dar conta, se dirigira para a beira da água e caminhava com as ondas quebrando suavemente sob seus pés. Diante dele erguiam-se as escarpas. Enormes, escuras e ameaçadoras. Ao aproximar-se delas o ar ficou mais frio, como se o espírito de Rico estivesse ali.

Tomou um gole de cerveja e procurou a rocha que considerava um monumento a Rico. Ao localizá-la, foi até lá e sentou-se na areia aos pés dela. Era surpreendentemente quente sob suas costas nuas.

Tomou outro gole de cerveja e olhou para a praia escura. A luz da fogueira parecia estar muito distante, e as pessoas ao redor dela eram apenas figuras indistintas, mas procurou automaticamente por Emily.

Emily. Só seu nome já fazia sua pulsação acelerar e seu corpo enrijecer. Deus, era como estar sob algum tipo de feitiço. Ela estava dentro dele, e se achava difícil resistir a ela antes, agora que a tocara e a possuía era quase impossível.

O que começara como uma relação forjada pelo bem de sua imagem pública tornara-se algo fundamental a seu lado mais íntimo. Era por isso que preferia mantê-la em segredo, para tentar protegê-la. Porque, no momento em que alguém suspeitasse que era genuína, seria o fim. Como se ela estivesse ali, falando com ele na escuridão, lembrou-se do comentário de Josefina sobre sua vida privada. *É mais uma questão política do que simplesmente pessoal.*

Um movimento a pouca distância lhe chamou atenção. Alguém vinha andando em direção a ele. Virou-se ressentido para o mar. Devia ser Tomás ou um dos guardacostas vindo procurá-lo, em sua constante busca por terroristas, fanáticos republicanos ou desequilibrados mentais. O que não pareciam perceber era que ele não se incomodava com nada disso. O que o aterrorizava era o perigo real de ficar preso a uma vida de mentiras.

— Luis?

Era a voz de Emily. Tão suave e sexy que doía. Ele virou a cabeça. Ela estava a poucos metros, com suas pernas nuas em silhueta contra a luz da fogueira, e seu rosto indistinto nas sombras.

— Estou aqui.

— Quer ficar sozinho? Perguntava-me onde você estaria, mas se prefere...

— Não. — Era para isso que fora até ali, mas agora preferia estar com ela. Diabos, o que estava acontecendo com ele ultimamente? Nem se reconhecia mais. — Na verdade... — disse com sarcasmo —, vim para cá ficar com Rico. Foi neste lugar que o helicóptero caiu, então pensei em vir tomar uma cerveja com ele.

Ele mostrou a garrafa meio vazia. Um segundo depois ele ouviu algo tilintar contra a sua, e percebeu que ela também segurava uma cerveja.

— Posso me juntar a vocês? — ela perguntou calmamente.

— Eu adoraria.

Ela sentou-se ao lado dele na areia. Não estava se encostando nele, mas só sua presença parecia envolvê-lo em uma estranha sensação de calma. Por um momento nenhum dos dois disse nada, e o único som era o das ondas, e sob ele a suave respiração dela.

— Fale sobre Rico. Como ele era?

— Como ele era? — Luis repetiu. — Nada igual a mim. Ele era... sempre *o mesmo*. — Ele falou devagar e com dificuldade, percebendo que era um modo estranho de descrever seu irmão, mas se dando conta de que isso era significativo. — O tempo inteiro, com quem quer que estivesse. Não havia diferença entre o homem que era e a pessoa que mostrava para o mundo. Tudo em relação a quem era lhe era natural.

— Quem era? Quer dizer o herdeiro do trono?

— Sim, assim como tudo sobre ser o reserva me vinha naturalmente... — Sentiu uma auto repugnância que impregnou cada palavra sua. — Ter privilégios sem ter responsabilidades, gozar da reputação de meu título sem fazer nada para merecer.

Mas Rico era o oposto.

— Mas você está aceitando a responsabilidade agora. — Era uma afirmação, não uma pergunta, e ela a fez com uma firmeza serena que lhe deu um alívio enorme.

Até que ele lembrou-se do que fez, e as portas da prisão se fecharam de novo.

— Na superfície, sim. Mas tudo em mim se rebela contra isso. Nunca vou ser capaz de fazer isso de coração.

Como Emily o faria. *Tudo o que ela faz é apaixonadamente, de corpo e alma.* Parecia ter passado uma eternidade desde aquela conversa com Oscar, mas cada palavra ainda estava marcada de forma indelével em sua memória. Quisesse ou não.

Sentiu um desejo enorme ao vê-la levar a garrafa aos lábios e dar um gole.

— Tem de fazer isso, então? Não pode...

— Fugir? — Sua breve risada tinha um tom de desespero. — Não é uma opção. Tenho de aceitar a manipulação da verdade e as mentiras descaradas que a assessoria de imprensa do palácio inventa em nome de minha "imagem".

— Mas por quê? — Ela mudara de lugar enquanto ele falava, e ficou meio ajoelhada ao lado das pernas esticadas dele, encarando-o. Ainda estava com a blusa amarrada sob os seios. — Por que não pode ser você mesmo?

— Porque meu verdadeiro "eu" não serve para o cargo. — Com muita dificuldade, ele tirou os olhos de sua barriga lisa e macia e deu um sorriso enviesado. — Ser da realeza é como ser um personagem de conto de fadas. Você só existe se as pessoas acreditam em você. Então tem de fazê-las acreditar, e na era dos celulares com câmeras e da internet isso é quase impossível, pois em cada esquina tem alguém esperando para mostrar o quanto é humano. — Ele bebeu um gole de cerveja. — Vamos encarar a realidade, até você parou de acreditar em contos de fadas — acrescentou numa débil tentativa de humor.

— Ah, mas agora acredito de novo. Graças a você, a seu "eu " verdadeiro. — Sem se levantar, ela trocou de posição e ficou ajoelhada com as pernas dele entre as suas. — Está errado sobre não servir para o cargo, sabe disso. Pode não ser o mesmo tipo de rei que seu pai foi ou que seu irmão seria, mas se fizer do seu jeito vai ser brilhante. Vai fazer com que todos acreditem, como eu acredito.

Luis enrijeceu, tentando suprimir o desejo que o atravessou. Desviou seu olhar do dela e deu uma risada debochada.

— Não posso dormir com todo o mundo.

O sorriso dela se alargou, e passou um dedo lânguido pelo peito dele.

— Não é o que você teria dito quando o conheci...

— Não. Mas tudo mudou. Não sou mais como era.

— Por que está assumindo a responsabilidade de...

— Não. — A palavra soou como uma maldição. Com o coração batendo forte, Luis tirou as pernas de baixo dela e se levantou. — Porque foi *minha culpa* — ele falou entredentes, passando a mão pelo cabelo. — O que aconteceu foi culpa minha, e vou ter de viver com isso pelo resto de minha ridícula vida dupla.

Ela também se levantou.

— O que quer dizer?

— Era eu quem tinha de ir à cerimônia a que Rico e Christiana compareceram naquela noite. Estava em *minha* agenda. Compromisso *meu*. Mas estive no júri do concurso de Miss Santosa naquele dia. — Cada palavra estava cheia de desgosto, e ele a olhou; precisava ver a reação em seu rosto. — A vencedora era linda e ficou muito agradecida. Liguei para Rico da *jacuzzi* da suíte e lhe pedi que fosse à cerimônia em meu lugar.

— Oh, Luis... — Não passou de um sussurro quase inaudível com o barulho do mar.

— Não, por favor. Não diga nada. Não há nada a ser dito. Então, agora você sabe. Matei meu irmão e a esposa dele, e com isso destruí não só as vidas deles e de Luciana, mas também a minha, o que é justo.

— Não os matou.

Ela foi para trás dele, que sentiu um violento tremor quando ela pôs as mãos em seus ombros.

— Não com minhas próprias mãos — ele falou transtornado. — Mas o resultado é o mesmo. Tenho certeza de que é isso que Luciana vai achar quando for grande o suficiente para entender. E por isso que não quero me aproximar dela. Porque, quando descobrir o que fiz a seus pais, vai se sentir mais traída ainda.

— Você não a traiu. — A voz de Emily estava baixa e firme e, enquanto falava, segurava-o com força. — E lhe deu mais amor e carinho nas últimas semanas do que ela teve nos últimos cinco anos. Ela *ama* você.

—Não! —A palavra lhe foi arrancada. Ele sacudiu os ombros para livrar-se dela e virou-se para olhá-la. —Não diga isso. Eu não mereço. Ela aquiesceu devagar e enfaticamente.

— Merece sim. O que aconteceu foi uma dessas coincidências que ninguém pode prever. O único poder que temos é o de reação, e você reagiu se tornando mais forte e mais honrado. Foi assim que conquistou seu amor. — Ela fez uma breve pausa. — E o meu também.

— Emily, não... — Foi como o urro de um animal ferido, mas ela não se acovardou, simplesmente ergueu as mãos num gesto de rendição.

— Desculpe, sei que estou quebrando todas as regras dizendo isso, mas não sou boa em manipular a verdade. Eu te amo.

Antes que se desse conta, ele a pegou pelos ombros.

— Não — ele disse, sacudindo-a, e ela caiu sobre ele. — Porque se me amar nossa vida também vai ser destruída, e eu não posso... não aguentaria isso.

Mas foi um erro ter tocado nela. Ao sentir o corpo dela de encontro a sua pele nua, a razão o abandonou e ele não conseguiu mais soltá-la. Agarrou-se a ela com o desespero febril de um homem que está se afogando e encontra uma jangada. Ela segurava seu rosto, sua boca quente estava colada à dele, seu corpo se pressionava contra o dele quase como se fossem um. Quase...

Ele se afastou, deixando Emily ofegante e cambaleando.

— Luis...

— Não — Ele apertava as próprias têmporas. — Cristo, errei ao fazer isso com você. Não há futuro nisso. Sabe disso, não é?

O coração de Emily batia tão forte que seu corpo doía a cada pulsação.

— Claro — ela disse com a voz trêmula de desejo. — Sexo casual. Foi o que dissemos o tempo todo. E continuo não me importando com o futuro, o importante é agora. Essa noite, e enquanto durar.

Por um longo instante ele não se mexeu. Bonito e de peito nu sob a luz fraca, ele parecia um santo torturado. Emily sentiu-se como Fausto, assinando seu terrível pacto com o diabo, um breve período de prazer terreno que lhe custaria uma eternidade de tormento.

Mas quando Luis pegou sua mão e a conduziu em silêncio pela praia escura, ela não se arrependeu. E quando ele a deitou sobre os tapetes de sua tenda e a despiu, acariciou-a com suas mãos e a venerou com sua boca e sua língua, ela sentiu como se estivesse dançando com os anjos.

Os sonhos dela estavam confusos, cheios de emoção e uma constante visão do mar. Acordou bem cedo, e antes de abrir os olhos tomou consciência do corpo quente e forte de Luis em suas costas, de seus braços em volta dela. Ela sorriu.

Podia ouvir vozes lá fora, baixas e graves, e percebeu que devia ter sido isso que a acordara. E então a tenda foi aberta revelando uma fatia de um céu sem cor, e o rosto de Tomás. Todo vermelho.

Atrás dela, Luis sentou-se e a soltou.

— Desculpe perturbá-lo, Vossa Alteza. É sobre seu pai.

Capítulo Catorze

A máquina que mantinha o rei Marcos Fernando vivo estava deixando Luis maluco. Ela emitia um bipe numa intensidade que parecia ser exatamente regulada para causar desconforto ao ouvido humano enquanto media cada respiração árdua.

O quarto estava quente demais. Luis levantou-se da cadeira de plástico e sentiu o suor escorrer por suas costas enquanto ia até a janela e abria as lâminas da persiana para olhar para fora. O sol estava alto no céu nublado. Há quantas horas já estava ali? Quantos milhares de vezes já ouvira aquele bipe maldito, e quanto tempo se passara desde que acordara com o rosto sobre os cabelos de Emily e o corpo dela colado ao seu?

Apoiou a cabeça no vidro, fechou os olhos, exausto, e se perguntou se estava ficando louco.

— Vossa Alteza? — Tomás estava de pé na entrada, e olhou ansioso para a pessoa imóvel na cama antes de voltar-se para Luis. — Talvez seja melhor fazer uma pausa para um café ou qualquer outra coisa. Trouxe uma muda de roupas.

Luis olhou para baixo e se surpreendeu ao ver que ainda vestia a bermuda e a camiseta da noite anterior.

— Tem realmente importância o que estou vestindo? — perguntou com cansaço olhando para o porta-ternos dobrado sobre o braço de Tomás. — Pelo menos isso é fresco. — *E ainda tem vestígios do perfume de Emily.*

— A imprensa, senhor. É claro que estão lá fora, e isso... Bem, isso não dá uma impressão adequada em uma situação como essa.

A impressão certa. Claro. O peito de Luis se contraiu numa fúria impotente ao seguir Tomás até a sala de estar de sua suíte privativa.

Tomás colocou o porta-ternos sobre o sofá e foi encher a cafeteira sobre a bancada. Vestido mais uma vez de terno cinza, era impossível ligá-lo ao homem que dançara descalço na praia pouco mais de 12 horas antes.

— Acabo de vir de uma reunião com Josefina e o secretário particular do rei — ele disse. — Achemos que não temos alternativa a não ser cancelar a comemoração de amanhã do jubileu.

Luis aquiesceu, tirando a camiseta. Um pouco de areia caiu no tapete. O único pensamento claro em sua cabeça era que não precisaria ver Emily dançando nos braços de outro homem.

— Também falei com a duquesa de Mesa, senhor. Ela virá para cá o mais rápido possível.

— Por quê?

Tomás virou-se e lhe entregou uma caneca de café. Luis não a pegou. Com todo o cuidado, Tomás a colocou na mesinha ao lado do sofá.

— Josefina acha que nos dias difíceis que se seguirão seria bom tê-la aqui. Como sua fu...

Ele hesitou, sem conseguir encarar Luis.

— Minha futura *esposa*. — Luis quase cuspiu as palavras.

As portas da prisão pareceram se fechar atrás dele, impedindo a entrada de luz, tornando difícil respirar. Subitamente desesperado, ele apoiou os braços na parede, como se quisesse afastá-la para poder ter um pouco mais de ar para respirar. Naquele momento quis tanto Emily que achou que fosse desmaiar.

— Então é isso? — disse numa voz de infinita tristeza. — Do funeral de meu pai ao casamento?

Seu casamento arranjado. E dali até seu próprio funeral, fosse lá quando fosse. De repente isso parecia não importar. A única coisa certa era que haveria um pouco de preciosa felicidade ao longo do caminho.

— Foi planejado desse modo, senhor — Tomás disse calmamente. — Sabe disso. Faz parte de seu papel.

Ele se encolheu quando Luis deu um soco na parede.

— E se eu não quisesse *o papel*?

Tomás empalideceu.

— Então vai ter de abdicar, senhor. E a princesa Luciana vai assumir o trono.

Completamente derrotado, Luis se deixou cair de encontro à parede.

Teve uma súbita lembrança de Luciana descendo a duna com seus cachos escuros balançando e os braços abertos de alegria. Algo normal e divertido; era o que Emily queria lhe dar, e ela adorara cada segundo. Que oportunidade teria de ter uma vida normal se fosse rainha? Quantas chances de se divertir?

Vindo do quarto do rei, o bipe que soava ao fundo da conversa deles de repente se intensificou. Houve uma agitação e um barulho de pés correndo lá fora e, quando se deu conta, Luis já atravessava o hall em direção ao quarto de seu pai. A cama estava rodeada de pessoas de branco, checando os aparelhos e ajustando os tubos, com rostos inexpressivos e graves como os de anjos.

E, encostado no beiral da porta, lembrou-se da manhã em que o corpo de sua mãe foi encontrado, e também ficara de pé na porta do quarto dela, olhando para o banheiro enquanto os paramédicos a tiravam da água, verificavam sua pulsação e tentavam fazer seu coração voltar a bater. *Ela não foi feita para a realeza*, seu pai dissera. *Era muito emocional e sensível*. Fora arrastada para uma vida de dever e isso a matara.

Não podia fazer o mesmo com Emily.

Virou-se e saiu, trincando os dentes contra o sentimento de total desolação que o dominou. Não havia saída.

Atrás dele, o ruído eletrônico que estivera em sua cabeça por tanto tempo cessou abruptamente, de repente não havia mais nada. Uma ausência total de som, de sensações, de esperança. E então Tomás apareceu, pálido e contido.

— Ele se foi. — Baixou a cabeça. — Sinto muito, Vossa Majestade.

— Quer chá e biscoitos, srta. Balfour?

Emily forçou-se a tirar os olhos do pedaço de céu azul que via pela janela e olhar o rosto impecavelmente maquiado da mulher de pé atrás da mesa da assessoria de imprensa do palácio.

— Oh. Sim — ela balbuciou. — Obrigada. Seria... ótimo.

Ficou surpresa ao perceber que estava com fome. Desde que saíram da praia pela manhã, o dia dera uma sensação estranha de silêncio e espera em que não havia lugar para coisas ordinárias como comer e beber.

Ali, naquela sala iluminada e vistosa, essa sensação diminuiu um pouco.

— Obrigada por ter vindo, senhorita. — A mulher que se apresentara como Josefina estava sorrindo para Emily com seus lábios cor de amora.

Emily não soube como reagir. Não sabia que tinha a escolha de desobedecer as convocações da assessoria.

— Sem problema — ela murmurou, percebendo de repente que ainda vestia o short e a camisa quadriculada do dia anterior. — Por que quis me ver?

Josefina sentou-se, olhando para Emily com uma expressão de intensa piedade.

— Lamento ter de dizer que o rei faleceu agora há pouco. Emily ouviu as palavras, mas demorou um pouco para absorver suas implicações. Ao absorvê-las, sentiu as pernas bambas. Estava boquiaberta e sua cabeça girava. Precisava dizer algo aceitável, algo correto e respeitoso, mas tudo em que conseguiu pensar foi:

— Luis. Preciso vê-lo.

Soube instantaneamente que cometera um erro. A expressão de Josefina endureceu.

— Temo que isso esteja fora de questão — ela respondeu de imediato, e então conteve sua impaciência. — Por favor, sente-se. Agora o príncipe Luis é rei, e vai ser um período muito difícil para ele. Precisa ser tratado com muito... cuidado e sensibilidade.

Emily afundou-se na cadeira, sentindo um medo cada vez maior.

— Não entendo.

Josefina suspirou e cruzou as mãos sobre a mesa.

— O rei Marcos Fernando era imensamente popular entre o povo, e seu falecimento vai causar uma tristeza geral, sobretudo por acontecer logo depois da morte de Rico — ela explicou como se falasse com uma criança pequena. — Desde o ano passado, quando se tornou o príncipe herdeiro, estamos trabalhando muito na imagem pública do príncipe Luis. As pesquisas de opinião mostram que conseguimos um pequeno milagre. O público agora o vê de modo quase tão favorável quanto via o príncipe Rico.

Ela olhou para Emily como se esperasse uma resposta. Emily a teria dado se tivesse alguma pista sobre qual seria a resposta certa.

— Não sei o que isso tem a ver comigo...

Os lábios amora alargaram-se num sorriso condescendente.

— Bem, de certo modo devemos isso a você. — De repente Josefina clicou no mouse do computador e virou o monitor para que Emily pudesse vê-lo. — Envolvê-la na campanha de relações públicas foi um risco que acabou dando certo.

— Campanha? — Emily deixou escapar de seus lábios subitamente secos.

Uma sucessão de imagens passou pelo monitor. Primeiras páginas de jornais com fotos dela com Luis. Beijando-se na saída do avião quando ela chegou a Santosa. Lado a lado atrás do carro. Entrando em outro carro, numa foto tirada a distância. Com Luciana. Chegando ao teatro na noite do balé. Saindo de lá mais tarde, com Luis segurando seu rosto entre as mãos e beijando-a.

Sentiu náusea ao lembrar-se do que ele dissera na noite anterior. *Tenho de aceitar a manipulação da verdade e as mentiras descaradas que a assessoria de imprensa inventa em nome de minha imagem.* Ele estava tentando lhe contar, ela percebeu. Tentando revelar-lhe que tudo o que acontecera entre eles fazia parte daquela manipulação.

— Precisávamos de alguém que contrastasse com o... *estilo de vida* a que o príncipe estava associado antes, e você foi perfeita. — Josefina lhe deu um sorriso de uma diretora de escola parabenizando por um bom trabalho. — Infelizmente, agora as coisas mudaram — ela continuou. Seu sorriso diminuiu como se decidisse que no final das contas seu desempenho não fora tão bom assim. — Agora o príncipe vai se tornar rei e precisamos começar a pensar a longo prazo. No casamento dele.

Aporta foi aberta, e uma moça entrou com uma bandeja de chá e biscoitos. O estômago de Emily revirou.

— Obrigada, Ana. — Josefina dispensou a garota e voltou sua atenção para Emily. — Agora é hora de apresentarmos, de modo discreto, a mulher que será a rainha de Santosa. Queremos que ela esteja em segundo plano dando apoio ao príncipe nesse período difícil.

Tudo estava indo muito rápido. Subitamente molhada de suor, Emily apertou os braços da cadeira, lutando contra a tontura, incapaz de assimilar que a mulher diante dela estava falando sobre Luis, em cujos braços ela acordara poucas horas atrás, e agora parecia estar noivo de outra.

— Quem é ela? — perguntou com uma voz que não parecia ser sua.

— A duquesa de Mesa vem de uma proeminente família portuguesa — Josefina explicou, servindo-se de chá. — Está sendo preparada há anos para esse papel. É a pessoa ideal para estar ao lado dele agora e no futuro.

Emily preferia não ter perguntado. Buscou com os dedos a beirada desfiada de seu short, tentando segurá-la, mas era como olhar para um mosaico com lentes de aumento, e só conseguia ver tudo fragmentado. — E quanto a mim? É a comemoração do jubileu?

— Infelizmente vai ter de ser cancelada. Pode continuar em Santosa, se quiser, mas vai ser um pouco... *estranho* se continuar no palácio após a chegada da duquesa.

Emily aquiesceu. Por um segundo sentiu um alívio ridículo por não ter de dançar o *pas de deux* depois do desgosto se abateu sobre ela. *Acabou*, ela pensou sem acreditar. *Já acabou*. O período de felicidade chegara ao fim, e agora o diabo vinha cobrar seu preço.

— Lamento, senhorita. Não era para ter acontecido assim — Josefina falou com cuidado e um leve tom de culpa. — O príncipe estava tão certo de que podíamos manter as coisas... sob controle. Machucá-la era a última coisa que desejávamos.

— Entendo.

Entendia mesmo. Luis já lhe dissera. *Errei em fazer isso com você*, ele disse com a voz cheia de remorso, na noite anterior. Nunca a enganara. Ela sabia dos riscos e entrou mesmo assim. Na floresta selvagem.

Emily se levantou, mas ao fazê-lo sentiu o cheiro de Luis em sua pele, e suas pernas quase lhe faltaram. A porta lhe pareceu subitamente muito distante, mas precisava atravessar a sala e abri-la.

— Fico grata por tornar isso mais fácil para ele — Josefina disse quando ela a alcançou. — Pensei que seria difícil fazê-la partir, mas vejo que a subestimei. Obrigada.

Pela primeira vez Josefina pareceu sincera. E aliviada. Mas quando Emily olhou para trás, ela já estava escrevendo em um papel enquanto pegava o telefone.

No corredor lá fora, com uma fileira de janelas vertendo a luz do sol sobre o piso envernizado, Emily respirou fundo e teve de se encostar na parede para se acalmar. Alguém vinha em sua direção, e ela baixou a cabeça. Sua vida podia estar acabada, mas ainda tinha orgulho suficiente para não desabar diante da equipe do palácio.

Mas mesmo com a visão turva pelas lágrimas, algo na pessoa que se aproximava fez seu coração parar. E então ele falou, e sua voz era muito familiar:

— Emily? Meu Deus... querida.

Ela deu um gemido, e seu autocontrole acabou quando correu para os braços de Oscar Balfour.

— Oh, querida... — ele murmurou, emocionado.

— Papai! — Ela soluçou, sentindo o familiar cheiro de sua colônia e espuma de barbear. — Graças a Deus está aqui. Por favor, papai, posso voltar para casa?

Capítulo Quinze

E no fim era só isso, Luis pensou, entorpecido.

Uma cama estreita. Um lençol bem dobrado. Uma sensação de que tudo acabara.

Ou pelo menos fora assim com seu pai. Uma vida bem vivida. Um trabalho bem feito. O povo triste e um período oficial de luto. Um filho que não conseguia sentir muita coisa.

Apoiou a cabeça entre as mãos, e quem passasse diante da porta teria pensado que estava arrasado pela perda de seu pai, quando a verdade era que mal o conhecera. Marcos Fernando era rei antes de ser pai. Alguém cuja foto aparecia mais em selos postais do que em álbuns de família. Alguém a quem se fazia mais reverências do que se abraçava.

Luis queria muito mais da vida.

Endireitou-se e passou a mão pelo rosto mal barbeado. Era inútil ficar refazendo esse percurso de pensamento, disse a si mesmo. Era cheio de minas explosivas e só levava a lugares que lhe eram proibidos.

A Emily, em outras palavras.

Durante a hora que se passou desde que seu pai fora tirado dos tubos e os médicos, e a equipe do palácio saíram, ficou sentado ali sozinho, pensando obsessivamente nas possibilidades, como um prisioneiro explorando sua cela em busca de uma saída.

Não havia nenhuma, claro, sabia disso o tempo todo. Mas continuava a voltar ao que ela dissera na praia sobre ser rei. *Faça do seu jeito. Você vai ser brilhante.* Emily, que fazia tudo de corpo e alma. Que não fingia. A quem ele amava e em quem confiava mais do que qualquer outra pessoa no mundo.

Levantou-se um pouco cambaleante, com o coração batendo forte. Seu pai estava na cama, já frio e pálido como uma efígie numa tumba, mas seu próprio corpo pulsava cheio de energia e adrenalina. Segurou a mão de seu pai por um instante e depois saiu sem olhar para trás.

Os guardas lá fora ficaram em posição de sentido quando ele passou, dando olhares constrangidos um para o outro quando ele foi direto para o elevador. As portas se abriram e ele apertou o botão do térreo. Nesse momento, Tomás apareceu na entrada da sala oposta com uma expressão alarmada.

— Vossa Alteza! Quero dizer... Vossa Majestade! Aonde...

As portas começaram a fechar. Ao ver que Luis não tinha intenção de impedi-las, Tomás entrou no elevador a tempo.

— Senhor, o que está fazendo? — Seu tom era um misto de incredulidade, indignação e pânico.

Em contraste, Luis estava de uma calma gélida.

— Voltando ao palácio.

— M... mas a imprensa está lá fora, senhor. Esperam por declarações e fotos, e o

terno que eu lhe trouxe ainda está...

Luis o interrompeu, impiedosamente:

— Preciso falar com Emily.

— Ah... — Foi uma interjeição decepcionada, mas imediatamente Tomás se empertigou, preparando-se para dar más notícias. — A srta. Balfour está voltando para a Inglaterra. Acabo de falar com Josefina. Ela encontrou-se com ela esta manhã, e depois parece que o pai da srta. Balfour chegou, por coincidência. Em vista do que aconteceu, parece que ela decidiu voltar para casa.

O elevador parou, e Luis torceu a boca em desdém.

— A srta. Balfour decidiu ou foi Josefina? — ele perguntou, dirigindo-se à porta.

— Espere. — Com uma veemência inabitual Tomás apertou o botão para fechar a porta, e ficou segurando. — É tarde demais, senhor — disse, desesperado. — O helicóptero está sendo preparado para decolar agora. Quando tiver conseguido passar pela multidão lá fora e voltar para o palácio, ela já terá ido. Então por que não volta lá para cima, veste o terno e...

Ele não continuou. O elevador sacudiu quando, num movimento rápido e firme, Luis o levantou pelo colarinho e o segurou contra a parede.

— Não. — Foi um grunhido baixo e selvagem. — Não vou esperar. Nem vou voltar para me trocar porque não ligo para vestir as roupas certas ou dizer as coisas certas. Nunca liguei, e se vou fazer isso... — A voz dele falhou, mas trincou os dentes e continuou: — Se vou desempenhar esse papel pelo resto de minha vida, vai ser do *meu jeito*. Tenho de ser eu mesmo, não meu pai ou meu irmão. E se as pessoas não gostarem disso vai ser duro. Mas não posso mais fingir. E não posso... Ele parou, soltou Tomás e se afastou.

— Senhor?

— Não vou conseguir fazer isso sem ela. — Luis ergueu o braço e se apoiou na parede numa atitude de desespero. — Entende?

Houve uma longa pausa. Então, hesitante, Tomás pôs a mão sobre o ombro rígido de Luis. — Acho que sim.

Luis levantou a cabeça, e seus olhos se encontraram por um instante, mas então a porta do elevador se abriu e ele viu através do vidro da entrada a multidão de pessoas à espera de notícias. Repórteres, câmeras, *paparazzi*, todos contidos pela severidade da situação. A recepção estava tomada pelos seguranças do palácio, que pareceram surpresos e alvoroçados com a aparição inesperada do novo rei. Houve um alvoroço de reverências constrangidas.

Com breves acenos de cabeça Luis abriu caminho até a porta. O rosto de Tomás estava vermelho e brilhando de suor, e olhou em pânico para os guardas.

Lá fora, demorou um pouco para que o que estava acontecendo se espalhasse pela multidão. E uma excitação febril substituiu o clima de tristeza quando todos começaram a se empurrar para ver o novo rei, exausto, sem camisa e de bermuda de surfe. A segurança afastou a multidão para trás e Luis subiu numa pequena plataforma. Limpou a garganta antes de falar:

— Lamento ter de anunciar a morte de meu pai, o rei Marcos Fernando — ele

falou devagar. — Ele teve uma parada cardíaca no começo da manhã, e não recobrou a consciência. Faleceu serenamente logo depois das 14h.

Houve um momento de silêncio, e então uma floresta de microfones se ergueu e as perguntas vieram uma após a outra. Mas Luis apenas ergueu as mãos e, balançando a cabeça, se afastou. Andando ao longo do cordão de isolamento, olhou por cima das cabeças dos repórteres para onde *os paparazzi* esperavam em suas motos para seguir seu carro. Um instante depois, armou-se uma confusão quando Luis passou pelo cordão e se misturou à multidão.

Os seguranças surgiram do nada latindo instruções, e Tomás, quase infartando de pânico, tentou segui-lo. Mas os repórteres abriram caminho para seu rei passar e depois se fecharam completamente, de modo que foi impossível alcançá-lo. Em segundos, Luis passou pelo grupo da imprensa, com as câmeras espoucando como fogos, e foi direto até o *paparazzo* na moto mais possante.

— Como se sentiria sendo o primeiro *paparazzo* a ser condecorado por serviços ao rei?

Quando Tomás finalmente abriu caminho entre a multidão só conseguiu ver Luis montar na moto. Ele apertou as mãos do fotógrafo rapidamente antes de a moto ser ligada. Não estava usando capacete, e ao saírem cantando pneu sua expressão era de tristeza desesperada.

— Isso É tudo? — Oscar franziu a testa ao ver como sua mala estava leve.

Emily olhou para a linda suíte pela última vez.

— É — disse em voz baixa.

Tudo o que lhe pertencia. Estava usando o vestido azul que usara quando foram jantar com Luciana, mas, fora isso, todas as roupas que Luis lhe comprara ainda estavam no closet.

Não que a duquesa de Mesa fosse precisar de ajuda com seu guarda-roupa, Emily pensou tristemente. Afinal de contas, qualificara-se para o cargo de esposa de Luis por já ter a imagem perfeita. Talvez as babás de Luciana pudessem usá-las.

Oh, Deus. Luciana. O pensamento de deixá-la lhe causava sofrimento. A hora que passara com ela mais cedo, falando sobre as coisas que fariam quando ela fosse visitá-la na Inglaterra, a deixara esgotada e se sentindo mal. Pelo menos a licença-maternidade de Valentina acabara, e com ela o estéril papel da sra. Costa. A Luciana que a abraçou chorando ao se despedir era muito diferente daquela que a cumprimentara rígida de timidez dois meses antes, ao se conhecerem.

O helicóptero esperava no gramado, e a cada passo em direção a ele Emily sentia seu coração se dilacerar. Oscar a ajudou a embarcar, todo solícito, como se ela estivesse doente, e segurou suas mãos quando as hélices começaram a girar. Emily observava o palácio ficar cada vez menor e teve de soltar sua mão da de Oscar e pressioná-la contra sua boca para abafar os soluços que não conseguiu conter.

— Oh, querida. Não tenho como expressar o quanto desejei que voltasse. Mas não assim, com o coração partido. Conte o que aconteceu.

— Eu me apaixonei por ele — ela sussurrou, inclinando a cabeça para trás e deixando as lágrimas caírem. — Sabia que era perigoso, mas não consegui me controlar.

— E ele não sente o mesmo?

— Não. — Ela olhou pela janela e pareceu que seu coração estava sendo arrancado do peito quando viu o telhado da guarita lá embaixo. — Para ele não passou de relações públicas. — Soluçou. — E, embora eu quisesse acreditar que ele acabou sentindo algo por mim, não era o suficiente. Não era *amor*.

Mais adiante ela podia ver o brilho do mar. Logo estariam sobre a praia em que dançaram na noite anterior, e onde acordara em seus braços. E então, fim. Santosa estaria para atrás, e não haveria nada além de um imenso oceano frio e profundo diante deles. Ela fechou os olhos, perguntando-se como superar a dor.

— Tem certeza? — Oscar perguntou gentilmente. — Tem absoluta certeza?

— Tenho. Mas, mesmo que não tivesse, não poderia viver com alguém que não consegue dizer isso. Não poderia viver sem saber...

— Não, querida, não poderia. Você precisa...

Ele parou no meio da frase, e Emily abriu os olhos.

— Que foi, papai?

Oscar estava olhando para fora, franzindo a testa. Com o coração disparado, Emily acompanhou seu olhar.

Embaixo deles, a maré estava baixa e a praia era uma extensa superfície branca. As tendas já haviam sido retiradas, e as cinzas da fogueira, cobertas, sem deixar vestígios da festa. Estava deserta, a não ser por uma única pessoa.

Um surfista solitário, ela pensou, notando a bermuda e as costas nuas bronzeadas. Estava inclinado como se procurasse algo na areia, mas se movimentava rapidamente, de modo que seus músculos das costas ondulavam sob o sol.

E então ela se deu conta. Ele não estava procurando nada.

Estava escrevendo.

Grandes letras na areia. Uma mensagem que ela leu, incrédula, às lágrimas.

"Emily, eu te amo."

Ela deu um soluço desesperado e enxugou as lágrimas dos olhos para ler de novo, para ter certeza de que não se enganara. Ele ouviu o helicóptero e olhou para cima. E ela viu que era mesmo Luis, e que a expressão dele estava tão atormentada quanto a sua.

— Eu ia dizer que precisa de alguém que saiba dizer que a ama — Oscar disse, emocionado. — Mas acho que escrever em letras gigantes é melhor ainda.

O coração dela estava aos pulos. Abriu a boca para falar, mas não conseguiu. Não tinha importância. Oscar já tinha ido pedir ao piloto para aterrissar.

O helicóptero levantou areia ao descer, o vento causado pelas hélices eriçando o cabelo loiro-escuro de Luis, que estava imóvel no meio do turbilhão, em uma atitude de sofrimento silencioso. Emily abriu a porta e pulou para fora, sem tirar os olhos dele um segundo.

Vagarosamente, como uma sonâmbula, foi em direção a ele com os pés afundando

na areia. Parou para tirar os sapatos e depois parou de novo a poucos metros dele ao ver que seu rosto estava molhado de lágrimas.

— Oh, Luis... — ela disse, angustiada. — Seu pai. Lamento muito.

Ele aquiesceu com indiferença, como se sua compaixão o ofendesse. Tudo nele resistia a uma aproximação e, apesar das lágrimas, ele parecia distante.

— Segui seu conselho. Vou tentar fazer do meu jeito. Não esconder nada. Fazer as coisas com o coração. — Ele apontou para a mensagem na areia. — Dizer que te amo me pareceu o melhor começo.

Ela correu até ele, que a esperou de braços abertos com um gemido abafado de renúncia. Quando ela aninhou-se em seu corpo quente, sentiu o cheiro de musgo de sua pele e seu coração batendo junto ao dele.

— O único problema é que não sei por onde continuar se não estiver aqui para me mostrar.

— Estou aqui — ela falou, levando seus lábios até os dele. — Estou *aqui*.

Ele a beijou de modo selvagem e voraz, como se para provar que ela era real.

— Não estou pedindo que fique. — Ele afundou o rosto em seus cabelos. — Não posso fazer isso com você. Mas também não podia deixá-la partir sem saber o quanto te amo. — Ele pegou seu rosto e a fez olhá-lo nos olhos. — Queria que soubesse que não ligo para o que o público pensa ou os jornais dizem. Vou te amar, não importa o que faça e onde quer que esteja, e vou continuar te amando em público e na intimidade pelo resto de minha vida.

— Não quero partir. Não quero deixá-lo nunca mais. Mas não é tão simples assim, é? Agora você é rei, isso significa que tem um dever com Santosa, uma imagem pública a zelar e...

Ele a fez parar com outro beijo furioso.

— Quero que meu dever seja com você e nossos filhos acima de tudo. Quero que minha imagem seja a de um homem que ama desesperadamente sua linda esposa. Mas estou tentando deixar de ser egoísta, então não sei se posso pedir...

— Tente — ela disse. — Oh, Luis, por favor, *tente*.

— Oh, Emily... — Ele suspirou, a soltou e deu um passo para trás. Com um sorriso matreiro, pegou a vareta que enfiara na areia. — Feche os olhos e deixe-me terminar a mensagem.

Meio rindo, meio soluçando, ela obedeceu. A certa distância, acima do som do vento e das ondas, a voz de Luis a alcançou, fazendo-a se arrepiar de amor e desejo.

— Emily Balfour, se eu prometer lhe mostrar todos os dias o quanto te amo... — ele gritou. — Se jurar nunca colocar o protocolo, o dever ou qualquer ideia estúpida sobre o que eu devia *ser ou fazer* antes de nossa felicidade, nem deixar que digam como deveríamos viver e educar nossos filhos, seria doida o bastante para fazer isso?

Ele parou de falar e ela abriu os olhos. Ele estava a pouca distância dela, e na areia estava escrito: "Case comigo".

Ela não conseguiu falar. Ficou com um nó na garganta pelo alívio, a alegria e o maravilhoso amor que sentiu, então esticou o pé e escreveu a resposta na areia úmida com o dedo, enquanto lágrimas rolavam por seu rosto: "SIM".

Correu até ele, que a pegou em seus braços e a levantou bem alto. Ela passou as pernas em volta da cintura dele e entrelaçou os dedos em seus cabelos cacheados, e ele a apertou contra si e a beijou.

Continuaram a se beijar, alheios ao vento que esparramava seus cabelos sobre os ombros de Luis, às ondas que quebravam atrás deles, a Oscar esperando com lágrimas nos olhos, e ao helicóptero e os *paparazzi* que começavam a se juntar sobre as dunas.

E dessa vez não seriam necessárias declarações à imprensa.

As duas pessoas abraçadas na praia e a mensagem na areia já diziam tudo.

Fim